

Universidade Federal do Pará

Priscilla Brito Cosme
Dr^a Ivânia dos Santos Neves

Entre a cultura popular e a arte urbana:

A cidade de São Caetano de Odivelas - Pará
nos murais contemporâneos de **And Santtos** e **Adriano DK**



Belém - Pará
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

PRISCILLA BRITO COSME

ENTRE A CULTURA POPULAR E A ARTE URBANA: A cidade de São
Caetano de Odivelas-Pará nos murais contemporâneos de And Santtos e Adriano
DK

BELÉM
2020

PRISCILLA BRITO COSME

**ENTRE A CULTURA POPULAR E A ARTE URBANA: A cidade de São
Caetano de Odivelas – Pará nos murais contemporâneos de And Santtos e
Adriano DK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como partes dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ivânia dos Santos Neves

BELÉM
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C834e Cosme, Priscilla Brito
ENTRE A CULTURA POPULAR E A ARTE URBANA: : A
cidade de São Caetano de Odivelas-Pará nos murais
contemporâneos de And Santtos e Adriano DK / Priscilla Brito
Cosme. — 2020.
195 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Ivânia dos Santos Neves
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Cidade comunicativa. 2. Murais contemporâneos. 3.
Graffiti. 4. Interação. 5. São Caetano de Odivelas. I. Título.

CDD 303.4833

PRISCILLA BRITO COSME

ENTRE A CULTURA POPULAR E A ARTE URBANA: A cidade de São Caetano de Odivelas-Pará nos murais contemporâneos de And Santtos e Adriano DK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como partes dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientadora: Prof^a Dr^a Ivânia dos Santos Neves

DATA DA AVALIAÇÃO: 30/ 03/2020

RESULTADO: (x) APROVADO () REPROVADO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Ivânia dos Santos Neves
(Orientadora – PPGCOM/UFPA)

Profa. Dr. Otacílio Amaral Filho
(Membro – PPGCOM/UFPA)

Profa. Dr^a. Denise Machado Cardoso
(Membro – PPGSA/UFPA)

*Com todo o meu amor:
À minha amada mãe Ana Cláudia
Ao meu pai Simão Cosme (in memoriam)
À minha irmã Camilla Brito
E a todos os moradores de São Caetano de Odivelas
pela acolhida afetuosa
e a cena odivelarte
da manifestação cultural Boi de Máscaras*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela dádiva da vida e benção de cada dia, por guiar e iluminar meus caminhos.

Obrigada à espiritualidade amiga, pelo auxílio e proteção.

Estendo os meus agradecimentos à minha rede de apoio, com quem tenho um imenso carinho e afeto.

À minha amada mãe, Ana Cláudia Brito, mulher guerreira e de fibra, minha maior inspiração. Gratidão por todo apoio e incentivo em cada ciclo de minha vida. Obrigada pelo teu abraço-casa, tão acolhedor e cheio de amor, pelo teu cuidado e tuas palavras de motivação capazes de reconstruir momentos de insegurança e medo, sua luz é meu guia, seu amor é meu combustível, sua força meu alicerce, seu cuidado minha proteção. Obrigada por tanto amor e tamanho amor, por ser o raio de luz da minha vida, o horizonte do meu caminhar, obrigada por torna-me parte sua, minha grande amiga e companheira de todas as horas. Obrigada por segurar sempre minhas mãos em cada sonho, em cada objetivo e vibrar junto comigo a cada vitória. Mãe, meu amor por ti é imensurável, incalculável, é infinito. Amo-te!

Ao meu amado pai, Simão Cosme Amim (*in memoriam*), por todo cuidado e amor neste plano terrestre. Obrigada por tudo, meu pai! Amarei-te para todo o sempre!

À minha irmã e amiga, Camilla Brito, por quem nutro muito carinho e amor, meu mais sincero agradecimento pelo companheirismo, pelos sonhos divididos e conversas com tanta generosidade; pela compreensão e amor dedicado. Estarei sempre ao teu lado quando precisar de mim. Amo-te!

À minha amada avó, Isabel Brito, sinto muita gratidão por tudo, pelas histórias tão valiosas e uma força inestimável, por ser uma pessoa com gestos tão genuínos que acalentam a alma. Tua generosidade e serenidade em cada palavra são sinônimos de muito amor. Amo-te!

Ao meu tio, Antônio Fábio Brito, por todo apoio e incentivo; conversas, motivação e acolhimento de sempre, obrigada por toda solicitude durante minha empreitada acadêmica em minha vida. Muito obrigada, tio.

Agradeço imensamente à Thais Oliveira, Cintia Moura e Bruna Ribeiro, a quem considero como irmãs por estarem sempre junto, apoiando-me, incentivando-me e alegrando meus dias. Obrigada pelo carinho e convivência durante longa data de amizade. Vibramos juntas em cada sonho realizado e conquistado. Estendo o agradecimento ao meu caro amigo, Jairo Souza por todo apoio e afeto. Gratidão por tudo para cada um de vocês!

Obrigada à minha turma do PPGCom 2018, em especial à Suzana Serrão, Gersika Nascimento e Laís Teixeira, pela convivência e companhia durante essa jornada. Ao meu grande amigo e irmão, Elson Santos, um imenso presente que ganhei no mestrado acadêmico, uma amizade linda foi construída ao longo desses dois anos de caminhada. Obrigada por todo apoio e, sobretudo, pela tua sensibilidade e empatia. Gratidão em me acolher afetivamente quando mais precisei. Eu desejo tudo de bom em tua vida e espero retribuir sempre que precisar.

Aos membros da banca examinadora, os professores Otacílio Filho e Denise Cardoso, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar de forma tão amorosa, com todo apoio, competência e conhecimento compartilhado. Gratidão mestre e mestra! Estendo os agradecimentos às amadas filhas de Denise Cardoso e amigas, Letícia Cardoso e Izabel Cardoso, obrigada pelos momentos compartilhados com muita alegria e com pelo convívio sempre acolhedor e com muito carinho.

Aos artistas And Santtos e Adriano DK, por todo apoio na construção e realização da presente dissertação. Obrigada pelas inúmeras conversas com tanta atenção e empatia acerca da cidade e arte odivelense, no mergulho poético do Odivelarte, na interação da OdiVerCidade e no presente da vida em seguir OdivelAndo. Estendo os meus agradecimentos aos artistas Mauro Barbosa e Théó Lima, pela atenção e contribuição com informações do Projeto Sarará.

Aos moradores de São Caetano de Odivelas, pela acolhida tão generosa e pela hospitalidade durante minha pesquisa de campo, estendo meus agradecimentos à Erika dos Santos, à Wal Medeiros, à Cleideane Cardoso; à família do artista And Santtos: Maria de Nazaré, Pedro Hermito, Eliane Favacho, Elaine Favacho, Eliana Favacho, Luis Fernando, Emily Carneiro, Luanna Marques, João Paulo Marques, Paulo Felipe Marques, Pedro Santos, estendo o agradecimento à Taiana Monteiro e Paulo Sérgio Marques; à família do artista Adriano DK: Sueli Gurjão, Teodoro Gurjão e Juliany Batista. À Associação Vaca Velha, gratidão Ana Carla Sarmiento e Ivandro Farias pelas informações acerca da manifestação cultural Boi de Máscaras. Aos professores Márcio Rodrigues e Claudenildo Zeferino, pela entrevista cedida sobre o cenário da música odivelense, pela honrosa contribuição, conversas e diálogos de Epaminondas Gustavo – Claudio Rendeiro, Tassiane Garça, Hilton Lopes, José Carlos, Simon Garça, Eliana Palheta, Priscila Portugal, Edilenny Oliveira, Lídia Cunha, Geraldo Soares, Elaine Farias, Patrício Lopes, Aldenor Lima, Marcelo dos Santos, Fabiola Rendeiro, Airton Neto, Dedé, Aldeiza Garça, Iranilton Silva, Nilda Farias, Euraci da Silva, Wilson Ferreira, Cristiane Pereira, Leonardo Rodrigues; aos funcionários da Semed,

Leidielson Lagoia e Igor Santos; ao Secretário de Educação, Amarildo Santos. Estendo o agradecimento aos demais moradores, com muito carinho e afeto. Gratidão por todo apoio.

Pelo olhar poético de Denise Sá e Gilberto Mendonça, obrigada pelos registros fotográficos e produção audiovisual com tanta criatividade. Agradeço imensamente pela amizade e parceria. Vocês abrilhantaram este trabalho com um coquetel de cores e alegria.

Obrigada amiga Marcela Santos, pelo serviço de geoprocessamento com dados referenciados geograficamente na forma de mapas e pelo apoio como responsável técnica na construção da cartografia dos murais contemporâneos.

Obrigada Celso Gitahy, pela inspiração, reflexões e diálogo sobre *graffiti* e murais contemporâneos.

Obrigada Cintia Moura pela revisão gramatical e Elson Santos pelos serviços de normalização e design, fundamentais para a conclusão deste trabalho. Amigos para todas as horas e, sobretudo competentes e excelentes profissionais.

À minha orientadora Ivânia Neves, pelas discussões teóricas e reflexões que foram fundamentais para a construção deste trabalho. Agradeço pelo apoio na pesquisa de campo em São Caetano de Odivelas. Gratidão, professora!

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, aos quais agradeço por toda troca de conhecimento, embasamentos teórico e dedicação.

À secretaria do Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) por todas as informações prestadas e pelo trabalho com tanta qualidade, em especial à Juliana Raniere, que me acompanhou desde o início do mestrado com tanta sensibilidade e empatia, obrigada pelas palavras de motivação e apoio nas demandas burocráticas.

À Universidade Federal do Pará, pelas oportunidades voltadas à pesquisa, ensino e extensão, assim como o apoio necessário neste meu percurso acadêmico da graduação ao mestrado.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta dissertação, o meu imenso e sincero agradecimento.

Muito Obrigada!

*“No fundo não é só sobre artes e cidades:
é sobre os outros e nós mesmos”*

*José Luís Abalos Júnior
(Antropólogo)*

RESUMO

As cidades e seus sujeitos são historicamente construídos, suas memórias são fraturadas e, a depender das condições de possibilidades, visibilizam e silenciam discursos. Nesse sentido, tomamos a cidade não como um espaço neutro, esvaziado de memória, ou ainda um cálculo urbanístico, mas sim como espaço interativo e comunicativo. A partir desta perspectiva, analisamos os murais contemporâneos com a imensidão de cores, pincéis, tintas, *spray* de *graffiti* e Boi de Máscaras, desenvolvidos pelos artistas Adriano DK e And Santtos, com a noção de “odivelismo” proposta por ele, um estudo voltado aos valores sociais e culturais da cidade de São Caetano de Odivelas, no estado do Pará. Nosso objetivo é compreender como suas obras traduzem o espaço urbano, interagem com os moradores da cidade e deixam ver a diversidade étnica de seus moradores. Para tanto, o trabalho de campo com base em tonalidades etnográficas, envolve entrevistas semiestruturadas com atores sociais da cidade, mas se pauta, sobretudo, nas experiências vividas na cidade em companhia do artista. Nosso referencial teórico-metodológico se fundamenta na formulação de cidade comunicativa e polifônica, proposta por Lucrécia Ferrara e Canevacci, nos estudos de Foucault sobre saberes sujeitos e na definição de mural contemporâneo de Gitahy e sobre a abordagem antropológica do *graffiti* por Campos. Esta investigação identificou uma forma de *etnomural*, constituída como uma expressão pautada no cotidiano do odivelense, na poesia singular, no sentimento do morador às margens do rio Mojuim revelada em ritmos, sons e cultura popular, o olhar do mangue e da pesca, do brincar no cortejo Boi de Máscaras materializada nos muros da urbe.

Palavras-Chave: Cidade comunicativa. Murais contemporâneos. *Grffiti*. Interação. São Caetano de Odivelas.

ABSTRACT

As cities and their individuals are historically built, their memories are fractured and depend on the conditions of visibility possibilities and discourses of silence. In this sense, we take a city that is not as a neutral space, empty of memory, or an urban calculation, but as an interactive and communicative space. From this perspective, we will analyze contemporary murals with an immensity of colors, brushes, paints, *graffiti spray* and Masks ox painted by the artists Adriano DK and And Santtos, with a notion of "odivelismo", a concept proposed by him, a study aimed at social and cultural values of the city of São Caetano de Odivelas, in the state of Pará. Our goal is to understand how their works translated into the urban space, interact with the city's residents and portrays the ethnic diversity of its residents. For this purpose, this fieldwork based on ethnographic tones, involves semi-structured interviews with social actors in the city, but it is based mainly on the experiences lived in the city in the company of the artists. Our theoretical-methodological framework is based on the formulation of communicative communication and polyphonic city, proposed by Lucrecia Ferrara and Canevacci, in Foucault's studies on subject flavors, in the definition of contemporary mural by Gitahy and an anthropological approach of *graffiti* by Campos. This investigation identified a form of *ethnomural*, using an expression based on the daily life of the odivelense people, in singular poetry, on feelings of the dweller on the banks of the Mojuim river revealed in the rhythms, sounds and popular culture, the mangrove and fishing visions, of playing in the Boi de Máscaras procession materialized on the city walls.

Key words: Communicative city. Contemporary murals. *Grffiti*. Interaction. São Caetano de Odivelas.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Memória Odivelense..... | 19 |
| Figura 2 - Mural Contemporâneo na Escola de Música Milícia Odivelense..... | 22 |
| Figura 3 - And Santtos..... | 23 |
| Figura 4 - Pierrô por Adriano DK | 24 |
| Figura 5 - Adriano DK | 25 |
| Figura 6 - Cartografia dos Murais Contemporâneos na Cidade de São Caetano de Odivelas – Pará 2019 | 26 |
| Figura 7 - Memória Odivelense..... | 30 |
| Figura 8 - Mural Contemporâneo no Portal de São Caetano de Odivelas – Pará..... | 31 |
| Figura 9 - Letras de <i>Graffiti</i> | 34 |
| Figura 10 - Oficina de <i>Graffiti</i> no Beco do Carmo – Circuito das Artes | 35 |
| Figura 11 - Bloco Atrás Dos Sem Aqueles | 40 |
| Figura 12 - Faixa do Bloco Atrás dos Sem Aqueles | 42 |
| Figura 13 - Divulgação do Bloco “atrás dos sem aqueles” no Instagram | 45 |
| Figura 14 - Divulgação do Bloco “atrás dos sem aqueles” no Instagram | 46 |
| Figura 15 - Dona Maria de Nazaré, mãe do And Santtos..... | 48 |
| Figura 16 - Mural Contemporâneo por And Santtos (2013) – Efemeridade..... | 49 |
| Figura 17 - Mural Contemporâneo por And Santtos (2016) – Efemeridade..... | 50 |
| Figura 18 - Mural Contemporâneo por And Santtos (2018) – Efemeridade..... | 50 |
| Figura 19 - Mural Contemporâneo em Homenagem ao Mestre “Maximiano”..... | 51 |
| Figura 20 - Artesão José Carlos..... | 53 |
| Figura 21 - Almoço com a Família Favacho | 54 |
| Figura 22 - O olhar do Transeunte | 59 |
| Figura 23 - O olhar do Transeunte | 61 |
| Figura 24 - Interação com o Mural Contemporâneo no Curral da Vaca Velha..... | 62 |
| Figura 25 - Resultado do Mural Contemporâneo por Adriano DK no Aniversário da Vaca Velha..... | 63 |
| Figura 26 - Memória Odivelense..... | 65 |
| Figura 27 - São Caetano de Odivelas - Rio Mojuim | 66 |
| Figura 28 - Mapa Localização de São Caetano de Odivelas – Pará..... | 68 |
| Figura 29 - Mapa das Mesorregiões do Estado do Pará | 69 |
| Figura 30 - Mangue - São Caetano de Odivelas..... | 70 |

| | |
|---|-----|
| Figura 31 - Pesca Artesanal – São Caetano de Odivelas | 70 |
| Figura 32 - “O Pescador e a Rede” | 71 |
| Figura 33 - Anos Iniciais da Rede Municipal..... | 73 |
| Figura 34 - Anos Finais da Rede Municipal..... | 74 |
| Figura 35 - Mural Contemporâneo “Desembarque Jesuíta” por And Santtos..... | 78 |
| Figura 36 - 3º Painel do Projeto Sarará | 80 |
| Figura 37 - Rio Mojuim..... | 81 |
| Figura 38 - Tela em Técnica Mista “Odivelismo” | 82 |
| Figura 39 - Folguedo Boi de Máscaras nas ruas de São Caetano de Odivelas..... | 83 |
| Figura 40 - Máscara Gelede..... | 85 |
| Figura 41 - Máscara Veneziana | 86 |
| Figura 42 - Máscara de Plástico | 86 |
| Figura 43 - Máscara Tikuna..... | 87 |
| Figura 44 - Bautas Venezianas | 88 |
| Figura 45 - Pierrô Fraturado com Sorriso - II EVENTO U.N.C. | 89 |
| Figura 46 - Performance de And Santtos sobre Máscaras Sociais | 92 |
| Figura 47 - Máscaras de Odivelas | 93 |
| Figura 48 - Máscaras de Odivelas | 94 |
| Figura 49 - Máscaras de Odivelas | 95 |
| Figura 50 - Máscaras de Odivelas | 96 |
| Figura 51 - Máscaras de Odivelas | 97 |
| Figura 52 - Máscaras de Odivelas | 97 |
| Figura 53 - Máscaras de Odivelas | 98 |
| Figura 54 - Máscaras de Odivelas | 99 |
| Figura 55 - Memória Odivelense..... | 102 |
| Figura 56 - Artista And Santtos..... | 104 |
| Figura 57 - O Entralhador de Rede e a Máscara..... | 105 |
| Figura 58 - Mural Contemporâneo na Secretária de Educação (SEMED)..... | 106 |
| Figura 59 - Tela “Morfologia” Odivelismo..... | 108 |
| Figura 60 - Portal de São Caetano de Odivelas-Pará..... | 109 |
| Figura 61 - Vaca Odivelense – CowParade..... | 110 |
| Figura 62 - Exposição Odivelismo no Shopping Grão Pará..... | 112 |
| Figura 63 - Griô GastroArt e Pub na Cidade de Belém do Pará..... | 113 |
| Figura 64 - Mural “Longevidade Amazônica – SEFA” por And Santtos | 114 |

| | |
|--|-----|
| Figura 65 - Mural Contemporâneo em Portugal por And Santtos..... | 115 |
| Figura 66 - O menino e a Máscara | 117 |
| Figura 67 - Mural na Praça Três Poderes | 118 |
| Figura 68 - Tela Odivelismo..... | 121 |
| Figura 69 - Tela Odivelismo “Z4”..... | 122 |
| Figura 70 - Mural “Jirau” por And Santtos | 124 |
| Figura 71 - “O Calafate”..... | 126 |
| Figura 72 - Pescador Valente | 127 |
| Figura 73 - Pescador Daniel “Poperó” | 130 |
| Figura 74 - Mural em homenagem ao Mestre Preiá | 132 |
| Figura 75 - Mural dentro de uma Residência Particular – São Caetano de Odivelas – Pará . | 133 |
| Figura 76 - Mural na Fachada de Casa - São Caetano de Odivelas – Pará | 134 |
| Figura 77 - Mural Contemporâneo na loja Arli Center | 135 |
| Figura 78 - Marcenaria por And Santtos | 136 |
| Figura 79 - Mural por And Santtos na Arena Prime..... | 137 |
| Figura 80 - Tela na Hamburgueria dú Cheff por And Santtos | 138 |
| Figura 81 - Memória Odivelense..... | 140 |
| Figura 82 - Grafiteiro Adriano DK..... | 141 |
| Figura 83 - Pierrô por Adriano DK | 142 |
| Figura 84 - Tag da União Periférica Crew | 148 |
| Figura 85 - Pierrô por Adriano DK | 149 |
| Figura 86 - Loja DK Artes - Fábrica de Sonhos..... | 150 |
| Figura 87 - Tela “Cores, Imaginação e Pierrô” por Adriano DK..... | 151 |
| Figura 88 - Camiseta Personalizada por Adriano DK..... | 152 |
| Figura 89 - Tag de Spray | 153 |
| Figura 90 - Bombing por Adriano DK | 154 |
| Figura 91 - Pixação em muro de São Caetano de Odivelas..... | 155 |
| Figura 92 - Pierrô Representando o Cachorro Shogun..... | 157 |
| Figura 93 - Mascarado Arteiro | 158 |
| Figura 94 - Arte Digital por Adriano DK..... | 159 |
| Figura 95 - Graffiti na Cidade Nova 4 no Município de Ananindeua – Pará..... | 160 |
| Figura 96 - Pré-exposição Raízes | 161 |
| Figura 97 - Exposição Coletiva “Projeto Sarará” | 162 |
| Figura 98 - Família do artista Adriano DK na exposição..... | 163 |

| | |
|---|-----|
| Figura 99 - Produção Coletiva de Théo, Mauro e Adriano DK | 164 |
| Figura 100 - Artista Visual Théo Lima na exposição “Tradição de Cores e Almas” | 165 |
| Figura 101 - Adriano DK na exposição “Tradição de Cores e Almas” | 165 |
| Figura 102 - Mauro Barbosa na exposição “Tradição de Cores e Almas” | 166 |
| Figura 103 - 1º Mural das Tradições realizado em 2015 | 167 |
| Figura 104 - Mural das Tradições em 2020 | 168 |
| Figura 105 - Reportagem sobre o Projeto Sarará – Jornal Diário do Pará | 169 |
| Figura 106 - 2º Mural Contemporâneo do Projeto Sarará - “Sonho de Criança” em 2015 | 170 |
| Figura 107 - 2º Mural Contemporâneo do Projeto Sarará Sonho de Criança em 2020 | 171 |
| Figura 108 - 3º Mural do Projeto Sarará “Devanear nas Heranças Amazônicas” | 172 |
| Figura 109 - Mural Pegadas da Tradição – Projeto Sarará | 173 |
| Figura 110 - Mural realizado pelos grafiteiros Adriano DK e Fábio Graf | 174 |
| Figura 111 - Fachada de Casa por Adriano DK e Flávia Gurjão | 175 |
| Figura 112 - Mural Contemporâneo por Adriano DK em residência particular | 176 |
| Figura 113 - Mural Contemporâneo “Isso é arte” por Adriano DK | 177 |
| Figura 114 - Mural Contemporâneo por Adriano DK na Terrafiada Cultural | 178 |
| Figura 115 - Adriano DK na Itália | 179 |
| Figura 116 - Mural Contemporâneo Raízes Odivelenses em Portugal | 180 |
| Figura 117 - Exposição em Brasília | 181 |
| Figura 118 - Memória Odivelense | 183 |
| Figura 119 - Mural por And Santtos e Adriano DK na Praça do Pescadores | 185 |
| Figura 120 - Mural contemporâneo em fachada de casa por Adriano DK | 186 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO: ETNOGRAFIA E CIDADE INTERATIVA | 18 |
| CAPÍTULO 01: ESTRANHAMENTOS NA CIDADE: ENTRE TEORIAS E A PESQUISA DE CAMPO | 29 |
| 1.1 Como cheguei aos murais contemporâneos de Odivelas..... | 33 |
| 1.2 Minhas primeiras impressões: as cores de Odivelas | 37 |
| 1.3 A Vaca Velha em Belém: cores e práticas de consumo | 39 |
| 1.4 Caminhos da Pesquisa etnográfica e a minha “Briga de Galo” | 46 |
| 1.5. No Curral da Vaca, minha terceira viagem a campo..... | 57 |
| CAPÍTULO 02: A CIDADE SÃO CAETANO DE ODIVELAS, UMA ETNICIDADE AMAZÔNICA | 64 |
| 2.1 O oceano na esquina: região do Salgado no Pará..... | 68 |
| 2.2. São Caetano de Odivelas: sua infraestrutura social e suas dificuldades..... | 71 |
| 2.3 Odivelas e os Jesuítas | 77 |
| 2.4 A terra do caranguejo: o mangue e o rio Mojuim | 80 |
| 2.5 Sobre os sentidos das máscaras | 82 |
| CAPÍTULO 03: CORES DE ODIVELAS : ETNOMURAL DE AND SANTTOS | 101 |
| 3.1.Sua trajetória como artista e memórias que lhe atravessam influências | 104 |
| 3.2. Como começou a cena dos etnomurais contemporâneos em Odivelas | 115 |
| 3.3. O Odivelismo, a valorização da cultura de São Caetano de Odivelas | 120 |
| 3.4. A Cultura Odivelense pelas ruas da cidade | 131 |
| CAPÍTULO 4: ODIVELARTE: <i>GRAFFITI</i>, BOMBING E ARTE DIGITAL DE ADRIANO DK | 139 |
| 4.1 DK e a arte odivelense: fluxos imagéticos fraturados | 141 |
| 4.2 Viajando com o <i>spray</i> na mão: breve história do <i>grafitti</i> | 143 |
| 4.3 De Bombing, “pixação” e <i>grafitti</i> às paredes de Odivelas..... | 147 |
| 4.4 As cores de DK e os processos de interação | 155 |
| 4.5. Mais <i>spray</i> de DK | 174 |
| 4.5.1. Participações internacionais de Adriano DK..... | 178 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS: DAS MEGALÓPOLES A CIDADE PEQUENA NA REGIÃO DO SALGADO: ENTRE VIADUTOS E RIOS | 182 |
| REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS | 189 |

*Introdução: Etnografia e
cidade interativa*

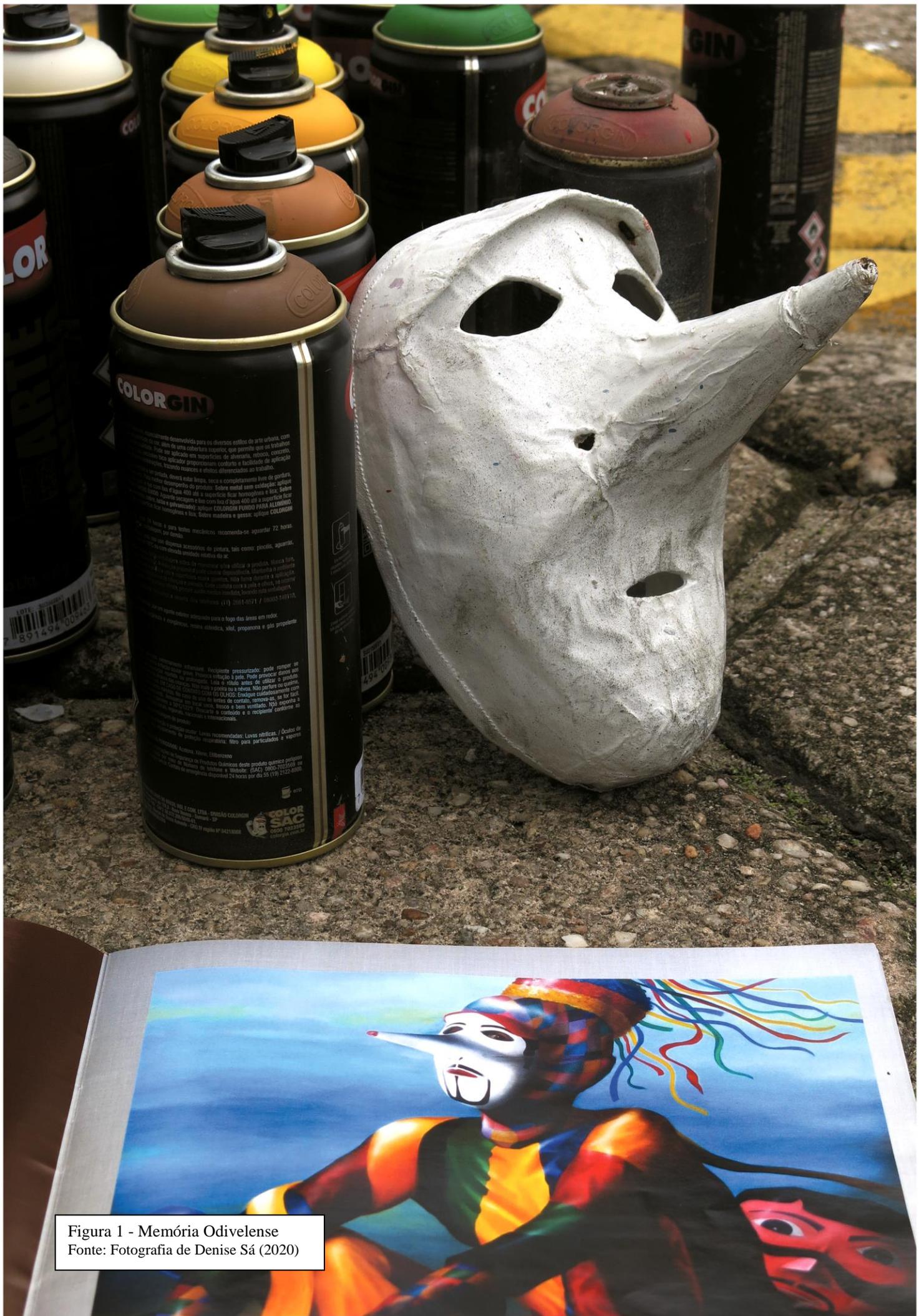


Figura 1 - Memória Odivelense
Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Enfeitar a cidade, transformar o urbano com uma arte viva, popular, da qual as pessoas participem, é a minha intenção.

Alex Vallauri¹

Esta pesquisa começa com um universo de criatividade, cores, ludicidade e aprendizado em meio a tintas, corpos, *graffiti*², *tags*³, experiências de vida e, além de tudo um coquetel de afeto entre a escola, a universidade e a cidade. A cena de rua se espria de Belém a São Caetano de Odivelas, entre olhares, interações e o interlúdio entre o mangue, o rio Mojuim, a manifestação cultural Boi de Máscaras e os murais contemporâneos imersos no cerne da urbe, diante o colorido e versos poéticos em cada traço da arte urbana. *Quem são os moradores desta cidade e como são representados na arte da cidade?*

A cidade de São Caetano de Odivelas é um município do nordeste paraense, localizado na mesorregião do nordeste paraense e microrregião do salgado. Une a tradição da beleza natural com suas cores deslumbrantes, que embelezam e encantam, as garças e os guarás pairam no ar sob o sol se pondo, alçam voos com desenvoltura, espetacularidade e gracilidade. A cidade é repleta de cores em uma sublime imensidão, o comércio local reverbera a arte odivelense com traços e personagens com os murais contemporâneos entre afrescos, poesia, *graffiti*, *spray* e tinta óleo, as formas ganham vida, visibilidade em uma via do interlúdio do rio, praças, casas e comércio. As pinturas de And Santtos e Adriano DK surgem aos nossos olhos como propostas de novos modos de protagonismo e singularidades deste lugar - espaço.

Antes de começar minha pesquisa de mestrado, não conhecia São Caetano de Odivelas. Provocada por minha orientadora, a Internet me trouxe as primeiras imagens da cidade e meu primeiro contato direto, com meus principais interlocutores aconteceu em uma oficina de *graffiti* com And Santtos, em Belém. Não foi difícil definir que só poderia

¹ Grafiteiro, artista gráfico, gravador, pintor, desenhista e cenógrafo.

² Acolhe-se nesta dissertação a escrita em italiano e em Itálico, utilizada pelos nossos interlocutores. "O termo *graffiti* é o plural de *graffito*, que, em italiano, significa rabisco. Os primeiros a utilizar a palavra no sentido que é conhecido internacionalmente foram os arqueólogos, no século XIX, para designar as inscrições e desenhos realizados nas paredes, muralhas e monumentos das antigas cidades". Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/grafite/>. Acesso em: 20 jan. 2020. De acordo, com os nossos interlocutores a explicação de grafite seria, o lápis ou lapiseira desenhado e/ou rabiscado em papel. "Grafite. Sf. 1. Mineral químico, ver grafita. 2. Bastonete de grafita utilizado para escrever, existente no interior do lápis ou colocado separadamente nas lapiseiras; mina. 3. Bastão para desenho, que dá efeito de luz e sombra". Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Grafite/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

³ "Assinatura, geralmente no estilo cursivo de escrita manual, feita com *spray* ou marcadores permanentes (os *canetões*) e elaborada em dimensões variáveis - podem ocupar uma grande superfície ou pequenos espaços" (LEAL, 2018, p. 47).

compreender o que essas pinturas significavam realizando um trabalho de campo na cidade, que se iniciou em dezembro de 2018 e se desdobrou ao longo de 2019 até o início de 2020.

A incursão ao campo, a interação com grupos de pessoas, entre muitas conversas, questionamentos e dúvidas, escutar e olhar foram ações fundamentais. Este percurso de vivenciar o lugar, percorrer as ruelas como forma de uma maior aproximação com a arte exposta nos muros e fachadas das casas, foi me fazendo compreender aos poucos os significados da arte para os moradores da manifestação cultural Boi de Máscaras e a motivação em manter viva a tradição artística na cidade.

No muro da Escola de Música Milícia Odivelense, o *graffiti* com a banda, com o boi, com personagens do Boi de Máscaras tem essa ligação com a cultura local. A arte urbana em São Caetano retrata muito a vida da cidade lá, da cultura. Você não vê algo de fora, é dentro da cidade. Já percebeu isso? Principalmente do Boi de Máscaras e agora das bandas (Márcio Rodrigues, maestro e professor da Escola Rodrigues dos Santos, 2020) ⁴.

Quando andamos pelas ruas de São Caetano de Odivelas, presenciamos um cenário teatral em torno da manifestação cultural Boi de Máscaras, caracterizado pela presença de personagens como pierrôs, cabeçudos, buchudos além do boi de quatro pernas. As bandas de fanfarra ditam o ritmo, o suingue e a cadência musical e coreografias que lembram o frevo, mas apresentam algo particular, uma dança meio desengonçada, com pulos aleatórios e o famoso “trenzinho” favorece uma grande interação com o público.

Ter feito esse trabalho com o And Santtos foi muito gratificante, ele é um parceiro das bandas e sempre temos essa visão de trazer o que ele tem de melhor da sua arte, de retratar nas imagens os traços a questão da nossa cultura, das bandas, dos bois, da paisagem do cotidiano da nossa cidade. Pensamos em algo para quando a comunidade passasse em frente à escola e sentisse dentro da proposta do *graffiti* um pouco da realidade da música. Podemos observar no muro, os músicos da orquestra, simbolizando a orquestra do boi, os músicos da banda, os mascarados, temos uma paisagem sonora em frente à Escola de Música Milícia Odivelense. A gente queria a participação dos alunos das escolas de músicas, em especial da milícia participasse do processo da pintura do mural juntamente com o And Santtos. Foi uma experiência muito boa, tinha muitas pessoas que registravam a imagem para guardar para si (Claudenildo Zeferino, regente e professor da Escola de Música Milícia Odivelense, morador de São Caetano de Odivelas, 2020) ⁵.

⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Márcio Rodrigues à autora.

⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Claudenildo Zeferino à autora.

Figura 2 - Mural Contemporâneo na Escola de Música Milícia Odivelense



Fonte: Fotografia de And Santtos (2018)

Este mural na Escola de Música Milícia Odivelense (Figura 2) desenvolvido pelo artista And Santtos junto com os integrantes/alunos da banda, apresenta bem os principais componentes do Boi de Máscaras. À esquerda, os músicos que embalam as apresentações do cortejo, logo ao lado o pierrô, com sua máscara branca e seu nariz afilado, cobrindo o rosto todo, como sempre acontece na realidade, ele está vestido com sua roupa listrada, muito colorida. Enrolado nas fitas coloridas, que envolvem os personagens, aparece o boi e podemos ver as pernas e os sapatos dos tripas, as duas pessoas que lhe conduzem. Na direita, o mais singular de todos os personagens, composto com uma máscara formada por uma grande cabeça, vestido de paletó e calça comprida aparece o cabeçudo. As máscaras não nos permitem ver que são as pessoas ali representadas.

O Artista Anderson José Favacho dos Santos, 37 anos, conhecido como And Santtos (Figura 3), autodidata, artista plástico e grafiteiro paraense, naturalizado de São Caetano de Odivelas, nascido em São Caetano de Odivelas e criado às margens do rio Mojuim, desenvolve trabalhos em torno do *graffiti*, muralismo e design, com a influência da estética realista e surrealista. O artista ficou conhecido pelo estilo poético cravado em seus murais contemporâneos e por pintar o imaginário popular Boi de Máscaras. Sua produção artística,

assim como sua concepção estão pautadas no *odivelismo*⁶, uma definição filosófica proposta por ele, preocupada em marcar as singularidades culturais de sua cidade, uma resposta da cultura odivelense diante da globalização. O artista procurou materializar esta sua definição em sua arte mural, espalhada pela cidade.

Figura 3 - And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

A próxima imagem (Figura 4), feita por Adriano DK na superfície de um papelão, nos leva para outros espaços possíveis para a arte odivelense, que também se espalha pelas ruas da cidade, mas experimenta outros suportes. Podemos ver os mascarados do Boi de Máscaras, mas a figura que ganha destaque é uma invenção do artista, um personagem com uma nova máscara, um novo mascarado que lembra bastante o rosto de DK. Em suas produções, com

⁶ O *Odivelismo* é um trabalho de pesquisa do artista visual And Santos, onde retrata sobre um olhar da preservação cultural paraense, criando e conceituando no sentido de enaltecer o valor regional, em referência ao caboclo amazônico paraense e seus costumes, vivenciado nas respectivas manifestações folcloristas. Dentro da produção artística, o *odivelismo* apresenta a linguagem totalmente livre de pensamentos e espontâneo, em razão das inúmeras interpretações, apesar do estilo matizado, dada a rica composição de cores, vibrações e o surreal, leva a viajar sobre os mistérios e o interrogativo no universo cultural, traduzindo a magia, as histórias e poesias do imaginário popular. A inspiração está associada as raízes e ao cotidiano do artista que faz referência ao “Boi de máscaras” tradicional manifestação cultural da cidade de São Caetano de Odivelas, cidade litorânea em que ponto sua economia é a pesca e a extração de caranguejo. Dentre toda a produção e pesquisas, nota-se a universalidade do olhar crítico e poético entre os elementos usados, remetendo-se a vida das pessoas que vivem nessa região da Amazônia, exemplo: o pescador e o caranguejeiro com suas lidas diárias; a “boia”, objeto de pesca que demarca um determinado lugar de referência; a lama do manguezal; o sujar das mãos de dos pés; a canoa; o remo; a cuia; o peixe; o céu na tonalidade de amanhecer e etc. Isso tudo, vem desse universo regional natural místico encontrado nessa região do Brasil (And Santtos, 2019).

frequência, ele dialoga com ícones da cultura universal, numa associação entre o local e o global.

Figura 4 - Pierrô por Adriano DK



Fonte: Fotografia de Priscilla Brito (2018)

O grafiteiro e tatuador Adriano Augusto de Paula Gurjão, 30 anos, nasceu na cidade de Belém do Pará, mas, ainda bebê, com um mês de idade, foi morar em São Caetano de Odivelas, passando a ser conhecido como Adriano DK (Figura 5). Desde a infância, desenhava em papéis e, na adolescência, quando mudou-se para a capital, teve o primeiro contato com a lata de *spray* e com o mundo da pixação⁷.

⁷ A grafia “pixação” com “x” e não com “ch” é adotada por meus interlocutores, com isso adotaremos a escrita atribuída por eles neste trabalho. Voltarei a isso adiante, no capítulo 4, subitem 4.2.

Figura 5 - Adriano DK

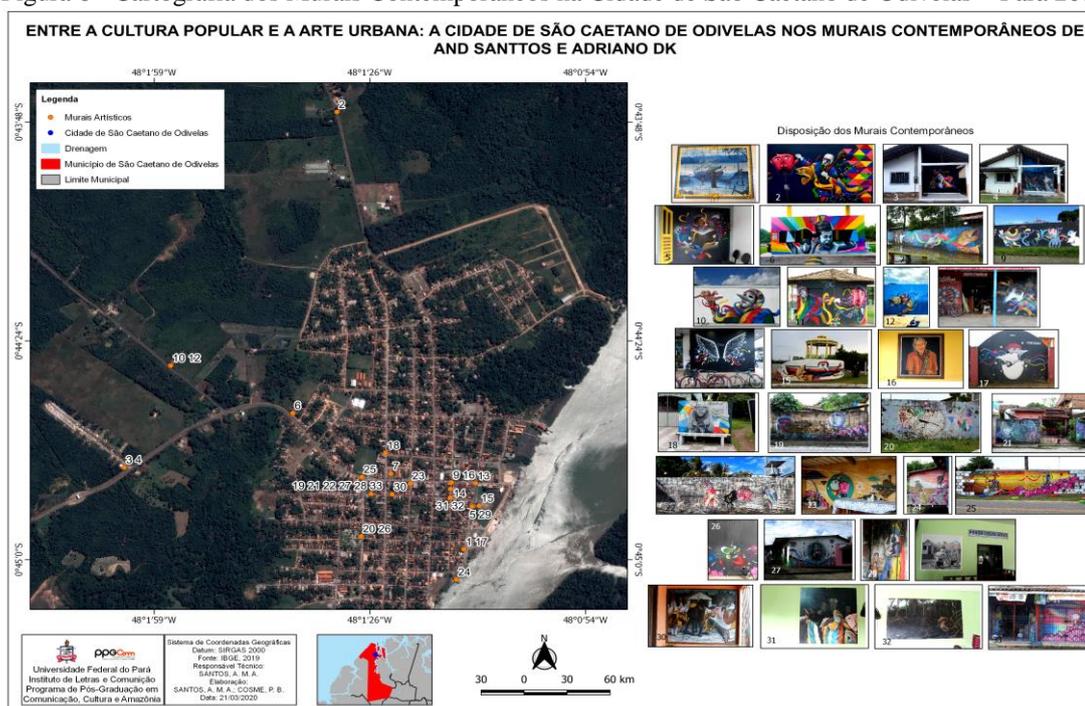


Fonte: Fotografia de Rafaella Sena (2019)

Hoje, a manifestação Boi de Máscaras, assim como as pinturas de And Santtos e Adriano DK compreendem uma forma de sociabilidade na cidade, através de dinâmicas comunicativas e participativas, a partir de suas intervenções artísticas. Visibilizar a arte urbana na Amazônia, num município pequeno, como São Caetano de Odivelas, contraria o discurso generalista sobre a Amazônia, uma região quase sempre identifica apenas pela imensa floresta. As pinturas de And Santtos e Adriano DK representam, de certa forma uma quebra de paradigmas e estigmas, pois os dois são artistas produzindo fora inclusive dos grandes centros urbanos da Região Norte.

Abaixo (Figura 6), apresentamos a cartografia que produzimos sobre os murais contemporâneos de And Santtos e Adriano DK em 2020. Para isso utilizamos as imagens de satélite disponibilizadas pelo Google Maps, os dados disponibilizados pelo IBGE e contamos com a colaboração da responsável técnica Marcela Santos. No mapa, à esquerda, aparecem às ruas e os números que identificam as pinturas; à direita, as imagens correspondentes a cada mural.

Figura 6 - Cartografia dos Murais Contemporâneos na Cidade de São Caetano de Odivelas – Pará 2019⁸



Fonte: Google Maps (2020)

Aportadas no interesse da linha de pesquisa Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, a presente pesquisa tem como objetivo analisar como os murais contemporâneos dos artistas And Santos e Adriano Dk interagem e traduzem o espaço urbano da cidade de São Caetano de Odivelas. Para isso, consideramos a cidade em sua espessura comunicativa e entendemos suas paisagens e, sobretudo, as pinturas destes dois artistas como enunciados constituídos por redes de memórias, com os quais os moradores estabelecem intensos processos de interação.

Esta pesquisa está vinculada ao projeto EtniCidades Amazônicas, coordenado pela professora Ivânia dos Santos Neves. O objetivo principal deste projeto é reconhecer a pluralidade étnica que compõe as cidades amazônicas, mas que foi sistematicamente apagada pelo dispositivo colonial. Também olhamos para as imagens espalhadas pelas ruas de São Caetano procurando não assinalar apenas a cultura europeia, mas também encontrar marcas da presença indígena e africana na construção identitária da cidade.

⁸ Cartografia elaborada para esse trabalho. Sistema de Coordenadas Geográficas. Responsável técnica: SANTOS, Ana Marcela Alves dos. Elaboração: COSME, Priscilla Brito. **Google Maps**. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/contrib/115033095371907370165/photos/@-0.7475399,48.0196597,3a,75y,90t/data=!3m7!1e2!3m5!1sAF1QipOMf7AkVb-VR-BUkrEvfuiABV5K1giQW2r96G_V!2e10!6shttps:%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOMf7AkVb-VR-BUkrEvfuiABV5K1giQW2r96G_V%3Dw367-h260-k-no!7i3507!8i2480!4m3!8m2!3m1!1e1?hl=pt-BR&authuser=6. Acesso em: 21 mar. 2020.

Nas metrópoles contemporâneas, já sabemos que a arte transita no espaço citadino em extensões comunicativas, entre linguagens urbanas, como uma forma estética da arte do *graffiti* e coloca múltiplas vivências e representações, uma “valorização no circuito comunicativo; ou seja, sua valorização contextual em um lugar concreto de sua produção simbólica” (SILVA, 2014, p. 70). Nesta dissertação, o desafio de observarmos o significado destas pinturas em São Caetano de Odivelas, uma cidade pequena com menos de vinte mil habitantes foi bastante motivador e agora vemos como esses trabalhos artísticos se imbricam com uma construção identitária do lugar.

A cidade comunicativa e interativa é resultado de um panorama imagético e do fluxo de uma cultura visual vigente, que é a cidade pós-moderna, diante de um “suporte/cenário de imagens” (FERRARA, 2015, p. 154). Desta forma acontece a dinamicidade entre a cidade e seus moradores, com a proliferação de novas experiências do próprio lugar, por meio de linguagens e signos restabelecidos pelos próprios atores sociais. Este movimento produz um “vínculo comunicativo que, interativo, se constrói entre a imagem da cidade e o modo de vida, que, através dele, se constrói” (FERRARA, 2015, p. 156).

A cidade comunicativa deixa de ser entendida apenas como um cálculo urbanístico da prefeitura, pois é muito mais do que isso. Ela passa a ser elaborada a partir do consumo cultural local e nesta perspectiva, seus moradores não são “espectadores urbanos, mas sim atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com as calçadas de mosaicos onduladas, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua” (CANEVACCI, 2004, p. 22).

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, fazemos a contextualização de minha trajetória, desde o ensino fundamental até o ingresso na universidade, entre vivências e pesquisas acadêmicas voltadas ao contexto da arte urbana. Apresentamos um resumo do início de meu campo de pesquisa na cidade de São Caetano de Odivelas em meados de dezembro de 2018 e o estranhamento ao observar uma cidade pequena do nordeste paraense com uma vasta visualidade urbana artística, a partir de murais contemporâneos expressados em relação aos modos de vida da comunidade e da cultura Boi de Máscaras.

O diálogo entre comunicação e antropologia fundamentado pelos estudos teóricos sobre cidade comunicativa e interativa de Ferrara (2015), a cidade polifônica de Canevacci (2004), espaços e redes de Sociabilidade de Magnani (2002) e a definição de murais contemporâneos de Gitahy (2012) foi fundamental neste trabalho. Entre a cultura popular e a “A denominada *street art* ou arte urbana vem beber o espírito original das expressões subversivas, inusitadas e transitórias, ocupando atualmente um espaço importante na

paisagem urbana” (DIÓGENES; CAMPOS; ECKERT, 2016, p. 14). Observamos tanto a influência da cultura local nos murais contemporâneos desempenhadas pelos artistas And Santtos e Adriano DK, quanto aos modos de vidas das pessoas em relação à cultura odivelense. A pesquisa nos mostrou que esta prática artística majoritariamente vista pelos centros urbanos e megalópoles também é encontrada em uma cidade interiorana com muito pertencimento.

No segundo capítulo, apresentaremos a etniCidade amazônica São Caetano de Odivelas, conhecida internacionalmente pela manifestação cultural denominada Boi de Máscaras e economicamente pela extração de caranguejos e ostras, nas paisagens naturais da cidade, o encontro com rios, praias costeiras e uma ambiental privilegiado – o manguezal. Tomamos a cidade não como um espaço neutro, esvaziado de memória, ou ainda um cálculo urbanístico, mas sim como um espaço interativo, que caracteriza e sintetiza múltiplas vivências sobre o saber odivelense.

No terceiro capítulo, apresentamos And Santtos, sua obra e seu estudo voltado ao Odivelismo, retratado sobre um olhar da preservação cultural paraense, preocupado com o protagonismo da cultura local, suas referências a mulheres e homens da região do Salgado paraense, seus modos de vida, suas práticas culturais, suas histórias e poesias traduzidos artisticamente nas telas e etnomurais contemporâneos sobre a cidade de São Caetano de Odivelas. Suas pinturas nos levam para as margens do rio Mojuim, com a alma no mar dos pescadores, com a lida diária dos catadores de caranguejeiro no mangue, ecossistema costeiro que ocorre entre a terra e o mar.

No quarto capítulo, apresentamos Adriano DK, com a imagem fraturada e reinventada dos personagens do Boi de Máscaras, também com muitas cores e a imaginação aguçada. Pontuamos o marco temporal da cena do *graffiti* e intervenções visuais urbanas no tecido social da cidade de São Caetano de Odivelas. Falamos sobre a representatividade nos murais contemporâneos com o projeto Sarará e trabalhos individuais de Adriano DK como telas e murais contemporâneos propagados em diferentes espaços da urbe.

*Capítulo 01: Estranhamentos
na cidade: entre teorias e a
pesquisa de campo*

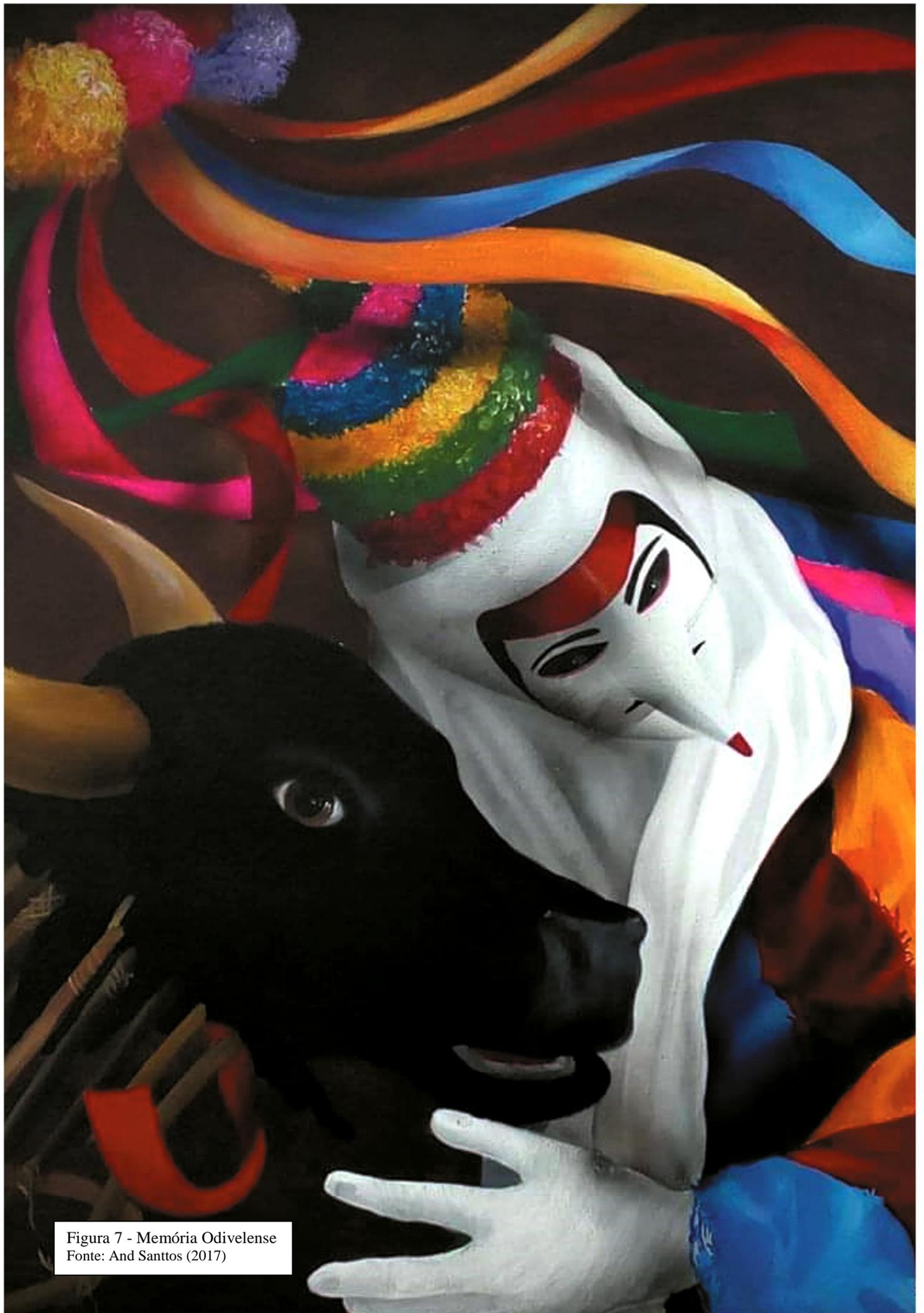


Figura 7 - Memória Odivelense
Fonte: And Santos (2017)

Partindo do pressuposto de que a urbe é um palco de interação e mediações entre os sujeitos sociais (Figura 8), realizaremos o diálogo interdisciplinar entre comunicação e antropologia, como forma de compreender o mundo urbano contemporâneo. Neste sentido, optamos por uma metodologia com tonalidades etnográficas, pela vertente qualitativa, que envolve o trabalho de campo, além de trabalharmos com dois métodos: o método de pesquisa e o método de análise, como forma de especificar estudos em torno da antropologia urbana e a cidade comunicativa.

Figura 8 - Mural Contemporâneo no Portal de São Caetano de Odivelas – Pará



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Desta maneira, utilizaremos a fotografia, a qual será incorporada progressivamente durante a pesquisa de campo como uma fonte documental, isto é, registrados nas “mídias alternativas, quer fosse nas redes sociais ou nas paredes e muros espalhados pela cidade” (NEVES; SILVA; SODRÉ, 2016, p. 286), em relação a novas temporalidades e a efemeridade da paisagem urbana. Tais artefatos tecnológicos são integrados a novas dinâmicas comunicativas associadas ao *graffiti* e a cultura urbana.

A etnografia é um momento de múltiplos significados ao percurso conduzido pelos interlocutores de nossa pesquisa, além de observações e anotação no diário de campo “conhecer de perto esses atores, seu modo de vida, aspirações” (MAGNANI, 1996, p. 10).

Neste sentido, vivenciar a cidade, isto é, “*olhar de perto e de dentro*, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade” (MAGNANI, 2002, p. 18).

Sem dúvida, na etnografia de rua o perfil de uma comunidade, indivíduo e/ou grupo se configura aos poucos, pois o etnógrafo trabalha pacientemente a partir de colagens de seus fragmentos de interação. Isto porque uma cultura urbana se expressa não só por convenções gestuais, de linguagens recorrentes, especializações profissionais de seus portadores, mas se apresenta igualmente através de suas práticas ordinárias, saberes e tradições com as quais o pesquisador precisa familiarizar-se neste deslocamento em espaços que são, ou não, o seu próprio lugar de origem (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 108).

Neste sentido, compreendemos o estudo nas formulações de Oliveira (1996), sobre os três atos pautados na etnografia: ouvir, observar e escrever, como essencial para a construção do saber. Desta forma, o pesquisador precisa se afastar de sua cultura no momento da entrevista, para assim, não realizar análises e pontuações distorcidas, além de manter uma posição de observador participante e a relativização, cujo pesquisador “se defronta com seu objeto de estudo, não ser etnocêntrico, vigiar meus preconceitos” (VELHO, 1989, p. 07).

Também assinalamos a discussão sobre antropologia e cidade dos estudos de Canevacci (2004), para a constituição desse campo de estudo, com ênfase na comunicação urbana e na respectiva multiplicidade de vozes, com enfoque polifônico, bem como o trabalho de Ferrara (2015), a partir da cidade como enunciado e estudos epistemológicos acerca da contemporaneidade dentre os processos comunicacionais na cultura. Nesse contexto, acerca da cidade e o profícuo diálogo com as expressões urbanas de Silva (2014), o autor enfatiza o *graffiti* dentro de seus estudos voltados ao urbanismo moderno e a compreensão sobre imaginários sociais no cerne das sociedades urbanas.

Neste capítulo vou apresentar meu trabalho de campo e como cheguei à cidade de São Caetano de Odivelas. Em meados de outubro de 2018, minha pesquisa estava voltada para um estudo em instituições de ensino, a partir da interface entre comunicação e antropologia, com o intuito de investigar as redes de sociabilidades entre os sujeitos participantes das oficinas de *graffiti* nos muros das escolas, “por ser um espaço importante no desenvolvimento de relações coletivas entre diferentes sujeitos sociais – um espaço privilegiado para a negociação de sentidos e, conseqüentemente, para a produção da intersubjetividade” (CASTRO; FREITAS, 2013, p. 69). O *graffiti* é uma forma de expressão urbana com grandes possibilidades pedagógicas por seu caráter comunicacional e interativo.

Naquele momento, a cena do *graffiti* em Belém, nas escolas, estava parada, segundo meus amigos grafiteiros, que me relataram suas insatisfações e até mesmo a falta de oportunidades em ministrar oficinas na região metropolitana. Soube, então através de alguns amigos e da minha orientadora de mestrado Ivânia dos Santos Neves, de uma oficina de *graffiti* com o artista plástico e grafiteiro And Santtos, naturalizado de São Caetano de Odivelas, uma cidade pequena do nordeste paraense, tomada pela arte em suas várias vertentes. No decorrer da oficina observei a existência de uma cidade em que a arte fervilhava. Fui bastante instigada pela minha orientadora, bastante familiarizada com a cidade e suas práticas artísticas, a desenvolver a pesquisa do mestrado neste lugar, cuja cena do *graffiti* estava em ação.

Delimitamos a pesquisa em torno do mesmo objeto, com a nomenclatura denominada murais contemporâneos, de novas estruturas artísticas, narrativas e identitárias, especialmente do lugar escolhido. No decorrer deste capítulo, pontuarei minha trajetória de como foi meu contato com as inscrições urbanas e de vivências experimentais em oficinas de *graffiti*.

1.1 Como cheguei aos murais contemporâneos de Odivelas

Considero importante descrever minha trajetória e as principais atividades que desenvolvi em relação ao objeto de pesquisa. O interesse pela temática se iniciou antes mesmo de ingressar na universidade, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoela Freitas, na 7º série, quando tive o primeiro contato com os elementos do *graffiti*, como a inscrição urbana *tag*. Um amigo de sala fazia o desenho com meu nome e minha função era colorir. Esta experiência representava um momento lúdico, agradável, pois sempre fui envolvida com a arte. Depois do contato com diversas assinaturas, criava uma linguagem própria com a estrutura alfabética do *graffiti*, a imagem da (Figura 9) a seguir retrata.

Figura 9 - Letras de *Graffiti*

Fonte: Apkpure (2018)⁹

Já na universidade, em meados de 2013, participei de exposições artísticas e tive contato mais próximo com grafiteiros e arte-educadores, com a participação em uma oficina de grafiteagem, no bairro da Cidade Velha, em Belém, ministrada pelo arte-educador e grafiteiro Fábio Graf e ofertada pelo projeto Circuitos das Artes, sob a coordenação da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – FCPTN. A oficina ocorreu em novembro de 2013, o instrutor abordou no decorrer das aulas a história do *graffiti*, técnicas de desenho, estudos de coloração e técnicas de pintura, foi uma experiência gratificante em meio a novas redes de sociabilidades, com a troca de vivências, conversas, reuniões no final das atividades diárias, como forma de favorecer as ações empreendidas no decorrer da oficina.

O percurso acadêmico solidificou o debate e passei a ter contato com uma vasta literatura e um embasamento teórico-metodológico, diante de questões que já estavam interligadas com as minhas inquietações frente à arte do *graffiti*. A cada etapa deste processo, mais ficava clara sua perspectiva interdisciplinar, envolvendo educação, comunicação e antropologia. A Figura 10, a seguir, apresenta a imagem que consistiu na parte prática da

⁹ Disponível em: <https://apkpure.com/br/graffiti-letters/com.GraffitiLetters.studio12>. Acesso em: 04 mar. 2020.

parte prática da oficina, com a inserção das técnicas de pinturas e desenho no muro, junto à comunidade do Beco do Carmo¹⁰.

Figura 10 - Oficina de *Graffiti* no Beco do Carmo – Circuito das Artes



Fonte: Fotografia de Fábio Graf (2013)

Na graduação em Pedagogia, o debate sobre o *graffiti* se solidificou, pois já era uma temática que sempre tive interesse em estudar, bem como a elaboração de trabalhos voltados ao uso de metodologias em sala de aula, de forma inovadora e lúdica na tentativa de revelar as interconexões com as teorias que decorrem do campo da pedagogia da imagem e da comunicação.

Neste percurso, sucederam-se trabalhos na prática pedagógica e no ensino, com a minha participação como bolsista na Universidade Federal do Pará no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Produção Artística (PIBIPA - 2014) do Instituto de Artes com o projeto “Arte Pública como Recurso Pedagógico: a cidade conta a sua história”, coordenado pelo professor Dr. Ubiraélcio da Silva Malheiros. Por meio da arte pública, o objetivo do projeto era informar sobre a história da cidade e produzir material pedagógico a ser utilizado

¹⁰ Localizado no bairro de Cidade Velha, de Belém – PA.

pelas escolas públicas. A partir de oficinas de formação, os professores poderiam conhecer esse material e aprender como usá-lo em sala de aula.

Posteriormente participei do Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica (PAPIM - 2016) e do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX - 2017), ambos denominavam-se “Linguagens Artísticas: Diálogos e Vivências no Espaço Escolar” e foram realizados no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, vinculado ao Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo, coordenados pela professora Dr^a. Denise Machado Cardoso. Esses projetos tinham como principal objetivo fomentar estratégias de ensino com a inclusão de linguagens artísticas (*graffiti*, poesia, fotografia, dança) e aparatos tecnológicos com o trabalho interdisciplinar, a partir da extensão universitária em escolas públicas de Belém, com a realização de oficinas junto a docentes e alunos, como forma de inserir novas metodologias de ensino em sala de aula.

Finalizei a pesquisa com o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “O Audiovisual e o Grafite como Linguagens Pedagógicas: uma discussão sócio-histórica em Contextos Educativos” (COSME, 2016), cujo principal objetivo foi relatar, refletir e provocar reflexões em torno dos universos técnicos, conceituais e artísticos do audiovisual e do *graffiti*, e a possibilidade de utilizar essas linguagens artísticas no espaço escolar a partir de experiências desenvolvidas, principalmente, em contextos não formais de ensino.

Já ingressa no mestrado acadêmico em Comunicação, participei da oficina de *graffiti*, ministrada pelo artista plástico e grafiteiro, ocorrida na Fundação Cultural do Pará - oficinas Curro Velho¹¹, no período de 10 de setembro a 28 de setembro de 2018, em Belém, cuja temática denominava-se “Cores e Formas na Linguagem Regional”. No decorrer dos dias, obtive informações com o instrutor e seu sobrinho, ambos nascidos na cidade de São Caetano de Odivelas, sobre a arte odivelense e a cultura popular Boi de Máscaras¹². As atividades tiveram como base uma metodologia voltada à produção livre de desenho, além do conhecimento da tinta *spray* de *graffiti* e seu manuseio, bem como técnicas entre traços, estilos e um universo de cores. Além disso, a realização de um painel individual em que o participante escolhia uma cidade amazônica com a qual possuía uma relação de afeto, uma paisagem sonora ou uma lembrança do lugar, sendo positiva ou negativa. Ademais, foi um momento de delimitar o *locus* e o recorte de minha pesquisa, a vivência na oficina possibilitou as primeiras reflexões sobre o nosso objeto de pesquisa.

¹¹ “Situado no Bairro do Telegrafo, mantém um ciclo de oficinas de iniciação em arte e ofício em diferentes linguagens – artes visuais, música, artes cênicas”. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/oficinas-curro-velho>. Acesso em: 15 abr. 2019.

¹² Manifestação cultural da cidade de São Caetano de Odivelas, junção de vários bois e personagens.

Atualmente, integro o Grupo de Estudo Mediações e Discursos com Sociedades Amazônicas - GEDAI, coordenado pela Professora Dr^a. Ivânia dos Santos Neves do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e minha pesquisa de dissertação está vinculada ao projeto de Pesquisa “EtniCidades Amazônicas”, coordenado por minha orientadora. Também faço parte do Grupo de Estudo de em Antropologia Visual e da Imagem - VISAGEM, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, coordenado pela Professora Dr^a. Denise Machado Cardoso, e ao grupo de estudos referidos.

1.2 Minhas primeiras impressões: as cores de Odivelas

Era um lugar novo para mim, apesar de viajar muito na infância para o interior do estado do Pará, até então não havia conhecido essa região. Partimos de Belém, no carro de minha orientadora, acompanhadas por Érika de Sousa, uma importante interlocutora dessa pesquisa. Odivelense, ela me recebeu algumas vezes em sua casa e em 2013 escreveu seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o Boi de Máscaras (SOUSA; OLIVEIRA, 2013). Nossas conversas foram muito produtivas para minha pesquisa. A viagem durou menos de duas horas.

Confesso que ao chegar, tive um estranhamento, o primeiro momento de visita ao portal de entrada da cidade foi de muita contemplação: o mural grafitado com a imagem de duas crianças sobre um fundo extremamente colorido, o caranguejo gigante, o pierrô de concreto e a vaca com desenhos dos personagens da cultura odivelense. Estranhei que existisse um lugar próximo da capital, com uma singularidade magnífica. Naquele momento, me deparei com um campo temático novo.

Por outro lado, esse mesmo desconhecimento era visto como o responsável por uma das condições clássicas de realização da pesquisa etnográfica, que é o estranhamento: para quem é introduzido pela primeira vez num meio que lhe é estranho, tudo é significativo, nada pode ser previamente hierarquizado numa escala de valores entre o insignificante e o relevante: tudo é digno de observação e registro (MAGNANI, 2009, p. 141).

Diante de novos desafios a respeito do objeto de estudo, eu procurava o “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p. 14). São Caetano de Odivelas ainda era um lugar desconhecido e eu ainda não tinha um roteiro elaborado. Agora estava diante de um

espaço/cidade pequena, com menos de vinte mil habitantes. A arte se espalhava pelos muros e fachadas de casas, algo peculiar do lugar.

Minhas referências durante o percurso acadêmico sempre foram as megalópoles e a arte urbana vista nos grandes viadutos, em prédios extensos diante da cultura das grandes cidades contemporâneas. Diante deste novo, mergulhei na pesquisa para conhecer cada processo e construção artística elaborada na cidade pelos artistas locais. Também me empenhei em criar uma maior aproximação com as pessoas, imagens e seus significados, em conhecer a cultura odivelense e suas práticas cotidianas de interação bastante envolvidas com o mangue, a pesca, a igreja, a música e, claro, o Boi de Máscaras.

Em dezembro de 2018, foi o momento da pesquisa exploratória, o primeiro contato visual com o lugar após a oficina de *graffiti* com o And Santtos, e a decisão de iniciar minha pesquisa em São Caetano de Odivelas; esse percurso suscitou muitos questionamentos, em virtude de estudar a proposta do *Odivelismo* a partir do Boi de Máscaras e do cotidiano da comunidade, exposta nos muros da cidade. Pensar o lugar a partir da expressão e da intervenção artística, de uma cidade pequena, na qual a imagem ganha destaque, conhecida não apenas como a terra do caranguejo, mas também como a terra dos murais contemporâneos, marcada pelo colorido, histórias de vida, elementos culturais, música e poesia.

Na andança pela cidade, percebi o espaço urbano repleto de arte nas fachadas das casas com elementos culturais do lugar: poderiam ser outras artes, outras pinturas, outros murais, mas o que anima estas pinturas é a cultura odivelense. Posteriormente, tive contato com os moradores da cidade, interlocutores fundamentais da pesquisa e comecei a conhecer os sentidos que atribuíam aos murais contemporâneos e como elas os representavam. No momento das conversas, observei a valorização, o sentimento de pertencimento diante dos signos visuais, uma prática que se estende aos comerciantes. Muitos deles defendem o discurso de vender não somente o produto, e atribuem às pinturas espalhadas nas paredes um pertencimento cultural a Odivelas: “Isso é também nosso, é a nossa representação, nossa identidade marcada pela arte”¹³.

Canevacci (2004) observa a cidade polifônica como vozes diversas e redes de sociabilidades no contexto urbano, através do diálogo interdisciplinar entre antropologia e comunicação e olhares múltiplos numa atitude etnográfica próxima dos elementos urbanos. A cidade é permeada na “relação comunicativa, entre troca, mediação e interação” (FERRARA,

¹³ Entrevista concedida pelo Ivandro Farias, vice-presidente da Associação Vaca Velha - Caderno de Campo da autora.

2015, p. 138), sobretudo a partir de uma memória social com base em arquivos de imagens com novas formas e percepções no cenário artístico contemporâneo odivelense.

Sob esse ponto de vista, voltamos nosso olhar à arte urbana, em torno dos murais contemporâneos desenvolvidos por Adriano DK e And Santtos, em que ressignificam o imaginário popular Boi de Máscaras, com base em seus estudos voltados ao *Odivelismo* e imagens fraturadas - reelaboradas, a partir da mistura de matérias como látex, corante para fundo e *spray*, além da imagem - poética concreta nos muros da cidade e nas fachadas de casas, a que se refere à valorização do ser e o retrato da vivência local dentre moradores antigos da cidade — entre os quais estão pintores, musicistas, pescadores, artesãos, catadores de caranguejo — em conjunto com elementos do Boi de Máscaras, o brincar com a imaginação entre risos, facetas e novas experimentações artísticas.

No percurso do campo, observei as redes de sociabilidade entre os participantes que constroem o cortejo do Boi de Máscaras. Em São Caetano, visto na organização dentro das associações, como por exemplo, a Vaca Velha, da qual fiquei mais próxima e onde estreitei laços de conversas, amizades e conhecimentos. Esta associação também realiza o cortejo em Belém do Pará, a partir da idealização do promotor de justiça Cláudio Rendeiro, como descreverei a seguir.

1.3 A Vaca Velha em Belém: cores e práticas de consumo

No carnaval de 2019, num domingo de chuva, pude acompanhar uma profusão de cores animada pelas fantasias, acompanhada de poesia, da cultura odivelense e muita alegria, no bloco “Atrás dos sem aquele” (Figura 11), realizado no dia 17 de fevereiro de 2018, em Belém, reunindo brincantes da capital e moradores de São Caetano de Odivelas. Este bloco é organizado por Cláudio Rendeiro, que mora em Belém e atua profissionalmente como juiz na cidade. Em suas horas vagas, como comediante, ele encarna o personagem Epaminondas Gustavo. Natural de São Caetano de Odivelas, sempre está preocupado em dar visibilidade às práticas culturais da cidade. Ele também foi um interlocutor muito importante em minha pesquisa.

O desejo do organizador é que ele seja: “um bloco onde as pessoas fossem não apenas pelo brincar pelo brincar. Que fosse o brincar, o extravasar do carnaval, com tudo que tem

direito, com folia, mas que dentro daquilo ali, houvesse uma campanha de uma conscientização por um tema social específico”¹⁴.

Figura 11 - Bloco Atrás Dos Sem Aqueles



Fonte: Fotografia de Ivandro Farias (2019)

Cheguei ao cortejo, no final da tarde, na concentração no restaurante Parentela, localizado na Praça Amazonas, no bairro da Cidade Velha. Já havia um contingente significativo de pessoas todas padronizadas com o abadá, tiaras personalizadas e a maioria das mulheres estava com flores na cabeça, arranjos, rosas únicas na mão: “assim ao ‘customizarmos’ uma roupa, ao adotarmos determinado tipo de dieta alimentar, ao ouvirmos algum tipo de música, podemos estar ‘consumindo’, por meio de produtos uma determinada identidade ou nos ‘autodescobrindo’ ” (BARBOSA; CAMPELL, 2006, p. 23), em referência ao enredo do bloco sobre violência doméstica. Havia muita interação entre as pessoas, conversas paralelas, encontros entre amigos e enamorados. Todos aguardavam os personagens da associação Vaca Velha de São Caetano de Odivelas e sua banda.

Ao lado do restaurante Parentela, estava ocorrendo o baile de carnaval da “Academia de Boxe”, com uma banda de axé. Músicas, conversas e muita dança marcaram a concentração. Ouvíamos algumas músicas baianas muito conhecidas: *Baianidade Nagô*, de Evandro Rodrigues (1991): “Eu vou atrás do trio elétrico vou / Dançar ao negro toque do

¹⁴ Entrevista concedida por Cláudio Rendeiro, juiz de direito, em 2019 - Caderno de Campo da autora.

agogô/Curtindo minha baianidade nagô, ô-ô-ô-ô”. *Minha pequena Eva*, da Banda Eva (1997), também estava no repertório da banda “Meu amor, Olha só hoje o sol não apareceu é o fim, Da aventura humana na terra meu planeta Deus fugiremos nós dois na arca de Noé”.

Havia uma rede de vendedores ambulantes que abastecia de cerveja a concentração e que acompanhou o cortejo. Como é comum nas festas de ruas em Belém, o “copão de Tijuca¹⁵” por R\$ 5,00 e a promoção de três latinhas Draft por R\$ 10,00. Em seus carrinhos, com placas grandes feitas de isopor, essas promoções embalaram a tarde para os brincantes. Todos à espera para a saída do bloco, o momento conhecido como “esquentar”, que foi acompanhado pela chuva da tarde.

Por volta de 18h, chegam o carro enfeitado com flores (símbolo tradicional do cortejo, no lugar de trio elétrico), o organizador do bloco Cláudio Rendeiro (Epaminondas Gustavo) e duas mulheres, uma das quais estava com uma faixa branca e detalhes laranja com a seguinte frase “Lugar de mulher é onde ela quiser”. Outra grande faixa em frente ao carro (Figura 12) chamou atenção das mulheres do bloco, cuja maioria correu para fazer *selfie*¹⁶ e fotos com grupos de amigas, com a seguinte frase - “em briga de marido e mulher eu meto a mão, o coração e a colher #180”; em outra faixa, menor, novamente se lia a frase:” Lugar de mulher é onde ela quiser”.

A temática do cortejo foi sobre a violência doméstica, cuja composição do enredo foi de Cláudio Rendeiro (Epaminondas Gustavo) e Vanilza Malcher, música de Adilson Alcântara, chamada “Num Bato Nem Cum For”, referência a ações contra a integridade física ou moral das mulheres. Assim, a mensagem de placas informativas na abertura do bloco destacava o contato telefônico 180, número da central de atendimento à mulher, atualmente oferecido pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos (MDH).

¹⁵ Tijuca e Draft são duas marcas de cerveja muito populares em Belém, produzidas pela Fábrica da Cerpa, na própria cidade. O popular copão de Tijuca se refere à forma com a cerveja é vendida para facilitar a mobilidade das pessoas. O vendedor coloca a cerveja da garrafa num copo descartável de 600 ml.

¹⁶ “Fotografia que a pessoa tira de si mesma, geralmente com um smartphone ou webcam e é carregada em um site de mídia social”. Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2013/11/significa-selfie.html>. Acesso em: 04 mar. 2020.

Figura 12 - Faixa do Bloco Atrás dos Sem Aqueles



Fonte: Fotografia de Priscilla Brito - Pesquisa de Campo (2019)

A Vaca Velha, pierrôs e cabeçudos chegam e interagem com o público. A banda com seu repertório voltado às marchinhas de carnaval animava o cortejo, corpos em transe, corpos cênicos e teatrais e suas respectivas indumentárias para compor o cortejo. A banda de fanfarra puxa o frevo e movimentava os brincantes, com a explosão de cores, cultura e dança. Adentrei a roda do cortejo e participei do trenzinho puxado pelos pierrôs junto aos brincantes. A cada segundo, mais um brincante entrava no trenzinho, e uma brincadeira reiniciada várias vezes durante o cortejo. Os risos eram constantes e a participação de uma cadeirante que brincou também no trenzinho junto a sua filha deixava ver a preocupação com a inclusão. Havia também um cabeçudinho, um pequeno menino que aparentava ter sete anos de idade, cuja mãe estava ao lado dele durante todo o trajeto, dando o suporte necessário.

O Boi de Máscaras é conduzido por duas pessoas, chamadas de tripas, que precisam estar muito bem preparadas fisicamente para dar conta de carregar o boi e dançar no ritmo acelerado da Fanfarra. Nessa apresentação, além das faixas em defesa da mulher, as pernas da Vaca Velha eram duas moças. Tive a oportunidade de conversar sobre a inserção da mulher na brincadeira, como o relato expressado abaixo.

Na verdade, a questão da mulher, como tudo na sociedade, ela é inserida depois. A priori mais os homens, posteriormente foram inseridas as mulheres, pelo que eu sei, primeiramente como mascarado que é esse que têm a máscara e dança de pierrô ou cabeçudo e agora como perna da vaca como eu e a Jú estávamos dançando. Mas quanto ao pierrô, ao cabeçudo e ao buchudo (um brincante que pode se vestir de qualquer coisa), pelo que eu saiba, sempre havia a inserção da mulher. Agora quanto à perna, a Vaca Velha nesses últimos três anos vem convidando as mulheres para dançar debaixo da vaca, o que não acontece nos outros bois. É difícil! Uma vez ou outra que a gente ouvia falar, mas na vaca é tanto mulher quanto homem (Estefany Chagas, 24 anos, tripa da Vaca Velha, 2019) ¹⁷.

¹⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Estefany Chagas à autora.

Inicia-se o cortejo pelas ruas no entorno da Praça Amazonas. Eu estava com um grupo de pessoas conhecidas, And Santtos e sua família, caminhamos juntos todo o trajeto, um verdadeiro encontro de afetos e animação, a Vaca Velha chamava atenção dos brincantes, muitas fotos ao lado dela. Fazendo um paralelo entre o abadá e a estrutura musical do cortejo Boi de Máscaras, o artista visual destaca a importância da permanência das marchinhas de carnaval para não se perder a essência da tradição para o formato de micaretas.

A cadência está muito acelerada porque, originalmente era mais bailado, mas agora, se é meio carnavalesco, acelera. Então, eu vejo que a partir do momento que o boi de máscaras saiu da matriz dele, no mês de junho e foi para o carnaval, ele não voltou mais para o mesmo ritmo, porque antigamente ele era mais suingado, mais Boi-Bumbá (fez o som tuquitimquitimquitim). Ele foi para o carnaval na folia e começaram a tocar um frevo mais acelerado, quando ele voltou não teve mais jeito. O pessoal que já brincou no carnaval, já dizia “Tá muito lento!” (And Santtos, artista plástico e grafiteiro, 2019)¹⁸.

Esta primeira experiência com a Vaca Velha terminou por volta de 19h45, com as marchinhas tocando dentro do restaurante Parentela. Observamos práticas de consumo voltadas para a música, a dança e os estilos de roupas como produtos sociais, que ocorrem no cerne da sociedade “o consumo é um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos do produto” (CANCLINI, 1999, p. 77).

Pontuamos o consumo nas ciências sociais em relação aos grupos sociais, subjetividades e o próprio cortejo - espetáculo do estar junto. Nesse sentido, explicam Barbosa e Campell (2006, p. 23):

O consumo, no senso comum, sempre esteve associado intimamente associado à exaustão e/ou aquisição de algo. Por conseguinte, a constatação de que, nas duas últimas décadas, as ciências sociais passaram a tratar os processos de reprodução social e construção de subjetividades e identidades quase como “sinônimos” de consumo levanta questões importantes, que precisam ser respondidas.

Assim sendo, um espaço de partilha dentre corpos coletivos nesse cenário artístico-lúdico das manifestações culturais aberta a novas práticas sociais e de consumo alavancadas com criatividade e inovação, com o intuito de manter uma memória coletiva entrelaçada com elementos da sociedade contemporânea.

A propagação do evento nas mídias sociais envolve tessituras sobre práticas de consumos nas plataformas digitais, como a divulgação de informação nas redes como Facebook, Instagram e WhastsApp, além das mídias tradicionais como a televisão e o

¹⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

rádio, “pontes comunicativas entre diversas pessoas e contextos nos mais variados espaços” (ADERALDO, 2017, p. 23) com o objetivo de atingir o máximo de participantes para o cortejo nas ruas. Patrocínios do mercado estão registrados no próprio abadá como forma de visibilidade da marca ou estabelecimento comercial.

As mídias sociais são um meio para os consumidores compartilharem textos, imagens e arquivos de áudio e vídeo entre si e com as empresas. As mídias sociais dão às empresas voz e presença pública na Web, além de reforçarem outras atividades de comunicação. Por causa do seu imediatismo diário, elas também podem incentivar as empresas a se manterem inovadoras e relevantes (KOTLER; KELLER, 2012, p. 589).

As mídias sociais foram um canal de comunicação tanto para a propagação detalhada do evento, a compra e venda de ingressos e do abadá, como também de divulgação para quem desconhece a cultura Boi de Máscaras, como relatada nos cartazes postados no Instagram do organizador do evento (Figura 13 e 14).

Figura 13 - Divulgação do Bloco “atrás dos sem aqueles” no Instagram

 **epaminondasgustavo** ⋮



Bloco
ATRÁS DOS SEM AQUELE/2019
EPAMINONDAS GUSTAVO

CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
NUM BATO NEM CUM FROR
Num bato nem cum fror
Num bato nem cum fror
Tê é atrás de muita paz e muito amor
Num bato nem cum fror
Num bato nem cum fror
Tu te aquele, ora faço -me o favor
Ven cá, meu mano
de confiança escotar
Epaminondas tem algo pro te falar
É teu problema se a mulher se machucar
"Na moimenta, no retrete, na alguidar"
Foi dona Penha quem mandou te avisar
pro violência contra todas acabar

Bloco
ATRÁS DOS SEM AQUELE

BLOCO ATRÁS DOS SEM AQUELE/2019
Tema : *NUM BATO NEM CUM FROR (eu meto a mão , o coração e a colher . 180 já !)
Saída : 17.02.19 às 17h (domingo)
Restaurante Parentela (atrás dos São José Liberto)
Concentração a partir das 15h
Percurso : Parentela/Praça Batista Campos/Praça Amazonas
Na chegada : baile de carnaval de boi de máscaras 🍷
Participação : orquestra e boi Vaca Velha de São Caetano de Odiveiras .
Vendas de abadá :
1º lote até 31 de janeiro : 20 reais
2º lote : a partir de 1º de fevereiro : 25 reais

Deia - PhotoGrid

Fonte: Instagram, perfil @epaminondasgustavo

Figura 14 - Divulgação do Bloco “atrás dos sem aqueles” no Instagram



Fonte: Instagram, perfil @epaminondasgustavo

1.4 Caminhos da Pesquisa etnográfica e a minha "Briga de Galo"

Têm que aproveitar esse período de animação na cidade, porque depois a cidade fica pacata!

Elaine Favacho, cuidadora de crianças, moradora de São Caetano de Odivelas

Na elaboração de meu roteiro para a realização da pesquisa etnográfica, na cidade de São Caetano de Odivelas, no período do carnaval, entre os dias 3 de março a 6 de março de 2019, fiquei hospedada na casa de And Santtos. Fui recebida muito bem por todos da casa, todos me cumprimentavam e as crianças sentaram-se à mesa comigo uma ao lado outra, me fazendo companhia no momento do café da manhã. Perguntei seus nomes, para assim iniciar uma conversa sobre as pinturas e desenhos da cidade e falei das artes realizadas pelo tio. A sobrinha Luana comentou que gostava muito do trabalho do tio e acha muito bonito.

Naquele momento, And Santtos comentou que já havia pintado o filho, Luís Fernando, o sobrinho, Paulo Felipe, e que faltava desenhar as sobrinhas. “Emilly e eu”, gritou Luana, para marcar seu desejo de ser representada as pinturas também. Esta cena familiar deixa ver a interação das crianças com as imagens e o quanto estas estão presentes no seu cotidiano.

Em seguida, conversei com a Dona Maria de Nazaré Favacho dos Santos, 71 anos, mãe do artista (Figura 15). Estávamos na cozinha, ela cortava temperos para a produção de salgados vendidos pela parte da tarde, no mercadinho da família. Ela, pacientemente me explicou: “Eu faço coxinha, mas é porque eu gosto. Me aposentei e eu gosto de fazer coxinha. Eu faço coxinha e coloco aí na frente, aí eu vendo”¹⁹. “Eu gosto de fazer porque eu sempre gostei de trabalhar”²⁰. O rádio estava sintonizado em uma estação de músicas religiosas, algo muito frequente nas casas de São Caetano de Odivelas, escutar música no momento do ofício.

Falei sobre a temática de minha pesquisa, apresentei-me com meu nome, lugar que estudava e onde morava, comentei sobre todo o processo detalhadamente, sobre a escolha do objeto de pesquisa, no caso, a arte nos muros e fachadas de casas realizadas pelos artistas da cidade, para assim Dona Maria de Nazaré Favacho dos Santos criar certa familiarização com a temática. A emoção tomou conta da senhora, olhos lacrimejados, sensação de felicidade em saber que a produção artística de seu filho estaria em minha dissertação. Naquele momento, senti um conjunto de afetos e o sentimento de gratidão por estar sendo acolhida com tanto carinho por todos.

¹⁹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Maria de Nazaré Favacho à autora.

²⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Maria de Nazaré Favacho à autora.

Figura 15 - Dona Mária de Nazaré, mãe do And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2018)

Dona Maria de Nazaré comentou sobre o carinho que tem pela cidade e sobre a emoção de ver a arte do filho inserida em cada muro, estabelecimentos comerciais e fachadas de casas.

Uma emoção muito grande (olhos lacrimejados)! Às vezes, quando ele está por ali pintando de noite, vou ali no quintal olhar o trabalho dele. Me emociona muito de ver ele naquele trabalho! Ele fica fazendo esses trabalhos e o pessoal procura muito ele aqui, ele vai pra Belém. Quando demora muito, o pessoal começa bater – “Cadê

o And Santtos? Quando ele vem?” Todo mundo gosta do trabalho dele (Maria de Nazaré Favacho dos Santos, mãe do And Santtos, 2019) ²¹.

Depois da entrevista com a Dona Maria de Nazaré, continuei o roteiro de minha pesquisa de campo, junto ao And Santtos e seus sobrinhos Emilly e Luana, e seu primo conhecido como Dedé. Percorremos a cidade e fizemos contato com a arte em diversos estabelecimentos. Olhei a nova pintura mural de um quiosque que vende lanches na Travessa Brás de Aguiar. A efemeridade do *graffiti* e do muralismo é uma das características mais recorrentes destas manifestações. Novos traços, formas, percepções e experimentações nova, pautada na valência fugacidade conforme explica Silva (2014, p. 29), “são de duração efêmera, visto que a vida desses grafemas não está garantida e podem desaparecer ou ser modificados minutos depois de sua elaboração”, conforme observamos nos murais a seguir (Figuras 16, 17 e 18) e suas modificações com novos formatos de cores, traços e imagens-poéticas.

Figura 16 - Mural Contemporâneo por And Santtos (2013) – Efemeridade



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

²¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Maria de Nazaré Favacho à autora.

Figura 17 - Mural Contemporâneo por And Santtos (2016) – Efemeridade



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

Figura 18 - Mural Contemporâneo por And Santtos (2018) – Efemeridade



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

A música é muito importante para a cultura odivelense. As bandas de fanfarras são regidas e compostas por moradoras e moradores da cidade e há duas grandes escolas de música. A Sociedade Artística Beneficente Rodrigues dos Santos oferece cursos para a comunidade, como os de sopro, percussão (bateria), violão e teclado; o espaço possuía pinturas realizadas pelo And Santtos com notas musicais na parede. Em seguida, visitei a Escola de Música Milícia Odivelense, o afresco mural representa o mestre Maximiano em uma das paredes (Figura 19).

Figura 19 - Mural Contemporâneo em Homenagem ao Mestre “Maximiano”



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Neste momento de registros e observações, chega um primo do And Santtos, Dedé, de 37 anos e morador de São Caetano há 20 anos, que junto com as crianças, me acompanhou na caminhada. Iniciei uma conversa sobre a arte na cidade e o que ele achava a respeito e a palavra que usou para definir foi “bonito”: “Acho bonito e quero uma arte tipo aquela da casa com leão em frente! Vamos lá”. Então, ele aponta para a pintura na parede da casa e diz: “Quero imagens de mulheres e também personagens daqui de São Caetano, pierrô, entre outros”²².

²² Caderno de campo da autora, fevereiro de 2019.

A formação de músicos na cidade tem como objetivo fomentar a cultura musical e a inclusão de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social e/ou em risco. Nesse sentido, as escolas Banda de Música Rodrigues dos Santos e Banda de Milícia Odivelense, possuem grande importância e significado na vida dos moradores de São Caetano de Odivelas. Segundo Erika de Sousa, moradora de São Caetano de Odivelas, crianças e jovens ingressam nestas escolas com o objetivo de adquirir uma formação artística que possa lhes garantir o ingresso em cursos de licenciatura em música ou a participação em concursos públicos voltados à carreira de músico, em especial as forças armadas, como possibilidade de emprego e ascensão social.

Seguimos andando pelas ruelas da cidade, os sobrinhos e sobrinhas do And Santtos que permaneceram conosco nesta caminhada. Passamos em frente à casa de seu bisavô, uma casa histórica feita de barro, e o artista manifestou um dos seus desejos que é realizar uma intervenção artística nas portas de madeira dessa casa.

Na parte da manhã, novos interlocutores foram surgindo no decorrer da caminhada, o campo de pesquisa é o condutor de muitas descobertas, improvisações e novidades. Assim, seguindo minha incursão, conheci um dos artesãos da cidade, chamado José Carlos (Figura 20), no momento em que estava em sua oficina produzindo peças de madeira, onde fui recebida com muito apreço e atenção. Iniciamos uma conversa e perguntei sobre a trajetória referente ao ofício e questões referentes à interação com as imagens na cidade e se sentia representado.

Figura 20 - Artesão José Carlos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

Primeiro eu vou lhe dizer o que isso significa pra mim, tinha um cidadão aqui por nome do Reis (já falecido), então o que aconteceu, ele era um dos maiores artesãos que tinha em São Caetano, era ele que fazia a confecção desses bois grandes. Eu tinha um boi igual a esse aqui, que eu conservo até hoje, o boi dele que é o caprichoso. Conclusão, ai chegou um cidadão e queria comprar meu boi, peguei vendi, na época eu vendi por R\$ 1500,00 reais, que foi o último boi que esse senhor lá fez. Na época, quando ele fez esse boi pra mim, eu era vereador, conclusão eu vendi o boi e foi um desespero aqui em casa, todo mundo chorava, principalmente esse meu filho que era menor. Fui na casa do cidadão que comprou o boi e tirei as medidas, porque de carpintaria eu entendo, ai eu peguei fui lá, medir tudinho do boi, largura, comprimento da cabeça como o chifre ficava “Agora, meu filho, vamos no mato! Vamos fazer esse boi! Deus me deu o dom e a inteligência por que eu não faço?” Aí fomos para o mato tirar as varas. “Poxa! E agora? Como faço pra entortar essa vara? Tudo têm que ter uma ciência e as primeiras varas que eu tirei, elas quebraram, mas eu consegui e parti para fazer a cabeça dele, justamente esse que está. Aí, fui em Belém, comprei o chifre. “Não vou perder!” Conclusão: fiz o boi ele está aí. Aí, eu aprendi a fazer. Já fiz o búfalo, o leão que foi para exposição no Centur, fiz o rinoceronte que está aqui dentro também. Conclusão: eu gosto de praticar se torna uma terapia! Uma vez chegou um cidadão aqui e falou: “Isso é bom, que é uma terapia para o senhor!” Realmente é, pelo menos a mente não fica parada. Eu gosto de fazer (José Carlos, Artesão, Morador de São Caetano de Odivelas, 2019)²³.

Continuamos a entrevista, com perguntas relacionadas à arte odivelense nos muros da cidade realizadas pelos artistas locais e a sensação quanto à representação diante dos diversos elementos inseridos em cada intervenção artística urbana.

²³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por José Carlos à autora.

Pelo menos pra mim, eu como morador eu acho assim ele uma pessoa muito talentosa e um grande profissional que a gente tem em São Caetano, pra mim eu acho uma coisa muito bonita, a divulgação do trabalho dele no painel as pessoas, pra mim é alguém que está levando daqui para fora o que a gente tem de bom, que são os nossos artistas e a lembrança do lugar, ai todo mundo lá de fora está vendo que São Caetano existe realmente no mapa agora com o trabalho divulgado de cultura, de arte então pra mim isso é muito significativo (José Carlos, Artesão, Morador de São Caetano de Odivelas, 2019)²⁴.

Em seguida, retornei à casa do artista And Santtos para almoçar a convite da família, era realmente um momento de interação e diálogo com os moradores da casa. Dirige-me ao quintal, a mesa estava pronta, as panelas com os alimentos quentes e saborosos e todos sentados à mesa (Figura 21). Naquele instante, apresentei-me para o restante dos familiares, fizeram algumas perguntas, percebi a aceitação de me incluírem em todas as refeições, em vivenciar — o estar junto, ato sociocultural em torno de uma sociabilidade da partilha de alimentos, permeada a partir de significados, tradição e costume.

Figura 21 - Almoço com a Família Favacho



Fonte: Fotografia de Eliane Favacho (2019)

Durante esse momento de interação, pensei na metáfora elaborada por Geertz (2017), referente à “briga de galo”²⁵. Não passei por nenhum ritual de aceitação, mas deparei-me com um lugar totalmente novo, sem conhecer o universo simbólico e como se dinamiza espaço-

²⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por José Carlos à autora.

²⁵ Em princípios de abril de 1958, em Bali, uma colônia inglesa, com cerca de quinhentos habitantes, Geertz e sua mulher pretendiam estudar como antropólogos a cultura balinesa. Nesta experiência etnográfica, eram tratados com indiferença e vigiados a cada movimento que faziam até acontecer, “ainda transparentes, um superorganismo” (GEERTZ, 2017, p. 186). No momento da rinha, com a chegada da polícia no local, Geertz e sua mulher fugiram intuitivamente em direção a aldeia na mesma situação dos demais balineses. A partir de então, o status foi alterado sendo aceitos e tratados de modo afetuoso, no qual se perpassa um ponto de reviravolta diante a relação com a comunidade.

tempo daquela família. Era totalmente estranha naquele lugar. A caminhada de vida me proporcionou grandes experiências diante do convívio com o diferente. Naquele instante, emergiam lembranças de ter convivido com famílias de amigos em Marabá, cidade do sudeste paraense, na época em que cursei os primeiros períodos letivos da graduação do curso de Pedagogia, modalidade intervalar. O acolhimento daquela família odivelense me trazia à memória outras pessoas que cruzaram o meu caminho e me acolheram com empatia, de forma afetuosa.

Nesse sentido, a pesquisa ganhou outros roteiros (após a “briga de galo”), surgem novas conversas e a prática do ouvir entra em ação. Com o pai do Anderson, seu Pedro dos Santos, 78 anos, havia programado para o final da tarde, mas percebi sua receptividade em contribuir naquele momento do almoço. Ele iniciou contando a trajetória de sua vida e o ofício de pescador desde seus 13 anos de idade. Comentou sobre uma pesquisa realizada, por outra pesquisadora, em meados de 1991, a qual acompanhou todo o processo de captura da piramutaba²⁶ “Ela viu como a gente trabalhava no curral, viu como a gente tirava o peixe da rede”²⁷.

A conversa fluiu em meio à mesa com a sarda assada²⁸, a farinha²⁹ e a pimenta de cheiro³⁰ servida, se estabelecia uma interação em torno da aproximação do pesquisador com o “nativo”. Após o almoço, entrevistei seu Pedro, novamente apresentei a pesquisa referente à arte odivelense realizada pelos artistas locais e mencionei algumas perguntas em torno da cidade de São Caetano de Odivelas.

²⁶ “A piramutaba (*Brachyptalystoma vaillantii*) é abundante na Calha do rio Solimões (AM). É carnívora, alimentando-se de outros peixes menores. Costuma desovar em lugares rasos, em rios de água turva, onde há pouca incidência de peixes. É considerada a única espécie do gênero que forma grandes cardumes, podendo ser capturada aos milhares. É caracterizada por ser um peixe de couro de água doce que alcança um metro de comprimento e pesa cerca de dez quilos, possui além de barbilhões comuns, dois muito compridos na cabeça. Sua reprodução se dá no início das enchentes, com os alevinos crescendo no estuário nas proximidades da baía de Marajó, é muito bem aceita tanto para consumo local quanto para exportação devido seu sabor ser agradável e de qualidade satisfatória”. Disponível em: <http://www.amazoniadeaaz.com.br/cidades/o-que-e-piramutaba/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Pedro dos Santos à autora.

²⁸ “Também chamado de serra-comum e sarda, é um peixe de escamas, de coloração azul-escuro, corpo alongado, com duas nadadeiras dorsais bem próximas uma da outra. Na cor, tem os flancos e o ventre prateados. Em geral, esta espécie não passa de um metro de comprimento, com cerca de oito quilos. O bonito costuma formar grandes cardumes em alto-mar. Aliás, é considerada uma espécie oceânica de superfície e migratória (daí sua ocorrência em várias partes do litoral brasileiro)”. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-dagente/fauna/noticia/2015/01/bonito.html>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²⁹ A farinha de mandioca é produzida a partir da raiz da mandioca. Utilizada na culinária paraense.

³⁰ “Marca registrada da região Norte, esta pimenta de baixa picância e de perfume marcante”. Disponível em: <http://www.combu.com.br/produtos.html>. Acesso em: 10 ago. 2019.

No período da tarde, recebi o convite para participar do bloco de carnaval da família Favacho, o estreitar dos laços se estabelecia no decorrer do dia. Havia levado vários adereços, foi o momento que novas relações eram formadas, mas agora com as irmãs (Eliana, Eliane e Elaine) e a cunhada Taiana, em torno de maquiagens e ajuda mútua um das outras. Foi um momento divertido e com muita interação.

A etnografia possibilita grandes descobertas diante da apreensão da realidade apresentada, na dimensão cultural e conjuntural de uma determinada comunidade e seus atores sociais. A partir da interação com o “nativo”, para assim conhecer suas experiências, saberes e práticas, no exercício do “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 1996).

O período festivo é muito aguardado na cidade. Nesta minha segunda viagem, a convite de And Santos, comecei a observar mais ainda como o Boi de Máscaras era visto positivamente pela comunidade. A participação ativa nos preparativos do cortejo, o preparo do café da manhã coletivo, a organização da exposição de fotografia e biscuit desenvolvido, a incursão ao campo, tudo isso se revelou um espaço de lazer, campo de trocas de afetos e relatos parciais, espaço de sociabilidade e uma rede “identificando seus termos e articulando - os em sistemas de relações” (MAGNANI, 2002, p. 20).

O Boi de Máscaras segue uma programação para sair às ruas de São Caetano de Odivelas, correspondendo ao mês de junho ligado aos festejos da quadra junina, além do arrastão do carnaval, com a presença de personagens e suas respectivas indumentárias para compor o cortejo. As bandas de fanfarras puxam o frevo e movimentam os brincantes, com uma explosão de cores, cultura e dança: nasce assim a teatralização do coletivo e a espetacularidade “como uma ação produtiva que a partir do fato comum, da vida cotidiana aciona a espetacularização” (AMARAL FILHO; ALVES, 2018, p. 21).

O Boi de Máscaras chama atenção por ter um caráter particular perante as outras comemorações que envolvem o boi, sendo um cortejo com peculiaridade da Cidade de São Caetano de Odivelas e os sentidos experimentados em comum e as variações performáticas, além de processos ritualísticos e personagens.

De fato, há momentos em que, por uma espécie de “impulso” da base, percebe-se que a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações econômico - políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem, *stricto sensu*, o corpo social (MAFFESOLI, 1996, p. 73).

Uma manifestação artístico-cultural partilha de emoções com a comunidade que aguarda ansiosamente o momento do cortejo, marcada pela performance estética e o desejo de estar - junto, numa memória social atravessada por gerações.

1.5. No Curral da Vaca, minha terceira viagem a campo

A Vaca Velha faz parte da cultura odivelense, é uma das associações do município que organiza o Boi de Máscaras. Desde 1980, criada pelos visionários Onório Chagas, Salim Gurjão Alves e Manoel de Jesus Rodrigues, retomada por um grupo de amigos em 2016 e pela comunidade odivelense, com novos sentimentos de pertencimento, o único representante feminino pautado em uma discussão da inserção da mulher na brincadeira e a participação em diferentes instâncias da associação.

O curral é um espaço cultural de São Caetano de Odivelas, destinado à realização de atividades, em torno da manifestação cultural Vaca Velha, lugar onde podemos encontrar todos os elementos do folguedo, como as indumentárias dos personagens. É neste ambiente que ocorrem as comemorações de aniversários da associação e apresentações voltadas a projetos sociais da cidade, como natal solidário.

“Em qualquer pesquisa etnográfica, todo objeto se define por um limite, que o distingue de um exterior e o faz existir. De modo mais geral, é sempre sobre uma fronteira existente, na qual ganha sentido a relação entre identidade e alteridade, que o “outro” começa a existir para “mim” ou para “nós” (AGIER, 2015, p. 486).

Minha terceira viagem foi no aniversário da Vaca Velha realizada no dia 8 de junho de 2019, e minha incursão ao campo iniciou-se com a alvorada pelas ruas odivelenses e o retorno com o café da manhã e demais atividades ao longo do festejo. Nesse ano, o grafiteiro Adriano DK realizou uma intervenção artística em uma das paredes do curral, momento de troca e diálogo com a comunidade no ato da intervenção artística. A participação de pessoas foi frequente em cada detalhe da elaboração e construção do desenho, sendo uma homenagem à Vaca Velha e aos demais personagens que contemplam a manifestação cultural Boi de Máscaras, como o pierrô e o cabeçudo, repletos de cores, poesia e afeto.

Essa questão da pintura e dos murais são importantíssimos tanto para a cultura em si, quanto para o artista e para a valorização do município, acaba atraindo turista. A cidade acaba entrando no encanto também, acaba vivendo a cultura entre esses dois meses junho e julho. A gente vê também a coisa de mão dupla, eu acho que é muito importante para o artista está ligado à cultura, a um grupo, a uma associação e é importante também para o grupo e para associação ter artistas no meio da O morador

é parte desses murais, ele se sente dono e cada um faz a sua parte (Ivandro Farias, vice-presidente da Associação Vaca Velha, morador de São Caetano de Odivelas, 2019)³¹.

A parede com a base preta ganhou cores vivas da manifestação cultural, uma rede de sociabilidade instaurava-se naqueles momentos. Um pedaço de afeto com laços de pertencimentos da cultura odivelense, o grafiteiro, a lata de *spray* e a poesia, entre uma tríade e movimentos designados a formar personagens oriundos a manifestação, entre olhares por quem passava em frente ao curral.

Os jovens moradores do entorno, deslocaram-se para o Curral da Vaca Velha e acompanharam tudo de perto. A vontade de aprender a grafitar foi algo muito comumente ouvida por eles “eu acho bonita essa arte na parede”³², disse Cauê de 13 anos, morador de São Caetano de Odivelas.

Interpretar, narrar e estabelecer com o mural contemporâneo diferentes observações, em torno da subjetividade de cada jovem transeunte, em relação à arte do *graffiti* e à cultura urbana muito presente na cidade de São Caetano de Odivelas. A cidade como um espaço constituinte do sujeito, diante visualidades expressadas sobre a experiência do lugar peculiar ligada a manifestação cultural Boi de Máscaras.

O olhar fascinado por cada traço poético e sensível, capaz de despertar infinitas sensações e formas de vínculos e comunicação social — a construção imagética do espaço/local, “nesta dinâmica o grafite aposta em captar, ou ainda, cooptar o olho humano (e urbano) com a intensidade de cores e com a própria dimensão arquitetônica de suas imagens” (ESTRELLA, 2003, p. 133). O percurso do olhar do transeunte diante o mural contemporâneo (Figura 22) enuncia o artístico/poético alçados no espaço citadino, em uma extensão de potências imagéticas e identitárias do lugar.

³¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Ivandro Farias à autora.

³² Caderno de campo da autora, junho de 2019.

Figura 22 - O olhar do Transeunte



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

O transeunte, em especial a juventude, passava pelo curral da vaca velha para acompanhar cada traço, cores e o olhar de admiração, inspiração para novas vidas e sonhos como o de João Vitor de 13 anos, que passava pelo local vendendo coxinha para ajudar no sustento da casa e apaixonado pela arte, o sustento da mão segurando a vasilha de plástico com os salgados e a garrafinha de pimenta, comentou comigo e pontuou rapidamente algumas perguntas acerca da intervenção artística, a primeira mencionada foi “Toda vez quando estou na rua vendendo coxinha eu paro para olhar eles fazendo o *graffiti*”³³, o silêncio tomou conta: olhos fixados em cada traço e movimentos do *spray*, eu ao lado observando a participação da comunidade e de como quanto a arte é propulsora de novas experiências e integração da própria cidade. João Vitor continuou suas indagações e perguntas - Ele não erra, né?! Quanto é que ele faz um desenho desse?³⁴ Neste momento, chamei o Adriano DK para conversar com João e apresentá-lo, em seguida DK perguntou: Tens vontade de aprender a grafitar?³⁵ O sim veio como resposta e o brilho de mais um jovem querendo oportunidades e acesso ao

³³ Caderno de campo da autora, junho de 2019.

³⁴ Caderno de campo da autora, junho de 2019.

³⁵ Caderno de campo da autora, junho de 2019.

conhecimento da arte. Observamos neste processo de interação com a intervenção artística “como modos de enunciação de si, do grupo e de reconhecimento e, sendo assim, como terrenos férteis de cidadania” (DIÓGENES, 2006, p. 193).

Percebemos a importância de expandir para além dos muros da Associação Cultural Vaca Velha, oficinas de *graffiti*, rap, dança, música e demais linguagens artísticas em torno de bairros dos participantes apreciadores da arte do artista Adriano DK “de sentidos partilhados sobre a cidade e provocando novos olhares e novas formas de ocupação do espaço” (DIÓGENES, 2006, p. 193), deslumbrados com as cores, a curiosidade em como definir cada traço e rabisco com a lata de *spray* e a curiosidade do saber sobre a arte urbana (Figura 23).

A relação do *graffiti* com a juventude torna-se espaço de sociabilidade e lazer, além de uma produção artística contemporânea na cidade, sendo desta forma um ato comunicacional com a própria cidade e a cultura visual urbana odivelense. A partir de uma urbe

repensada, reconstruída, reimaginada, recriada. Entre outras práxis e entre outras energias que emponderam os habitantes, a arte se dá para a vida urbana como a guardiã das aprendizagens civilizatórias. A arte de criar, evoca os tempos de experiências diversas e provoca os atores sociais a inscrever, pintar, sobrepor, misturar com ações criativas, os ritmos da vida ordinária. A cidade é reconhecida *autrement*, não apenas por suas ideologias triunfantes, mas amalgamada por significações percebidas e vividas por aqueles que as habitam sensivelmente e se deslocam sensorialmente (DIÓGENES; CAMPOS, ECKERT, 2016, p. 12).

Cada olhar sublime em direção à arte despertava sonhos, inquietações, vontades e futuras realizações de estar inserido no processo de aprendizagem da arte do *graffiti*, a vontade de participar de oficinas para aprender, o olhar fitava cada ação dos grafiteiros em ação na elaboração de um novo mural, tomado pela poética do lugar, pelas cores suaves e fortes da cidade com cheiro do manguezal e a imersão latente da música no ouvido entre percursos das ruelas e escolas centenárias desta urbe, de uma cidade espriada de vidas e pertencimento de uma cultura chamada Boi de Máscaras.

Figura 23 - O olhar do Transeunte



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

A inserção de crianças e jovens no circuito artístico com oficinas e aulas entre a teoria e a prática do conhecimento voltado à arte urbana, espalhada e viva na cidade, ocorreu esse momento de realização de oficinas voltadas à comunidade, entretanto o cenário atual está parado com a falta de investimento a arte e educação.

O sentimento é sobre a oportunidade que as pessoas não têm. NA minha opinião, o gestor do município era para fazer um atelier ou um galpão para confecção da arte odivelense como fonte de renda na comunidade, porque hoje eu enxergo assim um pouco da cultura. (Patrício Lopes, proprietário do supermercado Pague Menos, morador de São Caetano, 2019) ³⁶.

Depoimentos como esse foram frequentes por parte da comunidade odivelense, um grito para o incentivo cultural, olhares permanecem viçosos e pulsantes em meio a intervenção artística. A circulação de pessoas era constante, pessoas saindo de suas labutas e indo prestigiar o aniversário no curral, além de registrar cada momento com a arte sendo desenvolvida.

Aqui em São Caetano o Boi de Máscaras que é do nosso município é bem visto, a gente só precisa expandir mais isso, o Adriano DK e o And Santtos são referências, são os nossos exemplos no nosso município, a gente tem eles como belos artistas e

³⁶ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Patrício Lopes à autora.

profissionais. Em toda cidade tem um ponto deles assinado por eles (Edilenny Oliveira, técnica de enfermagem, moradora de São Caetano, 2019)³⁷.

Quem acha que São Caetano são as festas que chamam a atenção, só a beleza daqui, não. Você precisa conhecer São Caetano pela arte (Priscila Portugal, técnica de enfermagem, moradora de São Caetano de Odivelas, 2019)³⁸.

A cena do *grafitti* possibilita novos espaços de socialização em diferentes grupos-
etários (Figura 24, Figura 25), tornando-se um instrumento de vínculo e afeto entre a
comunidade e apropriação do espaço com paredes grafitadas, como forma de visibilidade dos
personagens da manifestação cultural da cidade, um delineamento da relação entre os seus
habitantes, os modos de vidas e de uma prática urbana peculiar entre as materialidades
existentes nos murais contemporâneos, esculturas, além de uma paisagem sonora dentre as
diversas aspirações culturais e artísticas.

Figura 24 - Interação com o Mural Contemporâneo no Curral da Vaca Velha



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

Observamos, nessa incursão ao campo, diversas faixas etárias presentes no espaço
social diante da representação visual urbana sendo acompanhada, dialogada e observada
minuciosamente, a partir da subjetividade de cada sujeito presente na produção do mural de
grafitti (Figura 24), delineado pelo processo de identificação e ressignificação da própria
história de vida narrada pelo grafiteiro Adriano DK e dos demais moradores que vivenciam
no cerne a manifestação cultural odivelense.

³⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Edilenny Oliveira à autora.

³⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Priscila Portugal à autora.

Figura 25 - Resultado do Mural Contemporâneo por Adriano DK no Aniversário da Vaca Velha



Fonte: Fotografia de Adriano DK (2019)

*Capítulo 02: A cidade São
Caetano de Odivelas, uma
etnidade Amazônica*

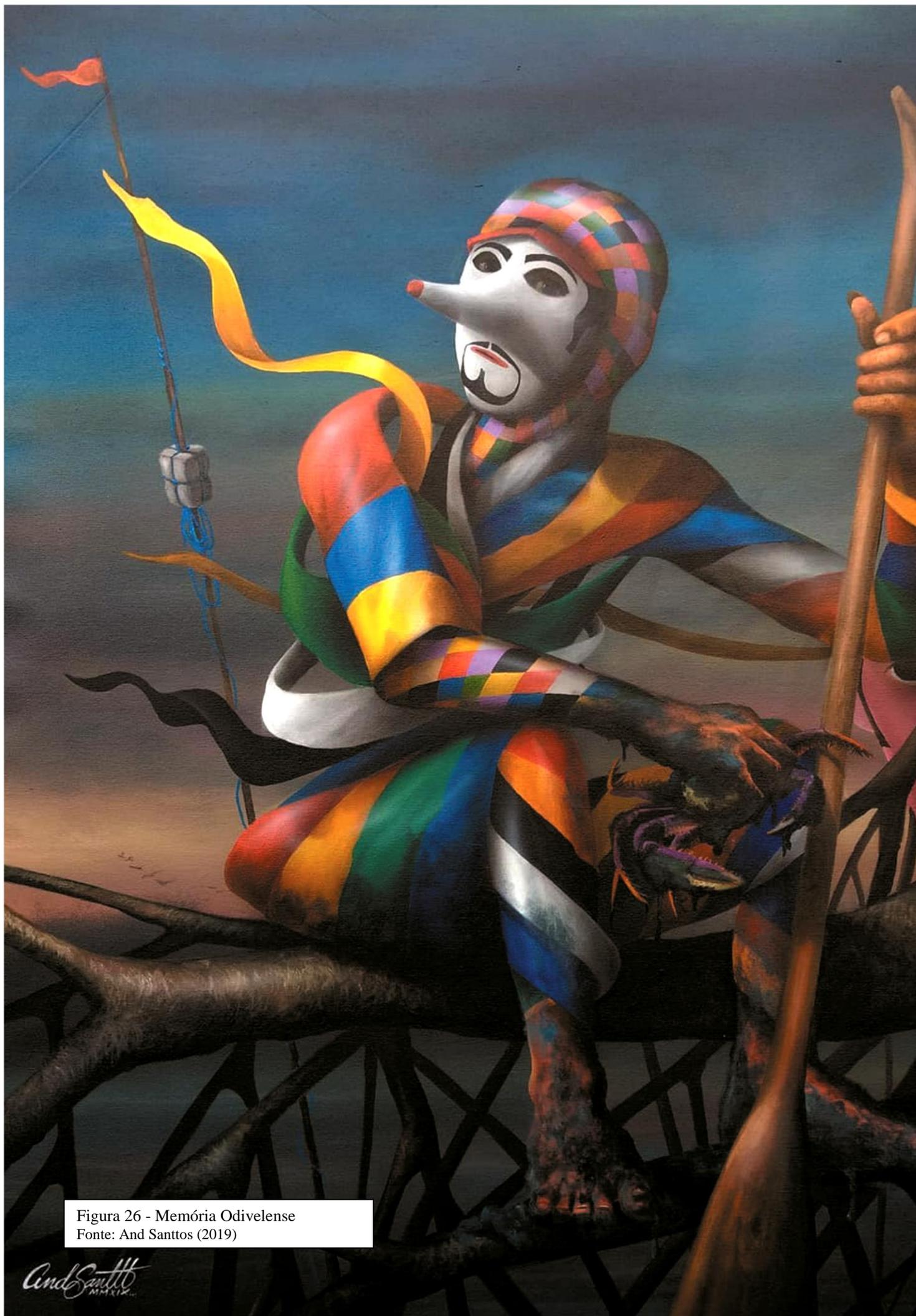


Figura 26 - Memória Odivelense
Fonte: And Santos (2019)

And Santos
MMAIX

Ela representa a minha história, a minha vida, pois foi e ainda é o lugar onde tenho e crio memórias. Sejam elas da minha infância, da minha juventude. É aqui que minha família mora e sempre morou, foi aqui que tive meus primeiros sonhos. Então São Caetano, afirmo novamente, representa minha história de vida!

Tassiane Garça, pedagoga, moradora de São Caetano de Odivelas.

As cidades e seus sujeitos são historicamente construídos, suas memórias são fraturadas e a depender das condições de possibilidades, visibilizam e silenciam discursos. A colonização europeia na América Latina impôs uma ordem de inferiorização às culturas locais, sobretudo as matrizes culturais indígenas e africanas passaram a figurar como o atraso, a selvageria. No século XXI, estas tensões continuam produzindo processos de exclusão dos saberes locais, que nunca deixaram de encontrar táticas de resistência. Dessa forma, “como etniCidades amazônicas, assinalo um grupo de singularidades associadas a diferentes processos históricos e culturais marcados pela presença do colonizador europeu, a princípio, mas depois agenciados por poderes locais bastante imbricados com o capital estrangeiro” (NEVES, 2015, p. 2). Abaixo (Figura 27) a cena do rio Mojuim na cidade de São Caetano de Odivelas.

Figura 27 - São Caetano de Odivelas - Rio Mojuim



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Neste sentido, a homogeneidade nas cidades é denegada; e elas não podem se traduzir em um único discurso, mas sim por espaço de uma pluralidade étnica e cultural, historicamente construída. Não como um espaço neutro, esvaziado de memória, ou ainda um cálculo urbanístico, mas sim como um espaço interativo, que caracteriza e sintetiza múltiplas vivências sobre o saber local. E se ela nasce dos documentos da Igreja Católica ou da Coroa Portuguesa no século XVIII, nesta região, os Tupinambás, as populações afrodescendentes que se estabeleceram neste território, as migrações de nordestinos no século XX, como bem coloca a pedagoga Tassiane Garça, citada na epígrafe deste Capítulo, produziram suas memórias.

As memórias de seus moradores são fraturadas, recontadas a partir de suas próprias experiências, narrativas e possibilidades constituídas de resistências e negociações culturais.

Dentro do programa de urbanização do mundo e recuperando a metáfora de Bauman, a cidade expandida em redes de conexão tem sido chamada de cidade líquida, mas eu prefiro chamá-la de cidade errante, porque esta característica define com mais clareza o caráter de sua mobilidade que, se deslocando sem sair do local físico, descobre nas imagens digitais do mundo os lugares que, sem contexto, são mundiais e disponíveis para serem usados imaginariamente e permitem a arquitetura harmônica do mundo, que seria possível, embora apenas virtual. (FERRARA, 2015, p. 143).

A cidade de São Caetano de Odivelas é conhecida internacionalmente pela manifestação cultural denominada Boi de Máscaras e economicamente pela extração de caranguejos e ostras; um tocante com a natureza e o encontro com rios, praias costeiras e uma ambiental privilegiada – o manguezal. Em suas ruas encontramos casas dos pescadores, fachadas de casas repletas de cores, artes e espetáculos culturais, a interface entre paisagem bucólica e uma paisagem em festa.

A próxima fala, de Ivandro Farias, morador de Odivelas, também deixa ver a cidade como palco da existência humana, para além dos cálculos urbanísticos.

Significa a história de minha família, meu porto seguro, o lugar em que consigo relaxar depois de um período de trabalho. Significa realizações pessoais, é onde consigo acompanhar as pessoas, todas muito próximas, onde posso, na medida do possível, ajudar. Me realizar enquanto pessoa³⁹.

Os murais espalhados pela cidade também traduzem estas memórias. Nos capítulos, vamos apresentar a cidade, sua geografia, sua história, a fala dos próprios moradores e a relação que estabelecem com as tintas e *spray* de And Santtos e de Adriano DK.

³⁹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Ivandro Farias à autora.

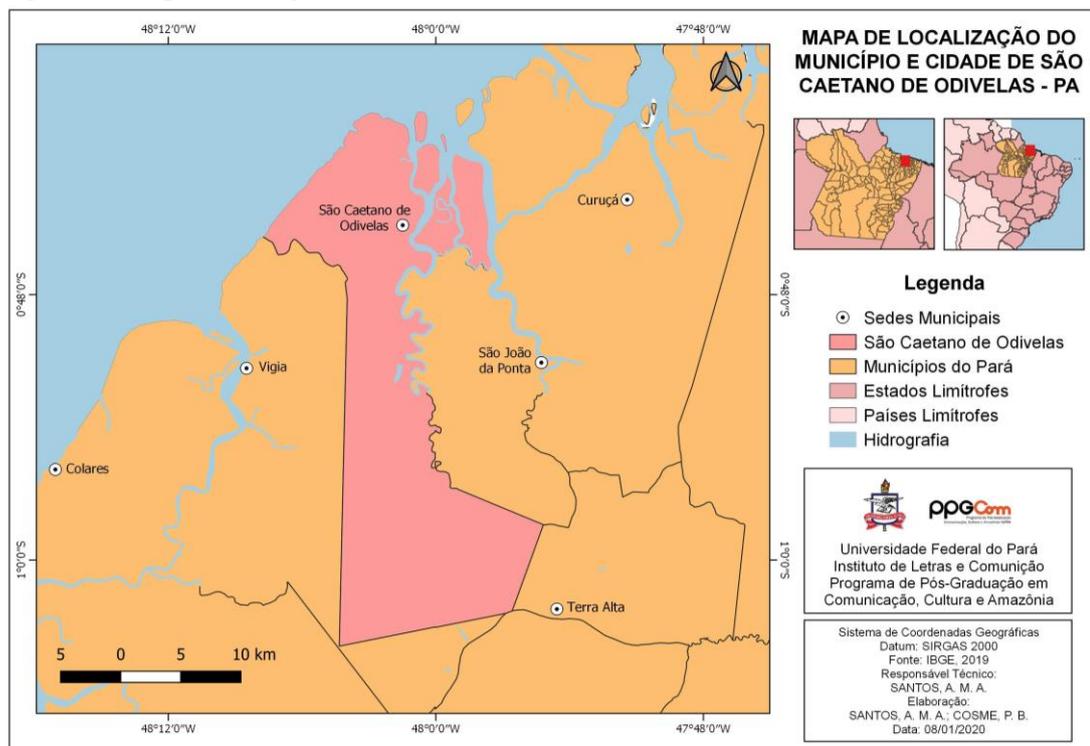
2.1 O oceano na esquina: região do Salgado no Pará

São Caetano pra mim, representa, minha infância. Onde nasci, brinquei, pulei, chorei...minha cidade, Meu lugar predileto. Amo demais esse lugar, não troco por lugar nenhum. Mas, o que acaba é a política, que ao invés de trabalhar, roubam. Aqui vivi várias coisas.

Eliana Favacho, autônoma, moradora de São Caetano de Odivelas

Pertencente à Mesorregião do Nordeste Paraense, mais especificamente na Microrregião do Salgado, a cidade de São Caetano de Odivelas, que nasceu a partir das interações com o rio Mojuim, hoje está localizada a 95 km da capital de Belém, na PA-140. A partir de dados do IBGE, em colaboração com a geógrafa Marcela Santos, elaboramos o mapa a seguir (Figura 28):

Figura 28 - Mapa Localização de São Caetano de Odivelas – Pará

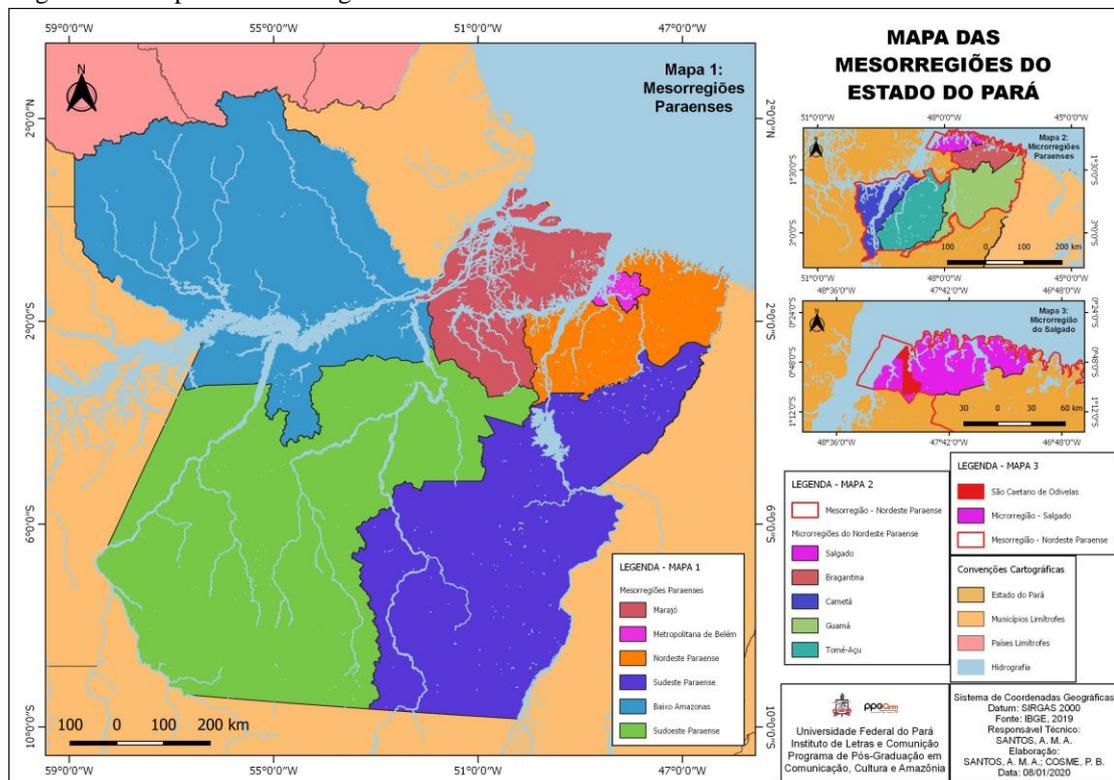


Fonte: IBGE (2019)

O Pará, atualmente, é dividido em seis (6) mesorregiões: Baixo Amazonas Paraense, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense,

como podemos ver a seguir (Figura 29), neste mapa também fundamentado por dados do IBGE em colaboração com a geógrafa Marcela Santos.

Figura 29 - Mapa das Mesorregiões do Estado do Pará



A microrregião do salgado no estado do Pará faz parte da zona costeira, abrange uma área total de 5.812,70 km² e compreende 11 *municípios*: Colares, Curuçá, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Salinópolis, São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, São João de Pirabas, Terra Alta e Vigia. Predominam atividades voltadas ao extrativismo do caranguejo (Figura 30) e da pesca (de curral, artesanal e ribeirinha) como as principais atividades econômicas da população, “é também fonte geradora de renda para algumas familiares a pesca do siri (*Callinectes* sp.), do mexilhão (*Mytella* sp.), da ostra (*Crassostrea* sp.) e do turu (*Teredo* sp.)”⁴⁰ (Figura 31 e 32).

⁴⁰ ICMBio. Estudo socioambiental referente à proposta de criação de Reserva Extrativista Marinha no município de São Caetano de Odivelas, estado do Pará. [Brasília], 2014. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas_publicas/Estudo_Socioambiental_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Resex_em_S%C3%A3o_Caetano_de_Odivelas_PA_2.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.

Figura 30 - Mangue - São Caetano de Odivelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

Figura 31 - Pesca Artesanal – São Caetano de Odivelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

Figura 32 - “O Pescador e a Rede”



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

2.2. São Caetano de Odivelas: sua infraestrutura social e suas dificuldades

Fundada pelo missionário da companhia de Jesus, Frei Filipe, a cidade começou com uma fazenda chamada São Caetano ⁴¹, para difundir a religião cristã e posteriormente iniciar o processo de evangelização, ainda na época da colonização portuguesa.

As cidades, as vilas e povoações da Amazônia nasceram, em geral, de antigas aldeias das missões e de fortalezas do período colonial, mas também de “currais de índios” – uma espécie de arraial para abrigo temporário de tropas de descimento e resgates. Na segunda metade do século XVIII, seus habitantes, basicamente índios, tiveram que ajustar-se às novas diretrizes pombalinas para que, nas aldeias transformadas em vilas, as casas fossem construídas com “uniformidade e retinilidade” (BESSA FREIRE, 2004, p. 182).

A vila de São Caetano de Odivelas esteve vinculada à Vigia de Nazaré no Pará e a partir da Lei Estadual N° 8, de 31 de outubro de 1935, a vila transforma-se em município.

⁴¹ “As origens do município de São Caetano de Odivelas lembram a presença de frades integrantes da Congregação dos jesuítas (companhia de Jesus). Os mesmos batizaram a área onde fixaram seu local de evangelização como sendo São Caetano, e a partir do qual começou seu desenvolvimento. No local da vila de São Caetano, fundaram, no dia 07 de agosto de 1735, uma importante fazenda com a denominação de São Caetano de Odivelas. O nome São Caetano originou-se devido o dia 7 de agosto ser o dia de São Caetano, e Odivelas em homenagem a uma cidade de Portugal com o mesmo nome, e também terra natal de Frei Filipe, coordenador da congregação jesuítica local. Esta fazenda de gado localizava-se à margem do Rio Mojuim, a 11 km de sua foz, na qual hoje se assenta a dese do município” (CASTILHO apud FERNANDES, 2007, p. 53).

Atualmente, é localizada na Mesorregião do Nordeste Paraense e na Microrregião do Salgado, a sede do município está localizada a 100 km da capital de Belém, na PA-140. A cidade é banhada pelo rio Mojuin, possui uma população estimada de 18.050 pessoas⁴² e é conhecida economicamente pela extração de caranguejos e ostras.

O município de São Caetano de Odivelas comporta a Resenha Extrativista Marinha Mocapajuba, em virtude da conservação dos recursos do ecossistema costeiro e práticas da pesca artesanal (ICMBio, 2014) e a vida das populações tradicionais atreladas que buscam a sobrevivência nessas áreas costeiras.

De acordo com Marcelo Tavares (2019, p. 10),

O projeto “Empoderamento, ethos local e recursos naturais: a cartografia social como estratégia para a elaboração de planos de ação em RESEX’s marinhas do salgado paraense”⁴³ surgiu em 2014 com o objetivo de criar um plano de ação de uso dos recursos na área em questão, como uma maneira de subsidiar a posterior criação do plano de manejo, já que o plano de manejo deve ser criado somente pelos próprios moradores da reserva, com o auxílio do ICMBio.

De acordo com o censo escolar de 2019 apresentado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) ⁴⁴, entre secretarias municipais e estaduais. A cidade de São Caetano de Odivelas possui trinta e três escolas municipais, dentre a localidade urbana e rural e duas escolas estaduais,

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) ocorrido em 2017 é calculado a partir da Prova Brasil aplicada nos municípios e o Sistema de Avaliação de Educação Básica (SAEB), para as unidades da federação e para o País. O IDEB agrega ao enfoque pedagógico e por ser condutor de política pública em prol da qualidade e melhoria na educação. A seguir (Figura 33 e 34), os números do IDEB relacionados a São Caetano de Odivelas:

⁴² IBGE (2019). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-caetano-de-odivelas/panorama> . Acesso em: 21 ago. 2019.

⁴³ “De 2014 a 2016 este projeto vinculado a PROPESP-UFGA, coordenado pela prof. ^a Dr^a Voyner Ravena Cañete, objetivou realizar um diagnóstico participativo do quadro atual de utilização dos recursos naturais, especialmente os pesqueiros, no interior da RESEX Marinha Mãe Grande de Curuçá, originando assim, um plano participativo de ação para essa Unidade de Conservação. A intenção do projeto foi subsidiar a criação de planos de manejo, tanto no município de Curuçá quanto em São Caetano de Odivelas. O projeto continua em atividade reformulado para a modalidade extensão e vinculado ao grupo de pesquisa EHNAPAM-UFGA (Ecologia humana, natureza e populações amazônicas)”. Disponível em: <https://ehnapam.org/>. Acesso: 21 ago. 2019.

⁴⁴ INEP. **Censo escolar**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Figura 33 - Anos Iniciais da Rede Municipal



São Caetano De Odivelas

1 pessoa acompanhando

Melhore o seu Ideb

São Caetano de Odivelas: Ideb 2017

O Ideb é calculado com base no aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). Veja o Ideb do município e a situação das escolas

Ano: 2017 Rede: Etapa escolar:

SÃO CAETANO DE ODIVELAS

O Ideb 2017 nos anos iniciais da rede municipal cresceu, mas não atingiu a meta e não alcançou 6,0. Tem o desafio de garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado.

Aprendizado

4,90

Quanto maior a nota, maior o aprendizado

Fluxo

0,82

Quanto maior o valor, maior a aprovação

Ideb

4,0

Meta para o município **4.1**

SITUAÇÃO DAS ESCOLAS

Análise do Ideb 2017. [Entenda esta classificação](#)

- Manter: 0,0%
- Melhorar: 0,0%
- Atenção: 66,7%
- Alerta: 33,3%



Veja a situação em cada escola

EVOLUÇÃO DO IDEB

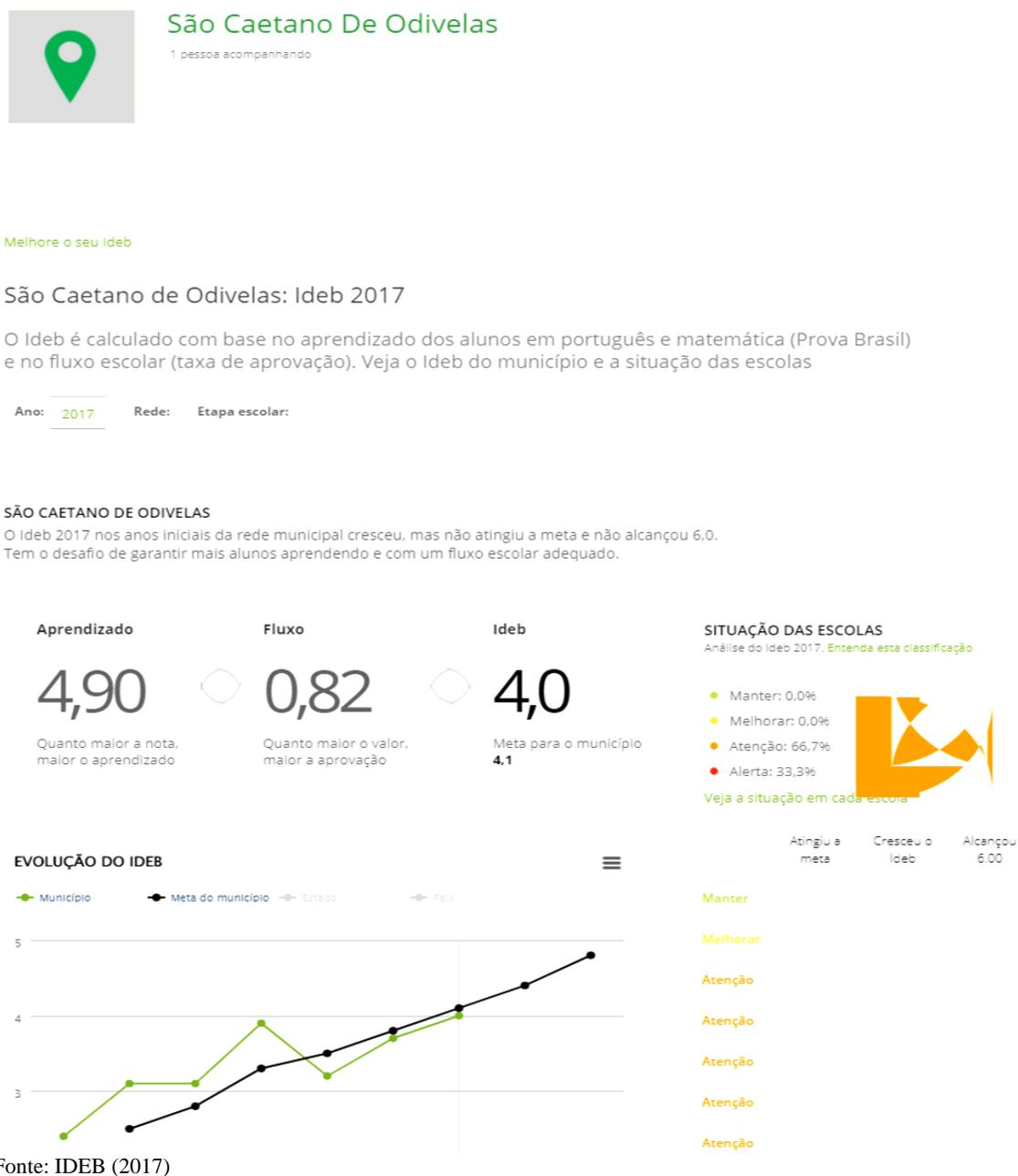


Fonte: IDEB (2017)

Atingiu a meta Cresceu o Ideb Alcançou 6,00

- Manter
- Melhorar
- Atenção
- Atenção
- Atenção
- Atenção
- Atenção

Figura 34 - Anos Finais da Rede Municipal



A cidade possui o núcleo universitário Professor Mário Chagas Fernandes que, de acordo com informações do Núcleo Universitário de São Caetano de Odivelas (NUSC), foi criado pela lei municipal nº 166,03 de abril de 2018, inaugurado no dia 09 de julho de 2018. A instituição de ensino é uma parceria entre a prefeitura municipal de São Caetano de Odivelas e a Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal - Pará. O núcleo oferta vaga no curso de licenciatura plena em Letras.

O cenário dos principais meios de comunicação da cidade ainda é um pouco limitado. Em São Caetano, até o início de 2020, havia a cobertura das operadoras Claro, Vivo e Oi,

cujas coberturas compreendem apenas a zona urbana da cidade; na zona rural, os moradores não conseguem acessar estes serviços. Eles contam com planos de TV por assinatura de canais fechados da SKY e da Claro e uma grande parte se utiliza de antenas parabólicas. Chama atenção o fato de só haver um canal de TV aberta, uma retransmissora da TV Globo, ainda em formato analógico, que com frequência fica fora do ar. Não há emissoras de rádio na cidade, mas é possível sintonizar em Faixas Moduladas a Jovem Pan de Belém e a melhor frequência é da Mangue FM, da cidade de Curuçá, que fica nesta mesma região.

Um dos grandes problemas da cidade é a dificuldade de empregos para os mais jovens e a limitação na educação. Ainda hoje, o acesso ao nível superior é muito restrito aos moradores da cidade, que são obrigados a estudar em Vigia, em Belém, ou em outras cidades maiores. Na fala a seguir, de Juliany Monick Batista, de 19 anos, agora moradora da cidade, demonstra o amor pela cidade, como suas principais dificuldades. Atualmente está morando em Belém do Pará, em busca de novas oportunidades tanto na área educacional quanto profissional:

Falar de São Caetano é difícil, não sou nascida em São Caetano, vim morar com a minha avó, dos meus 3 a 5 anos de idade e voltei para Belém. Aos 13 anos, após o falecimento do meu pai, voltei a morar em São Caetano. São Caetano pra mim é um lugar que me acolheu super bem! Quem me vê assim não diz que não sou daqui, amo todos os cantos dessa cidade, a cultura então nem se fale. Mês de junho, quando escutamos qualquer batuque, estamos na rua atrás de boi. É um lugar onde a única coisa que falta é oportunidades de emprego. Minha amiga, se trouxessem faculdades pra cá, ninguém saia de São Caetano tão cedo, e emprego, claro! São Caetano te dá o prazer de sair à tarde só pra sentar na praça, sentir aquele vento e admirar a beleza daquela paisagem⁴⁵.

Um das grandes dificuldades relatadas pela comunidade é a falta de políticas públicas educacionais na cidade, como, por exemplo, a implantação de uma universidade, com diversidade de cursos, além do curso de licenciatura plena em música. Alguns jovens conseguem seguir para a capital de Belém do Pará para pleitear uma vaga na Universidade Federal do Pará, Universidade Estadual do Pará, cursos técnicos na Escola de Música da Universidade Federal do Pará e no Conservatório Carlos Gomes. Um número menor já chegou a cursar a Universidade de Brasília (UNB), mas nem todos têm condições e incentivo público para esse deslocamento que demanda custo para a permanência nos estudos e/ou a falta de moradia estudantil.

⁴⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Juliany Monick à autora.

2.2.1 *A música como identidade e perspectiva profissional*

O professor e regente Márcio Rodrigues Cardoso, da Escola de Música Rodrigues dos Santos, a qual tem 139 anos, relata São Caetano de Odivelas como uma cidade musical com duas bandas centenárias, a outra seria a Milícia Odivelense com 108 anos. Márcio relata a trajetória na escola:

Eu comecei a estudar música em 1986. Eu costumo dizer que comecei a estudar música tarde, porque hoje os meninos com 12 anos tocam na banda. Eu comecei a estudar com 14 anos e comecei a tocar na banda de música com 18 anos e daí eu não parei mais. Nesta época, o professor já estava com uma idade bem avançada e mencionou que eu era uma pessoa que se destacava por ser responsável. Como eram só senhores, a banda estava perdendo identidade, estavam se acabando e aí a gente teve que assumir a escola (...). Uma política importante foi trazer para a escola crianças e adolescentes e jovens. Ainda tem muito aquela questão que o músico é o boêmio, é da noite, é o beerrão. Eu passei muito por isso quando ia para a escola com a minha maletinha, com os meus instrumentos, ouvia das pessoas “Ei tu vai aprender a beber cachaça?” Fazer outra filosofia de trabalho para poder ganhar crédito não foi fácil! Para aprofundar o meu conhecimento em música eu tive que estudar no conservatório Carlos Gomes em Belém por três anos. Ia de manhã e voltava para São Caetano à noite. Andava do Terminal Rodoviário até o Conservatório, pela manhã e o meu almoço era um suco com uma coxinha. Não tinha dinheiro para almoçar todos os dias. Eu estou desde 1993 na frente da banda trabalhando lá e graças a Deus conseguimos fazer um trabalho de reformulação incrível. Se você ver a média da banda de música hoje, uma turma de 60 alunos, a maioria tem 14 anos e 15 anos. Então o crédito com a comunidade, com a cidade foi muito grande (Márcio Rodrigues, regente e professor da Banda Rodrigues dos Santos, 2019) ⁴⁶.

Após a desconstrução de uma ideologia carregada pela comunidade sobre o perfil dos músicos no cenário social, a escola recebeu muitas inscrições de alunos e alunas para iniciar a trajetória musical.

Hoje temos alunos a partir de 08 anos de idade, as crianças já estão na escola, com 12 e 13 anos já estão tocando na banda e o mais interessante é o resultado disso tudo, porque a gente tem todo ano uma quantidade de meninos da banda bem profissionais para fazer curso técnico em Belém. Sai direto para as universidades, para fazer licenciatura e bacharelado, para as forças militares. A gente tem músicos que saíram da escola Rodrigues dos Santos, que estudaram apenas nesta escola e hoje são sargentos da Marinha, do Exército. Isso foi um ganho incrível para o resultado do trabalho, sem falar da questão social mesmo (Márcio Cardoso, regente e professor da Banda Rodrigues dos Santos, 2019) ⁴⁷.

⁴⁶ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Márcio Cardoso.

⁴⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Márcio Rodrigues.

Para Claudenildo Zeferino, regente e professor da Escola de Milícia Odivelense, a importância da música na cidade representa a imagem da própria cidade. As bandas têm um papel fundamental na parte cultural, religiosa e cívica, com trabalhos nas programações na cidade. Isso faz com que a comunidade tenha vivido ao longo dos anos, toda uma essência musical, tornando-se assim uma cidade que respira música.

Na escola ainda é forte a tradição das bandas. Aqui em São Caetano, as escolas de música são as únicas escolas profissionalizantes e não temos outras, infelizmente. O estudo da criança e do jovem, primeiro se perpassa para manter a tradição das bandas, fazer a tradição dos bois, crescer e perpetuar ainda mais a cultura em nossa cidade. A escola é um espaço para os jovens participarem dessa cultura que é forte e de um dia envolverem-se nos segmentos culturais, como o carimbó e o nosso famoso Boi de Máscaras, que é o que acaba fazendo com que os jovens disponham pelo gosto desde cedo pela música. É uma motivação para os jovens e chega a ser o papel que a escola propõem quanto aluno-músico e quanto músico-profissional de manter a tradição das bandas, dos bois, do nosso carimbo e que eles tenham outros sonhos dentro da profissão da música” (Claudenildo Zeferino, regente e professor da Escola de Milícia Odivelense) ⁴⁸.

Sem dúvida, a relação da música com a cultura odivelense é muito intensa. E como relataram os professores regentes das duas bandas de música, foi um desafio conseguir ter credibilidade com a sociedade local, mas a presença de crianças e adolescentes nestas escolas de música, além de representar uma possibilidade de carreira profissional, também estreita os laços destes jovens com a cultura odivelense.

2.3 Odivelas e os Jesuítas

Segundo Fernandes (1969), muitos grupos de índios Tupinambás viviam no litoral brasileiro, quando os portugueses chegaram. Eles tinham uma língua comum e uma cultura muito parecida. Quando falamos em índios Tupinambás, estamos nos referindo às sociedades Tupis que na época da colonização viviam no Rio de Janeiro e na Bahia e foram os primeiros a serem contactados pela colonização. Outro grande contingente localizava-se no Pará e no Maranhão (NEVES, 2009).

O próximo mural contemporâneo (Figura 35) de And Santtos, localizado no centro cultural da cidade de São Caetano de Odivelas, retrata a fundação da cidade e a chegada dos Jesuítas, pelo rio – única via de acesso. A interação toda era através de rios, as populações locais viviam a partir dos rios, onde ocorria a comunicação. A presença dos religiosos marca o início dos processos de interdição e silenciamento da população originária. Eles interferiram

⁴⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Claudenildo Zeferino.

nas práticas alimentares, nas práticas de matrimônio e se institucionalizaram na cultura odivelense e da região, inclusive os nomes das cidades da região como Santo Antônio do Tauá, Vigia de Nazaré, São Caetano de Odivelas, dados pelos jesuítas, assinalada a força do catolicismo na região. Dar nomes, estabelecer uma língua nova, construir igrejas são estratégias de dominação. Certamente esses lugares possuíam outros nomes dados pelos Tupinambás e eram organizados a partir da cosmologia deste povo.

Figura 35 - Mural Contemporâneo “Desembarque Jesuíta” por And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Ao centro deste mural contemporâneo, podemos ver uma embarcação portuguesa, um padre jesuíta e um menino. No fundo, a vista do mangue que temos na frente da cidade. Do lado esquerdo, aparecem animais trazidos para a região, bois e cavalos, que não são nativos da Amazônia — é a chegada da pecuária. Como na região de Odivelas não havia atividades econômicas expressivas, portanto, num primeiro momento a presença africana não existia, podemos supor que as outras pessoas da cena são provavelmente os indígenas Tupinambás, que viviam neste território.

A colonização da Amazônia pelos portugueses só se inicia no século XVII, depois do declínio do Tratado de Tordesilhas, que havia separado as terras descobertas entre espanhóis e portugueses. O território que hoje constitui a Pan-Amazônia pertencia à Espanha. Depois da

União das Coroas Ibéricas (1580/1620), estas delimitações deixaram de existir. O marco do início da colonização é a expulsão dos franceses de São Luís e, a partir disso, começa todo um empenho da Coroa Portuguesa de proteger a entrada do Amazonas. Desde os primeiros séculos de colonização, sempre houve uma avareza internacional pelo rio Amazonas e pela floresta Amazônica, pois suas águas, fauna e flora sempre atiçaram as grandes potências.

Na América do Sul, a Coroa Portuguesa fundou duas colônias⁴⁹: o Brasil, cuja colonização efetiva começa em 1532, com a chegada de Martín Afonso de Sousa; e Grão Pará e Maranhão, iniciada com a construção de pequenos fortes, que logo dariam origem às cidades de São Luís, Vigia de Nazaré e Belém.

Quando os europeus chegaram, no século XVII, a região era ocupada por povos indígenas com alta densidade demográfica. No litoral dos estados do Maranhão e do Pará viviam os Tembé-Tenetecharas e os Tupinambás, que gradativamente, para fugir do extermínio, saíram do litoral e passaram a migrar para o interior. Na região do Salgado, onde se localiza São Caetano de Odivelas, foi fundada a primeira cidade paraense, Vigia de Nazaré, um ano antes da fundação de Belém.

Bem como aconteceu em outras colônias portuguesas, junto com os primeiros colonizadores chegaram os jesuítas, ordem religiosa especializada em evangelizar os povos colonizados (NEVES, 2009). Como estratégias, onde se instalavam inauguravam igrejas e passavam a estudar as línguas indígenas locais. Nesta região, onde predominavam povos indígenas de língua e matrizes culturais Tupi, a Companhia de Jesus não teve dificuldade de se instalar.

Atualmente, existe um intercâmbio entre os moradores de Odivelas, em Portugal e os de São Caetano de Odivelas, que já trouxe alguns portugueses para o município paraense e permitiu a ida de And Santtos a Portugal. Esta relação com a Europa faz parte da fratura que constitui a cidade hoje e a memória dos jesuítas continua viva nas práticas cotidianas da cidade — quando chegamos pelo rio, de longe avistamos a Igreja de São Caetano de Odivelas, a maior edificação do município.

Um das principais referências arquitetônicas da cidade é a Igreja Católica de São Caetano da Divina Providência, a mais antiga e a que representa a presença jesuítica na região. Ainda hoje, o catolicismo é muito forte entre os moradores da cidade e não podemos desconsiderar que por um longo período de colonização e evangelização, a construção de

⁴⁹ As denominações e os limites territoriais, ao longo dos mais de três séculos de colonização, sofreram muitas alterações.

idades com suas igrejas, funcionaram como um dispositivo de disciplinamento das práticas culturais indígenas e de povos africanos trazidos para o Brasil.

2.4 A Terra do caranguejo: o mangue e o rio Mojuim

São Caetano é a minha terra natal, mais especificamente o Pereru, onde eu nasci, composta pela beleza do rio, do mangue, o cheiro da terra, o acolhimento das pessoas. Você enxergar de uma forma mais humanizada também, um outro olhar, um outro espírito de convivência.

Erika de Sousa, engenheira, moradora de São Caetano de Odivelas

Figura 36 - 3º Painel do Projeto Sarará



Fonte: Arquivo pessoal do artista Adriano DK

A cidade de São Caetano de Odivelas, como já referido anteriormente, é conhecida internacionalmente pela manifestação cultural denominada “Boi de Máscaras” e economicamente pela extração de caranguejos e ostras, um tocante com a natureza e o encontro com rios, praias costeiras e uma cena ambiental privilegiada: o manguezal.

O mural contemporâneo do Projeto Sarará realizado pelos artistas Adriano DK, Mauro Barbosa e Théo Lima, localizado, logo na entrada da cidade (Figura 36), reúne alguns elementos visuais fundamentais da cultura odivelense: o mangue, o rio Mojuim (Figura 37), o pescador, a igreja, um pierrô que se sobressai por sobre os cabeçudos mergulhados. O mural retoma a memória de aspectos da cultura local como as comunidades pesqueiras e as atividades da economia local, como a pescaria e a coleta do caranguejo, e a agricultura como

a segunda atividade praticada para o meio de subsistência. O pierrô com fitas coloridas, de short e descalço, faz alusão ao pescador no curral, sentado e observando o fluxo das marés, que conhece profundamente o ambiente: “o indivíduo, o sujeito, não só como produtor, mas também como intérprete, e de certa maneira como suporte das imagens dessa cultura” (MILANEZ, 2006, p. 169). A imagem é o cenário de expressão, como forma de demonstrar a população tradicional, o papel social deste trabalhador e novas formas de compartilhar a sensibilidade e o reconhecimento do outro que caminha pelas ruas e se enxerga nas pinturas. Qual imagem e texto eu visualizo diante a intervenção no espaço público?

Nas pinturas de DK é bastante recorrente a presença dos personagens do Boi de Máscaras colorindo o mangue e o rio. And Santtos também se vale bastante das imagens do mangue.

Figura 37 - Rio Mojuim



Fonte: Arquivo pessoal de And Santtos (2020)

Na Amazônia costeira, a presença de mangues e o encontro constante da água doce com a água do oceano Atlântico produzem fenômenos naturais como praias de água doce e rios de água salgada. O rio Mojuim, que está às margens de Odivelas, é um “beijo” da água doce com a água salgada. As principais atividades econômicas do município se organizam a partir da interação de seus moradores com o mangue, com os rios e com o oceano Atlântico, que, como comumente se fala na cidade, está ali na esquina.

2.5 Sobre os sentidos das máscaras

Olha, acho que é a forma que as pessoas encontrarem de esconder a identidade. Hoje em dia elas usam até luva, só conhece a pessoa quem tem intimidade, pelo jeito de agir. Pra mim foi da imaginação da população, até porque não foi só um que inventou.

Aldeiza Albuquerque Garça, comerciante, moradora de São Caetano de Odivelas

Figura 38 - Tela em Técnica Mista “Odivelismo”



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

A forte influência europeia é muito evidente na cidade, o próprio Boi de Máscaras marca bastante a tradição europeia e as máscaras nos remetem ao carnaval da cidade italiana de Veneza. A indumentária do personagem pierrô, como os macacões, são marcas do impressionismo europeu.

O Boi de Máscaras envolve uma tradição europeia, mas seu desdobramento contemporâneo emerge de experiências sensoriais na cena de rua, diante de experiências, vivências e discursos de uma arte voltada à memória e narrativas da cultura de São Caetano de Odivelas, uma cidade amazônica. Paes Loureiro (2005, p. 5), exemplifica que “a cultura

amazônica é uma diversidade diversa, no conjunto da diversidade do mundo por se constituir numa realidade única por sua complexidade e autoeco-organização”. Nesse sentido, conforme menciona Amaral Filho e Alves (2018), os “espetáculos culturais”, são vistos diante a uma lógica de emancipação social e resistência cultural, perante a inserção de novas narrativas e “teias de significados” (GEERTZ, 2017) ao potencializarem a cultura no conjunto de imagem poética em movimento com encenações e coreografias.

Figura 39 - Folgado Boi de Máscaras nas ruas de São Caetano de Odivelas



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2017)

O Boi de Máscaras⁵⁰ é a junção de vários bois, como Boi Faceiro, Vaca Velha, Boi Tinga, o mais antigo que percorre as ruas desde 1937 como memória social, entre personagens do imaginário odivelense como pierrô, buchudo, vaca velha, vaquinha, lobo,

⁵⁰ “Contrariamente ao tradicional Boi – Bumbá ou o Bumba- meu- Boi, o Boi de Máscaras não apresenta a “comédia”, ou seja, a narrativa de Mãe catirina e Pai Francisco, sendo que o principal motivo da manifestação é o carnaval ou folia de rua em que os brincantes – cabeçudo, pierrô, buchudo – dançam em torno do boi, ao som de sambas e marchar tocadas por uma orquestra de metais e percussão. Antes da brincadeira, o responsável pelo boi vai “cartiar”, isto é, fazer o levantamento de quem vai querer que o Boi dance na porta de sua casa, arrecadando, nesse momento ou durante a apresentação, de 5 a 10 reais, que é o dinheiro que pagará os músicos; o dono da casa pode, também dar alguma bebida para os brincantes, por ocasião da apresentação. Depois que o responsável “cartia” é que se prepara o trajeto que o Boi vai seguir à noite. O Boi de Máscaras tem a singularidade de apresentar dois tripas, ou pernas do Boi, que dançam embaixo da armação de talas, ripas e veludo, havendo sempre a substituição dos pares durante as apresentações, pares que variam de três a cinco por noite. “Boi de duas pernas não é Boi, é galinha”, dizem os odivelenses; ou segundo um brincante mais irônico: “o nosso boi tem quatro *collhões*”. Lembra uma longínqua relação com o “carnaval táurico” de Castilha (Espanha)” (FERNANDES, 2007, p. 69).

leão, Zeus, touro, estrela d'alva, estrelhinha, malhadinho, mascarados com alegorias carnavalescas. O brincante interage com os personagens pelas ruas da cidade, dessa maneira na sua natureza expressiva, refletem um coquetel de interação e afeto, riquezas de interpretações em seus aspectos contemporâneos e estéticos. A tradição Boi de Máscaras é uma importante manifestação cultural, na qual participam músicos e bandas centenárias, além de artesãos que confeccionam máscaras e demais utensílios para a roupa dos personagens.

O Boi de Máscaras segue uma programação para sair às ruas de São Caetano de Odivelas, correspondendo ao mês de junho, ligado aos festejos da quadra junina, além do arrastão do carnaval, com a presença de personagens e suas respectivas indumentárias para compor o cortejo. As bandas de fanfarra puxam o frevo e movimentam os brincantes, com uma explosão de cores, cultura e dança e música.

O cortejo é um momento lúdico de socialização com atuação coletiva na cena festiva com afeição, experimentações e diálogos, e a forma que a espetacularização do “Boi de Máscaras” influencia a comunidade e a experiência de novas identidades perante o público.

A sociação é, portanto, a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio do qual esses interesses se realizam. Esses interesses [...] formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60 - 61).

O Boi de Máscaras chama atenção por ter um caráter particular perante as outras comemorações que envolvem o boi, sendo um cortejo com peculiaridade da cidade de São Caetano de Odivelas, os sentidos experimentados em comum e as “variações performáticas, além de processos ritualísticos e personagens” (ALMEIDA; SANTOS, 2012). Uma manifestação artístico-cultural que dialoga com a subjetividade e a partilha de emoções com a comunidade que aguarda ansiosamente o momento do cortejo tendo o diálogo com outras sensibilidades marcadas pela performance estética, como o desejo de “estar – junto” (MAFFESOLI, 1999), a teatralização urbana e uma memória social atravessado por gerações.

Em grande medida, é por causa do Boi de Máscara que São Caetano se tornou uma cidade interativa, artística, com seus murais contemporâneos cheios de cores e representatividade em torno de poesia, tinta, *spray* e criatividade espalhada na tessitura urbana. A arte urbana é viva entre performance, instalações e *graffiti*.

O uso de máscaras faz parte de práticas culturais de várias sociedades, em diferentes situações. Elas podem ser usadas como elaboração estética, como as máscaras do carnaval de

Veneza; ou, em um sentido mágico religioso, como as máscaras africanas ligadas à fertilidade na terra. Podem ser confeccionadas em vários materiais: esculpidas em madeira, de gessos, de papel machê, de ferro, de plástico, por exemplo. Assim como há tipos mais singulares, marcados pelo estilo artístico, também existem as máscaras que são feitas em escala industrial, num único formato. Vejam-se exemplos nas Figuras (40, 41, 42 e 43), a seguir:

Figura 40 - Máscara Gelede



Fonte: Portal Geledés (2009)

Figura 41 - Máscara Veneziana



Fonte: Freeimages (2020)

Figura 42 - Máscara de Plástico



Fonte: Lua de Cristal Fantasias (2019)

Figura 43 - Máscara Tikuna



Fonte: Museu Nacional (2019)

Conforme salienta Monti (1992, p. 12):

A máscara não desempenha apenas essa função metafísica [ritualística]. Ela também é empregada com fins práticos, como fazer observar certas leis políticas, sociais ou higiênicas, educar os jovens, superar discórdias, presidir os julgamentos, os funerais, as cerimônias agrícolas, manter a ordem ou simplesmente divertir os habitantes da aldeia. A multiplicidade dos usos engendra a variedade dos tipos, cria uma progressão de valores e de importância.

A comunicação com diversos cenários globais a partir de máscaras acontece recorrentemente em cenas de ruas, orquestrada pela criatividade e pelo tratamento artístico, como no carnaval de Veneza, na Itália. Neste contexto, as máscaras estão bastante associadas à poética teatral. A máscara Bauta (Figura 44), de cor branca cobrindo todo o rosto inteiro, sem dúvida, serviu de inspiração para o Boi de Máscaras de São Caetano de Odivelas.

Figura 44 - Bautas Venezianas



Fonte: Colégio São José (2019)

As máscaras do carnaval de Veneza são inspiradas nos diversos personagens da *Commedia dell'Arte* – teatro popular do século XVI, com diversos temas do cotidiano, no qual enfatiza a eficácia social.

No Brasil, a *commedia dell'arte* ressoa no nosso Carnaval, herdeiro do Carnaval veneziano, no qual apareceram as tradicionais máscaras de Arlequim, Pierrô e Colombina. Traços do teatro popular italiano podem ser ainda detectados na revista musical (incorporada mais tarde pela televisão e seus programas humorísticos), no cinema brasileiro (filmes carnavalescos da Atlântida) e na literatura de linha mais popular (que elege o pícaro como personagem central). No teatro, a *commedia dell'arte* ecoa indiretamente em Martins Pena (comédia de costumes do século XIX) [...] (VENDRAMINI, 2001, p. 82).

Em vista de cenários artísticos com o uso da indumentária máscara, a brincadeira do Boi de Máscaras possui uma estética própria da cultura odivelense o homem reveste a sua personalidade. Com a máscara ele se torna um segundo ser, com personagens e suas indumentárias próprias, diante da criatividade e técnicas elaboradas pelos artesãos da cidade em suas produções, como a técnica da papietagem⁵¹.

A consciência estilística não demonstra a influência direta de outras fontes como a *commedia dell'arte* na criação do Piêrro odivelense. O próprio nome do Pierrô não é uma denominação que surgiu com a brincadeira, mas uma alcunha que lhe foi acrescentada por comparação com o personagem do carnaval de máscaras (SILVA, 2004, p. 12).

⁵¹ Técnica artesanal em que se utiliza papel e goma de tapioca, utilizada na confecção das máscaras da brincadeira do Boi de Máscaras de São Caetano de Odívetas-Pará.

Os mascarados estão em diversas festas brasileiras, como em manifestações populares denominadas Cavallhada, em São Luís da Paraitinga, no estado de São Paulo; no Amazonas, encontramos a sociedade dos índios Tikúna, que visa o anonimato de seus usuários, com a “função de simbolizar um clã ou sub-clãTükúna e/ou entidades demoníacas, espíritos maléficos da natureza” (SAMPAIO-SILVA, 2000, p. 276). Podemos citar ainda outros eventos como, no Rio Grande de Norte, o Boi de Calemba; em Santa Catarina, o Boi de Mamão; e as máscaras de palhaço na Folia de Reis, no Rio de Janeiro desencadeiam expressões artísticas e culturais “como portadoras dos temas universalizados que tratam principalmente do riso e do escárnio e que se integram à estética da caricatura dramática” (SILVA, 2011, p. 94).

Figura 45 - Pierrô Fraturado com Sorriso - II EVENTO U.N.C.



Fonte: Fotografia de Cássia Reis (2016)

A imagem representada acima (Figura 45) é do II Encontro Nacional de *Graffiti* União Nacional Crew, 4º Encontro Nacional de *Graffiti* (UNC), realizado na cidade de Belém do Pará, entre os dias 12 e 13 de agosto de 2016, que contou com a participação de vários artistas

da cena local e de outros estados brasileiros. Adriano DK, de São Caetano de Odivelas, foi selecionado para elaborar um mural nas paredes do Parque dos Igarapés e representou a cena da manifestação cultural Boi de Máscaras, da cidade de São Caetano de Odivelas, nas figuras de pierrô com o sorriso fraturado e a montanha de buchudo, sempre encontrada em suas obras, além de ser a linguagem artística e estilo pessoal do artista: “O meu processo estético é sempre evolutivo e está sempre em mudança, utilizo muitas cores em minhas obras, além de elaborar máscaras com vários estilos da contemporaneidade” (Adriano DK, grafiteiro, morador de São Caetano de Odivelas) ⁵².

As máscaras sociais ou personas, no contexto sociocultural, interligam-se às máscaras odivelenses como uma identidade escondida no momento da brincadeira, com o objetivo de não se ser identificado por ninguém; como se fosse a incorporação de um personagem com suas subjetividades, assim a máscara esconderia a timidez, a solidão, a dor, a melancolia ou o prazer de vivenciar o momento sem amarras sociais. Em outras palavras, o “pseudo-eu”, as neuroses. Jung (2008, p. 133) define persona como:

A palavra persona é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar. Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva.

Desta forma, adentramos a reflexão sobre máscaras sociais, no sentido de quais máscaras eu mostro a ti e escondo a mim? Quais personagens o ser humano desempenha nas diferentes esferas sociais?

2.5.1. Odivelas e suas máscaras

Em diversas conversas com os moradores, durante nosso trabalho de campo, registramos relatos sobre o surgimento e histórias sobre o uso de máscaras em São Caetano de Odivelas.

Essa brincadeira Boi de Máscara é muito hilária! A partir do momento que você coloca a máscara, você vive um personagem. Mas eu vejo assim, quando você tira a máscara, ainda têm outra máscara para ser descoberta, que é a profundidade do ser humano, que só ele pode tirar a hora que ele quiser. Mas a máscara do Boi de Máscara, você pode tirar a qualquer momento, ou alguém pode tirar de você, mas não a essência, a máscara verdadeira. Por isso que eu relaciono esse olhar da

⁵² Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

máscara e as pessoas pegando a máscara, duas vertentes, uma pra lá e outra pra cá, são dois olhares. A máscara tem esse poder, tanto na questão poética, quanto no lúdico. O padrão da máscara é sempre aquela serenidade da máscara. Ela não te olha, não tem sentido ela te olhar com alegria, não tem sentido ela te olhar com tristeza. Quando ela te olha, ela oferece o mundo tudo englobado, pode perceber na máscara, então essa é uma resistência (And Santtos, 2019)⁵³.

Podemos perceber nestas falas subjetividades e singularidades diante uma dinâmica cultural do lugar. Por que as máscaras? Quem conta essas histórias? Diante da coletividade, de quem já ouviu, usou ou tem uma foto registrada no cortejo, algo marcado na tradição odivelense. A fala a seguir dá uma versão local para a história das máscaras:

O que eu sei foi o que meu avô me ensinou que as máscaras quase sempre existiram. Elas desde que começaram a serem usadas tinham o intuito de esconder o brincante. Elas servem para se brincar no anonimato. Naquele momento que estou brincando, eu posso ser quem eu quiser, tiro brincadeira com as pessoas que eu conheço, mas não sabem que estou brincando, e elas querem saber quem sou, sempre fica aquela dúvida de quem é aquele mascarado por trás daquela máscara. E o legal da brincadeira é isso, tentar descobrir pelo jeito pelas características quem é, ou talvez não descobrir nunca. Teve vezes que brinquei a noite toda e ninguém consegue descobrir que era eu, e isso é muito legal! Porque no anonimato você é livre, livre dos problemas, livre das preocupações, você se torna um outro alguém! (Tassiane Garça, moradora de São Caetano de Odivelas, 2019).

A imagem a seguir (Figura 46) retrata a performance de And Santtos com uma máscara do pierrô. Ele se coloca diante da complexidade humana: o eu-máscara e as neuroses de cada indivíduo “Selfie Enigmático – Quando de frente só enxergo a máscara, o olhar profundo transcreve silêncio que em palavras é difícil de explicar o inexplicável” (And Santtos, 2019).

⁵³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 46 - Performance de And Santtos sobre Máscaras Sociais



Fonte: Fotografia de Luiz Fernando (2019)

Dentre transitoriedades, voz do "Eu" interior, quem sou eu? Dentre máquinas globais em um ambiente de tanta obsolescência programada e de como lido com essa rapidez do descarte. Ser "Eu" dentre o híbrido do real/virtual, a busca do autoconhecimento e de como me vejo dentre selfies-câmera-luz e espelho.

Fernandes (2007) descreve elementos da manifestação cultural Boi de Máscaras. Neste sentido, pontuamos o sentido revelado sobre a máscara descrita por ele:

Designação do brincante que utiliza uma máscara para cobrir o rosto durante a apresentação durante a apresentação, notadamente o pierrô, por mais que o buchudo já comece assim a ser também designado. Por sinal, a máscara é um dos elementos primordiais da brincadeira, pois garante o anonimato dos brincantes e a conseqüente possibilidade de transgressão que a festa proporciona, isto pelo jogo de

velamento/desvelamento da identidade do mascarado. O nariz pontiagudo, grande e voltado para cima na máscara do pierrô, contrasta com a boca e os olhos pequenos, o que possibilita o tom jocoso e grotesco da máscara. É feita, em geral de papel-machê a partir de um molde de barro, utilizando-se goma de tapioca, papelão, jornal e tinta a óleo (FERNANDES, 2007, p. 70).

A seguir, uma sequência de fotografias de máscaras (Figuras 47 a 53) produzidas em São Caetano de Odivelas, disponibilizadas para esta dissertação por And Santtos, de seu arquivo pessoal:

Figura 47 - Máscaras de Odivelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

Figura 48 - Máscaras de Odíveelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Figura 49 - Máscaras de Odíveias



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Figura 50 - Máscaras de Odivelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Figura 51 - Máscaras de Odivelas



Fonte: Rafaela Sena (2019)

Figura 52 - Máscaras de Odivelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Figura 53 - Máscaras de Odivelas



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

A próxima imagem (Figura 54) é uma tela pintada por And Santtos, em que ele procurou traduzir o sentimento de seu pai em relação à aposentadoria.

Essa máscara é o meu pai tirando e colocando o pedaço. Mãos calejadas pelo tempo, mãos de pescador que não pesca mais, por conseguinte de sua idade, que sempre levou o sustento para dentro de casa, hoje ele vive segurando um pedaço da máscara que um dia já foi inteira mesmo na sua velhice, ou melhor, idade, nunca deixou sua responsabilidade de orientar sua família. Um puro nativo de São Caetano de Odivelas (And Santtos, 2019)⁵⁴.

⁵⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 54 - Máscaras de Odíveias



Fonte: Arquivos pessoais do artista And Santtos

O artista complementa:

Ele está repondo algo que se quebrou... Ele adorava pescar, assim gostava de fazer várias coisas, mas não pode mais. A máscara não está velha, ela se quebrou. Só quem está velho é quem está dentro dela. Duas margens, dois olhares. Eu coloco a máscara, porque eu quero ser o queria ser através dela,mas me escondo, ou estou escondido nela (And Santtos, 2019)⁵⁵.

É a partir da percepção, interação e significação dos moradores sendo o palco material de como se forma a cidade, dotada de uma construção histórica e social do indivíduo, mergulhada em sentimentos de pertencimento do lugar. Diante da construção do espaço pautada em uma multiplicidade de enredos e contação de histórias a partir da vivência de cada

⁵⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

um, compreendendo as experiências vividas na cultura odivelense, as contação de histórias passadas de geração em geração, demonstrada diante de uma cidade.

Que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem, obtende harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas (CANEVACCI, 2004, p. 15).

Pensar a cidade como campo de investigação sobre a arte do *graffiti* é pensar um espaço de manifestação artística, social e educacional que envolve o sujeito. Assim como espaços de sociabilidade, “a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados” (MAGNANI, 1996, p.03).

*Capitulo 03: Cores de
Odivelas: etnomural de And
Santos*



Figura 55 - Memória Odivelense
Fonte: And Santtos (2018)

A arte para mim é vida, eu vivo a arte. Ela me proporciona outros caminhos imaginários, a arte me faz refletir sobre o cotidiano das pessoas, me faz pensar sobre esse meio que vivemos, na sociedade, tanto no aspecto político quanto social, assim que começo transformar a arte nas cores. Quem dera se o mundo tivesse um enxergasse as coisas com um olhar artístico! Às vezes olhamos apenas o preto e branco, não enxergamos o amarelo, o azul, o vermelho. Quando eu começo a expressar seja com pincel, com a lata de spray, de rolo, isso proporciona um bem-estar e a vontade de criar cada vez mais.
And Santtos

Neste capítulo vamos apresentar And Santtos (Figura 56), sua trajetória como artista, suas influências, algumas de suas principais obras, sua relação intensa com São Caetano de Odivelas, que lhe fez formular a definição de *Odivelismo*, uma proposta de valorização da cultura de São Caetano de Odivelas. Enfim, o artista e sua cidade, de onde partiu para o mundo.

O artista ficou conhecido pelo estilo poético e colorido cravado em seus painéis e telas que retratam de maneira singular o imaginário odivelense. Ele tem participado de várias atividades de projetos sociais, como oficinas Educart⁵⁶, exposição, coletivos de pintura e música, palestras e debates sobre expressões visuais da cidade ilustrada, coletivo de *graffiti* e Bienal Internacional de Arte.

⁵⁶ Projeto social de educação e arte idealizado por And Santtos e Wanelson Batista na cidade de São Caetano de Odivelas, voltado à pintura, música, e poesia. A secretária de educação integrou o projeto no calendário escolar e iniciou uma parceria com os artistas, com foco na pintura nas escolas com a elaboração de paisagens e pinturas infantis.

Figura 56 - Artista And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

3.1. Sua trajetória como artista e memórias que lhe atravessam influências

Autodidata, And Santtos é um artista plástico e grafiteiro brasileiro paraense. Desenvolve trabalhos em torno do *graffiti*, muralismo e design. Nascido no município de São Caetano de Odivelas, filho de funcionária pública e de pescador, viveu sua infância à beira do Mojuim, o rio que banha a cidade. Desde muito cedo já rascunhava em trabalhos escolares, canoas e murais. Começou seu interesse pela arte na adolescência, quando usava as trinchas,

látex, *sprays*, tintas, pigmentos e pincéis em fachadas de comércio, barcos de pesca, cenários e muros urbanos. Isso o levou a explorar o lado artístico. Abaixo (Figura 57), uma produção atual do artista And Santtos.

Figura 57 - O Entralhador de Rede e a Máscara



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

And Santtos sempre desenhava nas folhas de papel sem pautas, fazia capas de trabalhos para amigos, primos e vizinhos; desenhava o *mapa mundi* e sempre se sobressaia nas aulas de artes, sua disciplina preferida. Seus colegas de escola contam que sempre pediam que fizesse a parte artística dos trabalhos.

Na adolescência, a gente sempre pedia para ele fazer as capas do trabalho da escola. Ele adorava e não cobrava nada. Acho que os professores adoravam desde essa época as letras e os desenhos do And Santtos. A gente comentava que quando ele fazia as capas, era sempre nota máxima para o trabalho, logo ele era muito solicitado. Uma capa era diferente da outra e ele não se repetia, só aprimorava cada vez mais. Guardei por vários anos as capas. Conheci o And Santtos pela sua fama das capas bonitas. Naquela época, ainda adolescente, não podia imaginar que ele se tornaria este grande artista! Mas ele já era o nosso artista. Certamente, esta memória é coletiva e cada um de nós que viveu aquela época, tem algo a dizer sobre suas capas de trabalho (Erika de Sousa, engenheira, moradora de São Caetano, 2019)⁵⁷.

Figura 58 - Mural Contemporâneo na Secretária de Educação (SEMED)



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Conheceu o pintor José Maria, um autodidata local, por volta dos 10 anos de idade e ficava encantado, olhando sua produção. Sua especificidade era voltada mais a desenhos de cunho religioso como a Santa Ceia e a imagem de Jesus. “Não procurei Michelangelo, Leonardo da Vinci, até mesmo porque eu não tinha essas informações e só depois de um tempo que fui estudando a técnica, a visão, a proposta deles” (And Santtos, 2018).

⁵⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Erika de Sousa à autora.

O primeiro desafio do artista, aos 12 anos, foi pintar um barco do tio e abrir as letras do nome. O material era improvisado, com alguns pinceis grandes de cabo amarelo, não tinha os pequenos. Ele usava e continua usando uma técnica que transforma um galho pequeno de planta em pincel. A partir dessa experiência, foram surgindo outros pescadores que gostaram da arte e solicitavam novos trabalhos e o menino começou a ganhar confiança no próprio trabalho.

O mestre do Reis, esse cara era um espetáculo para fazer letras de barco! Eu me inspirava nele para fazer, eu usava muitas cores que eram tradicionais lá no convívio dele: o amarelo, o preto, o azul. Eu me inspirava muito nos traços que ele fazia com as letras dos barcos e com isso eu fui elaborando as minhas técnicas, o meu estilo de letra (And Santtos, 2019)⁵⁸.

O pequeno artista não tinha muitas referências: “como eu sou do interior, a informação custava chegar ou chegava atrasado, então o que eu pegava? pegava revista e fui me aperfeiçoando, tirando, retratando” (And Santtos, 2018)⁵⁹. Diante dessa motivação, começou a fazer as imagens religiosas, influenciado pela sua maior referência na cidade, o pintor José Maria. Desenhou São Pedro em um barco, com a participação do pintor que lhe ensinou no momento do processo criativo algumas técnicas e o conduziu durante toda a obra no barco. “José Maria é o *Odivelismo* em pessoa e um personagem importante na minha vida” (And Santtos, 2019)⁶⁰.

Aos 14 anos teve uma proposta para fazer um mural sobre o festival do caranguejo, uma festa tradicional que ocorre todos os anos na cidade de Odivelas. Foi um momento desafiador e de um novo amor que surgia: os muros espriados pelas cores reluzentes.

⁵⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁵⁹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁶⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 59 - Tela “Morfologia” Odivelismo



Fonte: Arquivos pessoais do artista And Santtos

O processo de formação de And Santtos, gradativamente foi se ampliando e ele conheceu novas técnicas, novas paisagens visuais. Trata-se de uma formação constante. Da sua infância à exposição internacional em Portugal, ele experimentou muitas variações das cores e das técnicas de pintura (Figura 59).

Desde a entrada da cidade, somos convidados a conhecer as obras de And Santtos. Sem dificuldade, ouvimos dos moradores de São Caetano relatos do quanto se identificam com sua obra, diante de uma comunicação urbana e a multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam (CANEVACCI, 2004).

Figura 60 - Portal de São Caetano de Odivelas-Pará



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

O artista participou de uma das maiores exposições ao ar livre CowParade⁶¹, realizada em Belém do Pará. Atualmente, esta vaca está exposta no portal de entrada de São Caetano de Odivelas, junto com outras pinturas murais do artista, como mostra a imagem a seguir (Figura 61).

⁶¹ “A CowParade é o maior evento de arte a céu aberto do mundo, que tem como objetivo democratizar a arte através da inclusão cultural. Artistas selecionados usam como suporte para a arte uma escultura de vaca feita em fibra de vidro e em tamanho natural. Elas são expostas em vias públicas e podem ser apreciadas por todos”. Disponível em: <http://www.cowparade.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Figura 61 - Vaca Odivelense – CowParade



Fonte: CowParade (2016)⁶²

And Santtos já viajou por diversas cidades paraenses, Vigia, Colares, São João da Ponta, Castanhal, Salinas, Peixe-Boi, Bragança, Traquateua, Abaetetuba, Barcarena, e sempre suas pinturas se constituem como uma arte mesclada ao cotidiano e à cultura de cada região. Seus trabalhos em telas também estão representados em lugares como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Goiânia, Amapá e Santa Catarina.

Recentemente estive em Portugal, onde participei de dois eventos. Foi convidado para a VII Bienal de Culturas Lusófonas (Odivelas), do dia 2 de maio a 01 de junho de 2019. Na programação da Bienal, And Santtos participou do Fórum Internacional de Artes Plásticas representando o Brasil. O intercâmbio do artista, assim como já aconteceu também com as bandas de música de São Caetano de Odivelas, acontece dentro das ações da parceria estabelecida entre Portugal e as cidades homônimas de cidades portuguesas que existem no estado do Pará.

Eu carrego temas voltados à Amazônia e à cultura amazônica. Agora, quando eu vou falar em *Odivelismo* fora do meu convívio, fora do meu cotidiano, eu tenho muito mais responsabilidade para não errar. Por exemplo, em Portugal, eu poderia chegar e pintar um pierrô pronto e acabou e certamente muitas pessoas não iriam entender a mensagem no mural. O que eu queria era mostrar que existem elos entre culturas e através de uma expressão podemos conhecer a outra cultura. Então inseri a obra de

⁶² Disponível em: <https://www.cowparade.com.br/belem-2016>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Dom.Dinis, uma história local, um tempo eles não gostavam de falar muito nesta história e com um tempo aceitaram e colocaram na literatura portuguesa. A minha preocupação era essa: como que eu vou chegar e falar essa linguagem, sem perder a essência? No brasão do município de Odivelas tem um urso. Neste momento fui atrás da referida história para compreendê-la e foi nesta hora que eu decidi o que eu iria expressar. Então coloquei o Dom Dinis como pierrô de um lado e o urso do outro lado o mosteiro (And Santtos, 2019)⁶³.

And Santtos construiu outros circuitos artísticos entre Portugal e as cidades paraenses, todos envolvidos no conceito *Odivelismo*. Com esta perspectiva, realizou uma exposição de arte no Shopping Grão Pará (Figura 62), no meio da cena comercial da capital paraense; pintou um mural no Griô GastroArt e Pub (Figura 63) e outro na Secretária da Fazenda (Figura 64), todos em Belém do Pará. Na cena internacional, em maio de 2019, na VII Bienal de Culturas Lusófonas, pintou um mural no anfiteatro do centro de exposições da Câmara de Odivelas de Portugal, referente à história de Dom Dinis (Figura 65).

⁶³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 62 - Exposição Odívelismo no Shopping Grão Pará



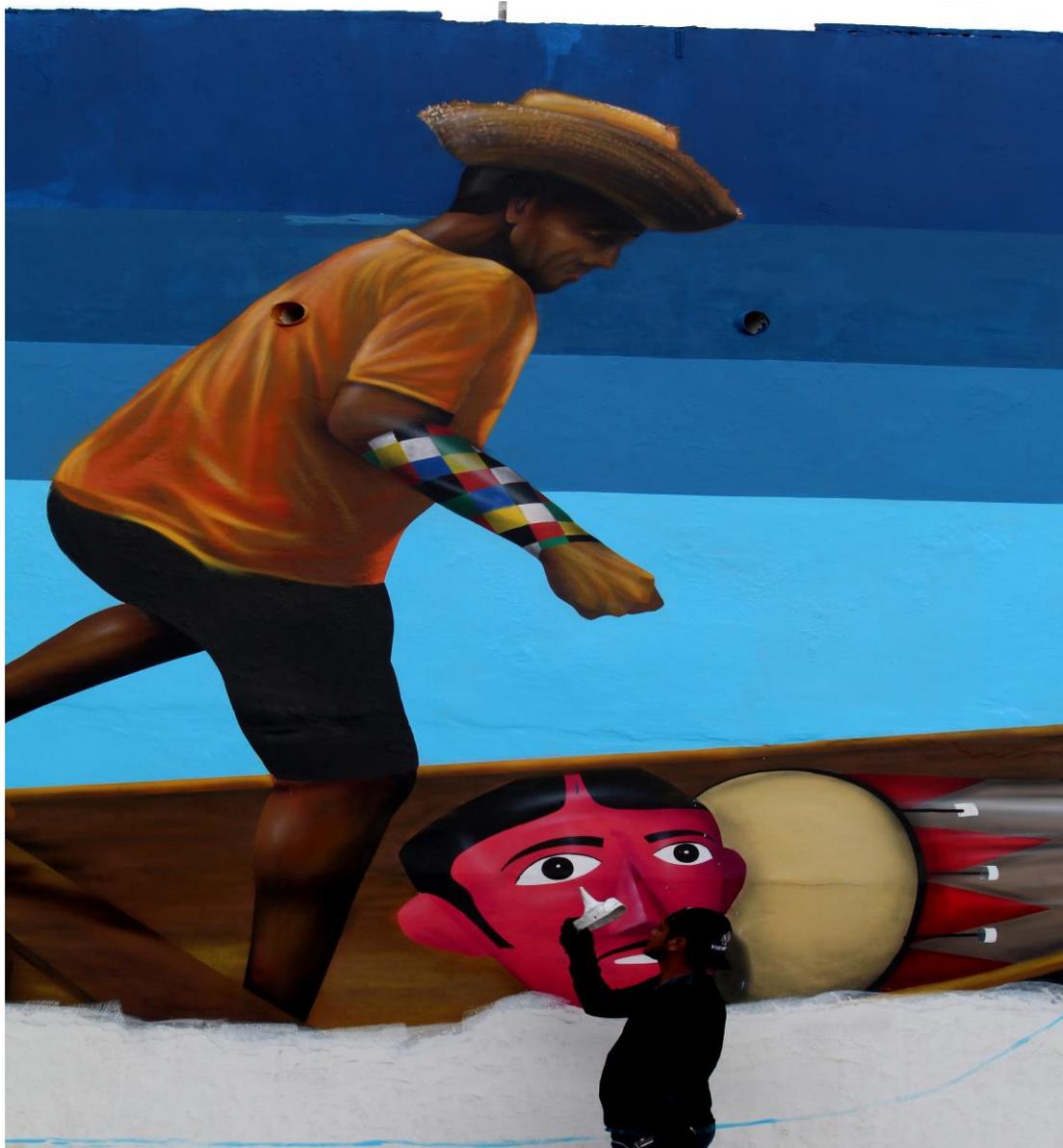
Fonte: Fotografia de Priscilla Brito (2019)

Figura 63 - Griô GastroArt e Pub na Cidade de Belém do Pará



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Figura 64 - Mural “Longevidade Amazônica – SEFA” por And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Figura 65 - Mural Contemporâneo em Portugal por And Santtos



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos (2019)

3.2. Como começou a cena dos etnomurais contemporâneos em Odivelas

Naquele tempo em 2003, pintavam-se os muros durante a campanha eleitoral. Eu ficava toda hora pensando na poluição da cidade, com isso queria fazer algo para preservar a minha cidade dessas publicidades políticas.

And Santtos

Os murais contemporâneos na cidade de São Caetano de Odivelas são expressões artísticas de uma intervenção urbana interativa, visando a uma memória social com base em arquivos de imagens da população odivelense: “uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco” (COURTINE, 2013, p.43). Uma memória com novas formas e percepções comunicativas no cenário artístico contemporâneo, com ressignificações e narrativas fraturadas diante de uma arte singular e peculiar.

Eu passava pelas ruas e já me via expressando, já me via como protagonista e de como eu poderia expressar-me e falar ali naqueles muros, além do que eu poderia reproduzir ainda mais. No sentido de quando as pessoas passassem pelas ruas, elas se identificassem com aquilo que eu estava fazendo. Esse era o meu maior objetivo! Todo esse processo levou-me para as artes plásticas, depois do muralismo eu comecei a produzir telas, às vezes eu pegava saco de açúcar, esticava no quadrado e pregava com percevejo, era bem artesanal mesmo. Daí eu comecei a produzir e não quis mais parar, mas nunca me cansei de olhar para o muro e me encantar, ter aquela

ânsia de estar expressando a minha arte. Fosse ele sujo ou branco, eu via um potencial de que naquele lugar devia ter arte (And Santtos, 2019)⁶⁴.

And Santtos sempre foi fascinado pelo mural e desde muito novo observava os muros da cidade ociosos, sem vida, sem cores. A persistência é muito presente na caminhada dos artistas da cidade. No início, demandou muito diálogo com a comunidade, para inserir a arte odivelense nos muros. O cenário atual é fruto de muita insistência dos artistas, pois, no início, quando solicitavam muros para deixar sua marca na cidade, ainda que as pinturas tomassem as raízes culturais odivelense, nem sempre os moradores aceitavam.

Eu começava perguntando: “Quanto tu cobraria pra eu pintar o teu muro?”. Aí a gente tinha uma conversa melhor, uma proposta amigável. Outras vezes comentavam assim: “Égua Anderson, tu é doido é? Tu ainda falas para pagar o serviço? Não é o contrário? Não seria eu comprar a tinta para você pintar?”. Numa oportunidade, eu cheguei e perguntei: “Quanto é que a senhora cobra?” e ela respondeu: “Três meses? Então me dá R\$100,00 reais!” O marido dela estava fazendo uma canoa lá no rio e eu fui embora, porque eu não tinha dinheiro. Conversei com ele e propus: “Eu pinto a sua canoa, eu faço as letras da sua canoa pra eu pintar aquele muro!” (And Santtos, 2018)⁶⁵.

O conhecimento e a valorização vieram ao longo do percurso artístico, como a materialização em oficinas e em muros que o artista pagava para expor a cultura. Em meados de 2003, iniciava-se a cena dos murais na cidade, diante das solicitações dos moradores.

A mãe de aluno chegou comigo e disse: “O que é aquelas porcarias que estão fazendo no muro do Fórum?” Ela ficou toda envergonhada, quando o filho disse que era uma oficina de pintura mural realizada pela comunidade e que eu era o responsável (And Santtos, 2018)⁶⁶.

A próxima imagem (Figura 66), que fica na Praça dos Três Poderes, o menino desenhado, cujo modelo é um morador da cidade, contribui bastante para que as pessoas se sintam representadas em suas pinturas.

⁶⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁶⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁶⁶ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 66 - O menino e a Máscara



Fonte: Fotografia de Priscilla Brito (2020)

Este mural representa as crianças moradoras de São Caetano de Odivelas, uma das crianças é o Leonardo de seis anos, residente em frente à Praça dos Três Poderes. Em suas palavras, “Essa praça é minha, estou pintado no muro”. Elaine Farias, mãe de Leonardo, pontua que “ele se identifica muito com a praça, gosta muito. Ele fica muito feliz de as pessoas o reconhecerem. Também comenta sobre a importância da preservação da praça e o quanto a arte precisa ser valorizada no município.

É até uma tristeza ver a situação do muro hoje, que era para estar preservada. Mas infelizmente em São Caetano tem muitas coisas abandonadas pelo poder público. Eu sou pedagoga e acho que era para ter um incentivo quanto à arte na cidade. Aqui não tem emprego, não tem nada, era uma coisa para incentivar os jovens a saírem do mundo das drogas (Elaine Farias, pedagoga, moradora da cidade de São Caetano de Odivelas, 2019) ⁶⁷.

A interação com as pessoas é visível no momento dessa troca de conversas e entrevistas, no modo como falam e expressam a vontade da expansão de projetos na cidade voltados à arte, vista de forma positiva e atraente. As pessoas se enxergam nestas pinturas, sentem familiaridade, elas materializam em imagens saberes e trajetórias de pessoas na cena odivelense e seus diversos ofícios.

⁶⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Elaine Farias à autora.

And Santtos realizou em meados de dezembro de 2019, um novo mural na Praça Três Poderes: “a arte vibra na memória coletiva, desvenda o passado e constrói o futuro, resguarda o afeto e descreve o conflito, evoca as crenças, as ideologias e reúne as energias para a constante imaginação” (ECKERT et al., 2019, p. 8-9). Entre a memória e a efemeridade da arte contemporânea, o artista teve como objetivo mencionar essa reflexão na cidade, a partir da intervenção artística contemporânea, da visualidade regional, sobre a temática da pesca artesanal. Trata-se da imagem reproduzida na Figura 67, conforme And Santtos exemplifica abaixo:

Figura 67 - Mural na Praça Três Poderes



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

O desenho é sobre a pesca artesanal, fiz uma pescada amarela, uma pescada grande e um pierrô. Falta finalizar, eu ainda vou jogar uma rede por cima da pescada. Trata-se de uma reflexão sobre a pesca artesanal (And Santtos, 2019) ⁶⁸.

Os murais incorporam a perspectiva etnográfica do olhar de And Santtos, portanto designamos no decorrer deste trabalho o termo etnomural⁶⁹, como uma expressão pautada no cotidiano do odivelense, na poesia singular, no sentimento do morador da margem do rio Mojuim, revelada em ritmos, sons e cultura popular. O olhar do mangue e da pesca, do brincar de boi desde menino, entre pierrôs e cabeçudos, num colorido que embeleza toda a

⁶⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁶⁹ Conceito elaborado nesta dissertação, com base na temática do Odivelismo de And Santtos.

cidade, materializada nos muros de casas e estabelecimentos comerciais com *graffiti*, pinceis e tinta. “Eu faço pintura de paisagem, pintura realista, pintura humana, retrato, mas o que me torna mais feliz é no mural quando eu tento expressar essa cor que vem da nossa raiz cultural” (And Santtos, 2019)⁷⁰, além da relação com a cor azul presente em diversas obras do artista.

Uma das cores que mais me chama atenção é o azul, porque ele me remete muito ao azul do mar, azul do céu, que é o meu cotidiano. eu vivi muito tempo ali na água do rio Mojuim, sempre admirava esse azul, esse reflexo da água, o reflexo do céu na água, o reflexo do mangue na água e o azul eu adotei como uma das melhores cores que eu possa está expressando. A água é um símbolo maior, ela vai e volta, ela não fica parada, como a água dos rios sempre em correnteza e em sintonia com a natureza, eu acho fantástico. A arte é isso a sintonia das cores (And Santtos, 2019)⁷¹.

And Santtos começou a fazer murais em alguns órgãos públicos, tinha permissão da Prefeitura, mas não havia contrapartidas. Por outro lado, os donos de materiais de construção auxiliavam o artista, doando tintas, bisnagas, pincel. Nesta época, não tinha lata e para conseguir o *spray* era necessário sair da cidade, deslocar-se até Belém, para assim realizar o mural.

Neste horizonte odivelense e na imensidão poética dos murais com a potência do imaginário popular configurada pela pluralidade de elementos culturais, pela história oral, da composição musical, reflexo de uma cidade criativa-artística a partir do olhar do transeunte diante da paisagem urbana odivelense, And Santtos produz sua arte. Isso resulta em uma prática coletiva e compartilhada pelos diversos espaços na dinâmica urbana e cultural “cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo” (AGIER, 2011, p.38).

Os murais contemporâneos realizados em diferentes locais na cidade nos remetem à consideração de que a “apropriação da cidade sobrevém, também, pela sua construção simbólica e estética” (ECKERT et al., 2019, p. 11), de modo que a paisagem urbana ganha significados, sinônimos de pertencimento a partir da identidade local. O primeiro mural é na parede de uma casa, em uma área de lazer, espaço de convívio familiar. “Essas inscrições urbanas adquiriram importância cada vez maior pelo uso da cor, suas dimensões, deliberações, suas formas e também seus encaminhamentos para mensagens icônicas” (SILVA, 2014, p.55).

Sobre o contexto histórico do muralismo contemporâneo, Gitahy (2012, p. 15) contextualiza o marco temporal:

⁷⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁷¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Já no século XX, pintores mexicanos, utilizando-se das técnicas da pintura mural, decoravam edifícios públicos. Como vimos nos enormes murais de Diego Riveira executados por Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros, quando convidados pelo então intelectual revolucionário José Vasconcelos [...] No Brasil dos anos de 1950, vários murais arrematavam as fachadas dos edifícios narrando temas da história e da arte brasileira”.

É interessante notar a prática cultural da cidade, a partir da etnografia urbana, no sentido de uma experiência do lugar em registrar, em espaços públicos e privados, murais que retratam a vivência, experiências e modos de vida dos moradores, “visando entender os modos segundo os quais as pessoas interagem e combinam suas vidas cotidianas com a experimentação e o uso espacial da arte” (ZORZO, 2012, p. 62).

3.3. O Odivelismo, a valorização da cultura de São Caetano de Odivelas

And Santtos insere elementos da cultura Boi de Máscaras nas produções artísticas como forma de valorizar os artefatos culturais, o cotidiano das pessoas e o fortalecimento da cultura odivelense como marca identitária do lugar e das pessoas.

Tomando a perspectiva filosófica e histórica de Michel Foucault, delineada a partir do jogo discursivo e histórico que envolve poder e a resistência, pontuamos a arte dos murais contemporâneos constituída por formações discursivas que não são de caráter hegemônico, mas que desencadeiam uma voz de protesto e reivindicação sobre a cultura local e a ação histórica dos sujeitos. A partir dessa consciência, que atravessa intensamente sua produção artística, preocupado com a tradição das culturas populares de sua cidade, And Santtos formulou a noção de *Odivelismo*, uma proposta etnográfica, ontológica e artística voltada à valorização dos saberes produzidos pelos moradores da cidade de São Caetano de Odivelas, em que ressignifica o imaginário odivelense do Boi de Máscaras e das práticas culturais locais (Figura 68 e 69).

Odivelismo, retrata de maneira ampla a nossa regionalidade, ele retrata o homem que vive às margens de rios da Amazônia, ele retrata o cotidiano das pessoas, do caranguejeiro, do pescador, dos próprios personagens do Boi de Máscaras e outras expressões que identificam a cidade de São Caetano de Odivelas (...) Olhando o ser humano em profundidade, o *Odivelismo* me fez abrir os olhos para como a gente pode ver a sociedade a partir dessa máscara. Então, o *Odivelismo* uma valorização do ser, a valorização cultural de Odivelas (And Santtos, 2019)⁷².

⁷² Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 68 - Tela Odivelismo



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Figura 69 - Tela Odivelismo “Z4”⁷³



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santos

Essa cultura é nossa, todo esse cotidiano que vivemos é nosso, devemos nos valorizar, sobre essa questão de “cravar” a questão cultural. Todos esses elementos que eu uso tem referência, uma delas é o caranguejo que é uma forte expressão da cidade. (And Santos, 2019)⁷⁴.

⁷³ “Z4 é a zona 4, número dado a demarcação de cada cidade pesqueira da região do salgado, feito pela capitania dos portos” (And Santos, 2020).

⁷⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santos à autora.

Para entender melhor este processo de formação de And Santtos, vamos tomar uma definição da semiologia histórica, que procura analisar as imagens a partir das memórias que elas carregam. O sentido estético do Odivelismo está calcado nessas memórias visuais e na sua percepção de mundo.

Toda imagem se inscreve no interior de uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência de uma memória visual no indivíduo, de uma memória das imagens na qual toda imagem tem um eco. Há um 'sempre-já' de uma imagem. Essa memória das imagens pode ser uma memória das imagens externas percebidas, mas pode muito bem ser a memória das imagens internas sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Então, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe o estabelecimento da relação de imagens externas, mas também de imagens internas, as imagens das lembranças, as imagens que guardamos na memória, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. Não há imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham essas imagens sido vistas antes, ou simplesmente imaginadas. É isso que me parece essencial, porque é isso que vem colocar a questão do corpo bem no centro da análise [...] (COURTINE apud MILANEZ, 2006, p. 168).

Neste sentido, quando And Santtos nos fala de seu processo de formação, é possível perceber como o acesso às imagens vai constituir sua obra, como não poderia ser diferente. Ele próprio identifica algumas dessas imagens que o influenciaram e que estavam presentes em suas experiências de vida desde criança:

Comecei a fazer meu processo de técnicas, ao estudar alguns artistas de renomes, e tudo me levou a ter uma linguagem própria. Somado a isso, o meu local de nascimento, São Caetano de Odivelas, conhecida como a terra do caranguejo, pela sua importância econômica voltada para a extração do caranguejo, bem como, pela pesca esportiva e artesanal, e também como a terra do Boi de Máscaras, referente à manifestação cultural, cuja expressão tem várias indumentárias, são construções que eu vivi desde a minha infância, ali naquele rio Mojuim, à beira do mar. Isso remeteu a fazer a minha própria linguagem, assim eu desenvolvi o Odivelismo (And Santtos, 2019) ⁷⁵.

⁷⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 70 - Mural “Jirau” por And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

And Santtos retrata neste mural (Figura 70) o cotidiano do povo amazônico que vive nas margens dos rios e guardam uma forte memória em suas práticas cotidianas das tradições indígenas: “No jirau da minha avó, meu avô sempre traziam as melhores tainhas e pescadas para o almoço” (And Santtos, 2018) ⁷⁶.

A ideia do mural foi para valorizar a nossa cultura, tendo em vista que alguns prédios nossos e residências tem pintura do nosso artista And Santtos, então surgiu a ideia da gente também adquirir e ter uma arte de um artista odivelense que expressasse a nossa cultura. Encaminhamos a ideia para o presidente anterior e ele marcou com o And Santtos, para valorizar o artista e a cultura odivelense. Falamos da cena que queríamos expressada na parede. O manguezal e atrás uma casa, conhecida de “baixada”, eles ficam entre cinco a dez dias pescando caranguejo, siri, camarão, peixe. A partir desses elementos, ele criou esse cenário, com o matapi que é um objeto de pesca e o nosso popular jirau, com os dois pescadores cuidando do peixe e inseriu a nossa cultura Boi de Máscaras. É uma imagem bonita que temos orgulho de ter. Temos orgulho de ter ele como artista (Marcelo dos Santos, secretário legislativo, morador de São Caetano de Odivelas) ⁷⁷.

Na tela “O Calafate” (Figura 71), um operário da construção naval também expressa um sujeito muito comum nas paisagens de Odivelas. Para o artista plástico e grafiteiro, tudo é um ciclo: “o arlequim remete ao carnaval, ao colorido, à alegria, mas ao mesmo tempo à

⁷⁶ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁷⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Marcelo dos Santos à autora.

tristeza e está ligado diretamente ao nosso pierrô” (And Santtos, 2019) ⁷⁸. O colorido nos braços já se tornou uma das marcas do artista, o xadrez colorido está bastante associado ao seu trabalho.

Outra característica no figurino do personagem, quando eu começo a envolver, a colocar esse pano colorido ladrilhado, envolvendo-o no braço. Este acessório remete à vestimenta do caranguejeiro, chamada de braçadeira, a maioria ou quase todos, coloca esse acessório de pano até o ombro para se proteger quando colocam a mão no buraco para tirar o caranguejo. Eu peguei esse colorido do Boi de Máscaras e o envolvi nesse braço remetendo à linguagem poética do arlequim, que tem uma vestimenta colorida. (And Santtos, 2019) ⁷⁹.

Para a professora Ivânia Neves, a atuação de And Santtos e seu Odivelismo apresenta uma proposta de afirmação cultural.

Quando conheci as pinturas do Anderson, fiquei impactada com a vitalidade das cores e pela presença tão forte da cultura odivelense. Na primeira vez em que conversamos, ele me falou do *Odivelismo*, com muita empolgação. Então eu estava diante de um artista decolonial. Infelizmente, só há tão pouco tempo as teorias de desconstrução do dispositivo colonial ganharam força nas universidades brasileiras, mas nas mais diferentes realidades desse país, artistas como And Santtos e muitas pessoas que estão organizando os movimentos sociais já levantam esta bandeira e isso acontece desde que começou a colonização. Precisamos sim valorizar o que é nosso e, sobretudo nos conhecer e nos proteger. Não podemos mais nos colocar no lugar da periferia sem voz. O lugar de onde falamos deve instaurar o espaço mais significativo de nossas memórias e de nossas vidas. (Ivânia Neves, professora da UFPA, 2019) ⁸⁰.

⁷⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁷⁹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁸⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Ivânia Neves à autora.

Figura 71 - “O Calafate”⁸¹



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos

A obra a seguir (Figura 72) é alusiva aos pescadores que sofrem pelos arrastões de redes, a canoa vazia de peixes e o encontro da música para acalantar a alma. And Santtos expressa e manifesta-se sobre a poesia regional diante da visualidade artística na tela com as cores do *Odivelismo*.

⁸¹ “O calafate é uma representatividade desse caboclo que é carpinteiro, que constrói barcos e canoas. O carpinteiro não vive sem o calafate, sendo uma das peças principais na confecção do barco. O primeiro passo que deu foi estudar sobre o calafate para construir essa obra” (And Santtos, 2020).

Figura 72 - Pescador Valente⁸²

Fonte: Arquivo pessoal de And Santtos (2020)

⁸² “Essa obra se refere ao pescador artesanal, que tira o seu próprio sustento através da pesca, com uma rede de mão e/ou uma rede minúscula, diferentemente dos arrastões dos grandes barcos, que fazem arrastões e não deixam os peixes entrarem nos rios, e quem sofre é o pescador artesanal, que não tira peixe para vender, mas apenas para o sustento, e quando faz algum tipo de venda, é o mínimo, uma quantidade bem pequena” (And Santtos, 2020).

Pescador valente

*A Maré já enche, fome latente
Rede limpa, canoa balhufa
O peixe minguado,
Não há nada mais exagerado.*

*Toca seu canto, seu encanto
Salva da solidão
Sua alma da escuridão
Sorrir, nem tanto.*

*Lida sofrida nos mares da vida,
Os pés enrugados, as mãos grossas de calos
Toca a sua canção sem arrastão e veneno*

Feita no violino de remo

*A boia já em defesa
O bagre nenhum à mesa
Prepara o anzol e a rede
Que Deus Pai já me deu.*

*Banzeiro a enfrentar
É hora de partir*

*Volta pra casa,
Corpo cansado, coração aperto apertado,
Amanhã um novo dia. Quero de volta a alegria,
Pois cantarei uma nova canção.*

(And Santtos)

Nesta tela “Pescador Valente” também aparecem vários elementos das paisagens odivelenses, a canoa, o cesto de peixe e a boia. A letra homônima também referência a realidade dos pecadores.

Quando eu começo a colocar a boia dentro das minhas telas, por exemplo, quando os pescadores vão para o alto mar, eles fazem uma referência à boia, soltam primeiro a boia, depois eles soltam a rede. Então é um ponto de referência para eles. E quando eu começo a retratar essa boia dentro desse imaginário, desse universo é essa questão de pertencimento mesmo. (And Santtos, 2019)⁸³.

A próxima pintura (Figura 73) retrata o pescador, tirador de caranguejo e artesão Daniel, mais conhecido como “Poperó”. A tela foi inspirada neste trabalhador, um odivelense singular, que sai todos os dias para a sua rotina diária: “a arte vibra na memória coletiva, desvenda o passado e constrói o futuro, resguarda o afeto e descreve o conflito, evoca as crenças, as ideologias e reúne as energias para a constante imaginação” (ECKERT et al., 2019, p. 8-9).

Eu comecei a criar o próprio personagem, esse homem que vai pescar e vai tirar caranguejo, esse mesmo homem que vai brincar no Boi de Máscaras, o homem que é poeta, que é compositor, que é músico. Eu vejo esse indivíduo como uma pluralidade especial de São Caetano de Odivelas. É fantástico quando você faz a sua própria obra a brincar com a sua própria obra (And Santtos, 2019)⁸⁴.

A materialidade na imagem constrói o cotidiano do trabalhador a partir de elementos da cultura odivelense: o capacete feito de tala e ornado com fitilhos coloridos, máscaras de nariz pontiagudo, a representação do peixe como atividade socioeconômica do lugar.

⁸³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

⁸⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 73 - Pescador Daniel “Poperó”



Fonte: Arquivo pessoal And Santtos (2018)

Minha fonte de inspiração vem todo desse universo odivelense, fiz um trabalho tendo como referência o Daniel, um grande amigo, um homem nativo. Retraturei ele em minhas obras, ele é pescador, caranguejeiro, é compositor e brinca Boi de Máscaras. E ele fez a própria personagem dele que é a vovozona, uma espécie de buchudo dentro da brincadeira Boi de Máscaras. Peguei ele como referência e o transformei em uma tela como pescador “Pescando o imaginário”. A referência/homenagem são para todos os pescadores que envolvem a pesca, a extração de caranguejo, o pescador de camarão, o pescador artesanal, o pescador de curral (And Santtos, 2019) ⁸⁵.

A maior parte dos odivelenses distingue as espécies de peixes com muita facilidade, assim como são muito íntimos da pequena embarcação com os artefatos de pesca no fluxo das marés. A imagem sinaliza conhecimentos sensíveis de quem nasceu em uma comunidade

⁸⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

pesqueira, a relação do sujeito com a natureza e o conhecimento que possuem sobre o território.

3.4. A Cultura Odivelense pelas ruas da cidade

Essa questão da pintura, ela é importantíssima tanto para a cultura em si, quanto para o artista e a valorização do município. A cidade acaba entrando no encanto. O povo, o morador, se sente parte disso, se sente dono.

Ivandro Farias - morador de São Caetano de Odivelas

No decorrer de todo o processo de inserção da arte na cidade, criou-se uma interação de forma afetuosa por cada intervenção artística do município — as fachadas das casas, resistência marcada pelas cores e poesias como simbologia de identificação do lugar-espço, uma comunicação entre a própria cidade.

A arte na cidade não é produzida apenas por aqueles que detêm o poder de uso e planejamento do território. A cidade é vivida pelos cidadãos, que nela inscrevem as suas singularidades. A apropriação da cidade sobrevém, também, pela sua construção simbólica e estética. Tornar a paisagem citadina um território de significado, proximidade, identidade e fruição passa pela sua (de)marcação simbólica (ECKERT et al., 2019, p. 11).

Neste sentido, a perspectiva proposta pelo *Odivelismo* estabelece uma identidade para os moradores da cidade, mas agora, esta identidade e suas fraturas também fazem parte de um mercado de arte. Interagir com a arte em Odivelas também passa por estes processos. Na sede da Secretaria de Educação do município, há logo na entrada um mural de And Santtos, denominado “Ler é o caminho do imaginário”⁸⁶, com traços da expressão da estética do *Odivelismo* com a mensagem sobre a importância do hábito de ler.

A ideia é valorizar a cultura local, temos uma cultura rica aqui em São Caetano de Odivelas e o And Santtos já tem nome até em outros estados e fora do País, logo ele foi chamado para grafitar na entrada da Secretaria uma arte que pudesse inspirar os visitantes a imaginar a nossa educação nas cores da arte, a escola em cores como na imaginação de uma criança. Representa a valorização da arte por meio da educação municipal. Foi um projeto de 2019 que levou cultura para algumas escolas municipais em parceria com o Boi de Máscaras. A mensagem de que as escolas

⁸⁶ Este mural aparece na página 106, Figura 58.

precisam valorizar a cultura local em suas atividades pedagógicas (Amarildo Santos, Secretário de Educação, morador de São Caetano de Odivelas, 2019)⁸⁷.

Dentro deste mesmo processo, bastante complexo da cultura nesta fase da globalização, encontramos vários murais pintados nas residências e nos comércios da cidade.

Figura 74 - Mural em homenagem ao Mestre Preiá



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Eu chamei o And Santtos para fazer o muro em frente da minha casa, queria a foto de meu pai ampliada, a mesma foto que temos em calendário, banner e no quadro. Conhecido como Preiá, era um artesão, fazia artefatos como máscaras de buchudo, cavalinhos, passarinho, tudo que vinha na cabeça dele e ele pudesse fazer ele fazia. Quando ele era vivo, ele fez um banco de madeira, onde sentávamos para conversar, bater papo. Com o tempo que ele faleceu, o banco quebrou e eu tive a ideia de fazer outro de alvenaria e de fazer a foto dele, que é uma coisa que vai sempre perto da gente. Chega à noite, a gente vai para lá sentar. Então ele está ali perto da gente, essa foi a minha ideia de ele nunca ficar longe da gente (Lídia Maria Cunha dos Santos, costureira, moradora de São Caetano de Odivelas, 2019).

⁸⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Amarildo Santos à autora.

Figura 75 - Mural dentro de uma Residência Particular – São Caetano de Odivelas – Pará



Fonte: Arquivo pessoal do artista And Santtos (2018)

E eu começo a brincar com esses elementos, as fitas elas me dão um ambiente de leveza, quando bate o vento, começa a ficar leve dentro do contexto. Eu tento retratar essa leveza dentro das minhas telas. Outro elemento que eu destaco é a máscara, esse olhar da máscara diz e fala muita coisa. A máscara pode se tornar muito poética, porque quando você se veste na máscara, você não sabe o que você está sentindo, você está somente vendo a máscara. Ela não sabe o que tem lá dentro, o que você está sentindo, às vezes pode estar alegre, pode estar triste. Eu levo isso para minha realidade, o poder da máscara (And Santtos, 2019) ⁸⁸.

⁸⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Figura 76 - Mural na Fachada de Casa - São Caetano de Odivelas – Pará



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

Esse legado artístico na cidade produziu novas práticas de consumo da cultura odivelense, que não podia ser desconsiderada pelo comércio local. Os murais contemporâneos desenvolvidos em muitas ruas, em muitas esquinas, adorados pelos moradores que se sentem representados em cada obra, também afetaram os empresários. Ou seja, favoreceram o espaço público, constituindo a representação cultural e social na expressão artística, confirmando que “o olhar sobre o grafite é, precisamente, sua relação afetiva com o cidadão local e, então, com o que a imagem mostra” (SILVA, 2014, p. 101). As próximas imagens estão associadas a estes discursos dos empresários locais em ver de forma positiva os murais contemporâneos.

A imagem a seguir (Figura 77) retrata o mural contemporâneo na loja de confecção Arli Center.

Figura 77 - Mural Contemporâneo na loja Arli Center



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

A imagem focaliza uma narrativa pautada em elementos artísticos da região e é justamente a expressão peculiar que chama atenção do transeunte.

Olhei a asa em fotos em outros locais e como queria colocar aqui na parede da loja, que era uma área feia, eu quis colocar alguma coisa para alguém chegar aqui e ficar admirando e chamar a atenção dos clientes, com algo relacionado a São Caetano. Eu falei para o Anderson que queria uma asa para as pessoas postarem, bater fotos e colocarem nas redes sociais. Ele me apresentou alguns efeitos que ele iria colocar elementos de São Caetano, como o mercado, o coreto, a igreja, o Boi. Foi contando como poderia ser e eu fui aprovando tudo, foi um sucesso, achei legal porque divulgou mais o nome da loja. Isso aí foi mais longe do que imaginava, ficou bonito! Uma vez eu estava fazendo o *check-in* no aeroporto de Brasília e o atendente citou sobre uma reportagem sobre São Caetano de Odivelas em que a asa aparecia. Ela chama muita atenção de público e adultos. (Aldenor Lima, proprietário da loja Arli Center, 2019)⁸⁹.

O olhar do pierrô (Figura 78) retrata esse ressurgimento em criar outras imagens, como a relação personagem X humano. O olhar fundo e preocupado, o olhar pessoal angustiado ou alegre — diferentes sensações que o corpo tem e possui. Também o olhar da visibilidade e da espetacularização, o olhar singular de uma cultura, o olhar para a cidade, a

⁸⁹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Aldenor Lima à autora.

partir dessa tirania da visibilidade, isto é, ser visível para existir e, seu inverso também, existir para ser visível: “O And Santtos sempre gosta de representar a cultura odivelense. Eu me sinto representado por ele” (Hilton Lopes, proprietário da marcenaria, morador de São Caetano de Odivelas, 2019) ⁹⁰.

Figura 78 - Marcenaria por And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

⁹⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Hilton Lopes à autora.

Figura 79 - Mural por And Santtos na Arena Prime



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

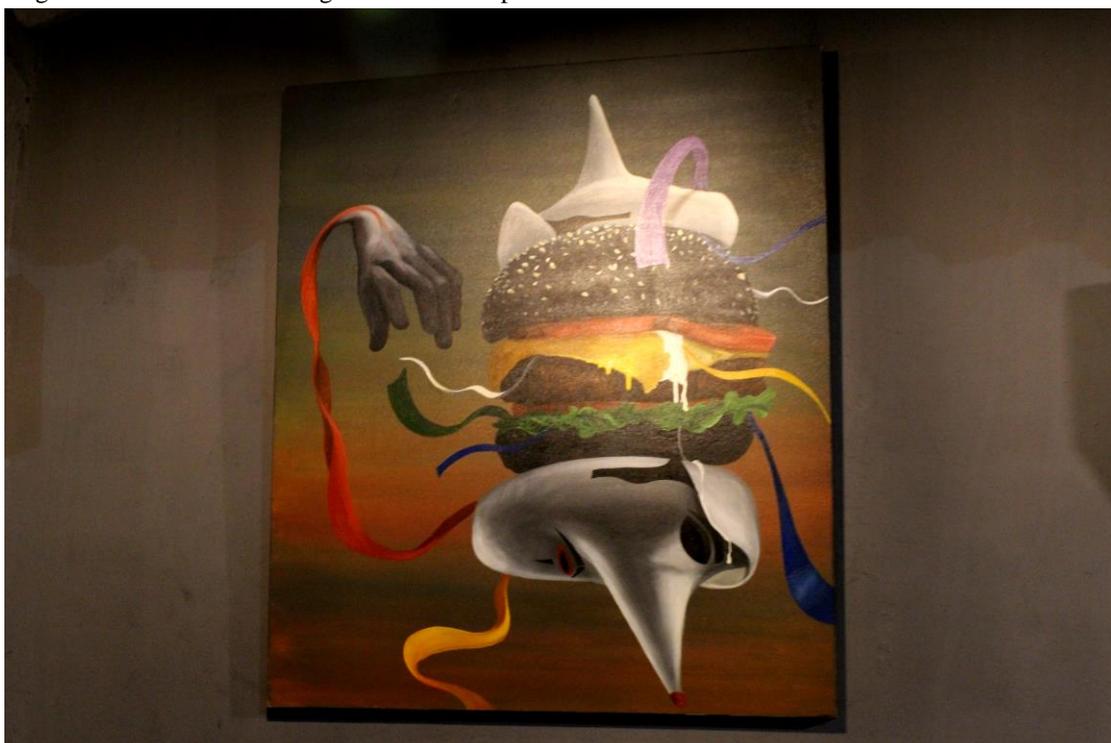
A ideia foi do And Santtos, eu queria um voltado à temática do Boi de Máscaras, na qual as pessoas viessem realizar um registro fotográfico e compartilhassem nas redes sociais (Patrício Lopes, proprietário da Arena Prime, morador de São Caetano de Odivelas) ⁹¹.

A tela na Figura 80, pintada pelo And Santtos, fica localizada na Hamburgueria Master dú Cheff. Os proprietários acompanham o trabalho do artista e se sentem representados pela poética visual do artista: “O tema *Odivelismo* fez com que eu chamasse o Anderson pra cá, pra expor a arte dele aqui, o nosso intuito aqui é realmente divulgar São Caetano de Odivelas” (Airton Neto, proprietário da Hamburgueria Master dú Cheff, morador de São Caetano de Odivelas) ⁹².

⁹¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Patrício Lopes à autora.

⁹² Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Airton Neto à autora.

Figura 80 - Tela na Hamburgueria dú Cheff por And Santtos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Quando eu pensei em abrir algo aqui, eu pensei em trazer a cultura para dentro do espaço da Hamburgueria, então foi essa intenção, nossa intenção, montar algo aqui em São Caetano trazendo a cultura, a nossa cultura que é muito rica que precisa ser mais expandida que é o que o Anderson está fazendo, levando pra fora, pra Belém, para outros estados” (Fabiola Rendeiro, proprietária da Hamburgueria Master dú Cheff, moradora de São Caetano de Odivelas)⁹³.

Desta forma, o *Odivelismo* se espraia pelas ruas montadas em um cenário de arte e cores, entre interação e comunicação com os transeuntes, com “marcas simbólicas de identificação” (SILVA, 2014, p. 77). A multiplicidade de estilos assinala memórias vivas em imagens discursivas que o próprio artista constrói, tendo neste sentido ressignificações com novos efeitos, personagens da cultura do lugar materializadas em diversos espaços públicos e privados. O consumo cultural na cidade é vivo em cada esquina e em cada casa, com a venda de camisas, máscaras de papel machê e nos estabelecimentos comerciais, que lhe inserem seja uma tela ou um mural.

⁹³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Fabiola Rendeiro à autora.

*Capítulo 4: Odivelarte: graffiti,
Bombing e arte digital de
Adriano DK*



Figura 81 - Memória Odivelense
Fonte: Adriano DK (2015)

4.1 DK e a arte odivelense: fluxos imagéticos fraturados

Levar a minha cultura através de minha arte. A arte pra mim é livre, não tem regras para seguir, é o que tu joga do teu sentimento para outra superfície, pode ser uma arte na parede, na tela, no papelão ou no pedaço de madeira (Adriano DK, grafiteiro)”.

Adriano DK

Figura 82 - Grafiteiro Adriano DK



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

O grafiteiro e tatuador Adriano Gurjão, conhecido como Adriano DK, está na cena do *graffiti* na cidade de Caetano de Odivelas com a temática do Boi de Máscaras e com outras práticas culturais odivelenses.

O *graffiti* é isso: tem muro, a gente seleciona, faz um estudo pra definir o que a gente vai fazer e escolher um tema. E tem outros muros que simplesmente a gente coloca a mochila e sai, acha um muro e pinta, sem ideia, só sai com a lata na mochila pra fazer o *graffiti*. (Adriano DK, 2019)⁹⁴.

⁹⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

Com seus traços singulares e fraturados, podemos observar em sua produção um caráter mais globalizado e sem dificuldade, quando olhamos para os seus *graffiti*, imaginamos o mangue, cabeçudos e pierrôs num desenho animado dos Estúdios Disney. Quando olhei a primeira vez as imagens de Adriano DK, recordei-me da infância e uma memória afetiva, ao mesmo tempo imagens imaginadas de uma mente criativa e em ação, assistindo a desenhos animados. Eu me deparei com personagens que acompanharam a minha trajetória, dentro do seio midiático e da industrial cultural. O pierrô com pernas finas na cor roxa me fez retomar a memória do filme “A noiva cadáver”⁹⁵ (Figura 83).

Figura 83 - Pierrô por Adriano DK



Fonte: Fotografia de Priscilla Brito (2018)

⁹⁵ Sinopse do filme A noiva cadáver. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-56718/>. Acesso em: 10 set. 2019.

Neste capítulo, apresentamos a história e a obra de Adriano DK. Para localizá-lo melhor numa cena internacional do *grafitti*, apresentamos uma breve história desta manifestação artística e seus entrelaçamentos com outras linguagens, assim também como traçaremos um painel dos poucos trabalhos acadêmicos realizados no estado do Pará.

4.2 Viajando com o *spray* na mão: breve história do *grafitti*

Pontuaremos um marco temporal da história do *grafitti*, no mundo e no Brasil, com uma visão geral da evolução desta manifestação artística. A origem do *grafitti* vem da produção artística nas manifestações antigas como as pinturas rupestres que seriam os “primeiros exemplos de *grafitti* que encontramos na história da arte” (GITAHY, 2012, p. 11), sendo uma forma de expressão humana e de comunicação, como registro do próprio dia a dia, como a caça e os rituais que revelam o homem pré-histórico.

O termo *grafitti* deriva do italiano, que significa riscar, inscrição e desenho de épocas antigas, “riscados a ponta ou a carvão, em rochas, paredes, etc.” (GITAHY, 2012, p. 13), o homem marcando o seu tempo, a partir de materiais disponíveis no momento da elaboração da arte. *Graffiti* é o plural de *graffito*: “no singular, é usada para significar a técnica (pedaço de pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos - os *grafitti* do Palácio de Pisa” (GITAHY, 2012, p. 13).

Em 1968, Paris viveu a revolta dos estudantes e, na maior greve geral da França, “vimos como o *spray* viabilizou que as mesmas manifestações que eram gritadas nas ruas fossem rapidamente registradas nos muros da cidade” (GITAHY, 2012, p. 21) com mensagens “contraideológicas” (SILVA, 2014).

Destacamos o *grafitti* e o seu surgimento ocorrido no final da década de 1960 e início de 1970, do século XX, na cidade de Nova Iorque (CAMPOS, 2007), onde despontará a figura do *writer*⁹⁶ TAKI 183⁹⁷, cujo verdadeiro nome era Demétrio, um jovem de origem grega, morador no bairro de Washington Heights, norte de Manhattan, trabalhava como entregador e começou a escrever o próprio nome nas paredes e estações de metrô na década de 1970 (FRANCO, 2009; LEAL, 2018). Em 1971, ocorreram acontecimentos assinaláveis, conforme pontua Leal (2018, p. 49), “neste ano, diferentes grupos de *writers* “descobriram” os pátios (*yards*) e os trilhos laterais (*lay-ups*) onde os trens eram estacionados durante a noite e fins de semana”.

⁹⁶ “Denominação que os grafiteiros utilizam para se identificarem (FRANCO, 2009, p. 42).

⁹⁷ “Seu nome de rua seguido pelo número da rua em que morava” (LEAL, 2018, p. 48).

Em 1974, em South Bronx, surge a figura de Afrika Bambaataa, reconhecido por ser responsável por cunhar o termo hip hop (MACEDO, 2016), além de estabelecer os quatro pilares essenciais do hip hop como “*rapping*, subdividido em *DJing* e *MCing*, *graffiti* e *b-boying*”⁹⁸ (MACEDO, 2016, p. 26). O movimento integra ao debate cultural e político e o processo em torno da expressão identitária de grupos juvenis urbanos, representa “um universo lúdico simbólico” (CAMPOS, 2007, p. 269), assim como uma ferramenta de integração social:

Em Nova Iorque, em 1975, ocorreu a primeira exposição de *graffiti* no Artist’Space, “com Peter Schejeldahl, mas a consagração veio com a mostra *New York/New Wave*, organizada por Diego Cortez, em 1981, no PSI, um dos principais espaços de vanguarda de Nova Iorque” (GITAHY, 2012, p. 37). Keith Haring e Jean Michel Basquiat, tiveram destaque pelas frases de impacto no metrô nova iorquino, ambos tiveram uma influência maior com a *por art*⁹⁹, e tiveram trabalhos expostos em galerias de arte, museus e bienais. A manifestação do *graffiti* no Brasil começou a surgir nos anos de 1950 com a inserção do *spray* e se consagra como linguagem artística em 1980, tendo destaque na mídia, chegando à Bienal e a manchetes de jornais, como também em novelas da TV (GITAHY, 2012).

O grafiteiro, artista gráfico, gravador, pintor, desenhista e cenógrafo, Alex Vallauri nasceu na Etiópia, em 1949, e chegou ao Brasil na segunda metade da década de 1960; residiu inicialmente em Santos transferindo-se depois para a capital paulista, quando inicia-se em xilogravura. Foi premiado no Salão de Arte Jovem, em 1968. Em 1970, expõe individualmente na Associação Amigos do Museu de Arte Moderna de São Paulo, “de 1978 a 1980, começou a executar suas máscaras em São Paulo, onde passou a morar para estudar na Faap, da qual viria a ser professor” (GITAHY, 2002, p. 54). Para Spinelli (2010, p. 5): “[...] Alex Vallauri foi um artista de múltiplos recursos, para quem a intervenção no espaço público era uma forma de ação política calcada no humor e na poesia, no desafio anárquico à autoridade e à elitização da arte”. No dia 27 de março de 1987, um dia após o falecimento de

⁹⁸ De acordo com Macedo (2016, p. 26) “*Rapping*, subdividido em *DJing* e *MCing*, faz referência a expressão musical no gênero rap com o MC performando/improvisando rimas que são acompanhadas por uma batida instrumental fornecida pelo DJ. *Graffiti* é a expressão plástica elaborada pelos *graffiti writers* através de diversas técnicas de produção de imagens e mensagens em superfícies planas como muros. O *b-boying* é a expressão corporal vista nas danças cuja performances são informadas por movimentos de diversos estilos como o *breaking*, o *popping* e o *locking*”.

⁹⁹ “A expressão que expressão vem do inglês “arte popular”. Movimento artístico que apareceu nos Estados Unidos por volta de 1960 e repercutiu internacionalmente. Para a Pop-Art interessam as imagens, os ambientes, enfim a vida que a tecnologia industrial criou nos grandes centros urbanos. Seus recursos expressivos são semelhantes aos dos meios de comunicação de massa, como o cinema, a publicidade, os quadrinhos e a TV” (ROCHA, 2001, p 39).

Alex Vallauri, os amigos fizeram uma homenagem no túnel da avenida paulista. Essa data tornou-se o Dia Nacional do *Graffiti* (GITAHY, 2012).

No Brasil, o *graffiti* americano começou a despontar em 1980. O estilo americano começou a ser realizado em grande escala em 1989 com a vivência de gêmeos Gustavo e Otávio, Speto, Binho, tinho e, ainda o excelente grupo aerossol, que se destacaram, entre outros (GITAHY, 2012).

Os estudos acadêmicos que discorrem sobre o *graffiti* envolvem diferentes áreas do conhecimento. Dentre esses estudos, Silva (2014), professor da Universidade Nacional da Colômbia e PhD em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, propõe um profícuo diálogo em consonância com três expressões urbanas: o *graffiti*, a arte pública e os nichos estéticos em torno dos campos das culturas e imaginários urbanos ibero-americanos de acentuado contexto artístico no interior da sociedade.

O autor mostra como o *graffiti* nos anos 2000 voltou com uma nova roupagem, não sendo o mesmo dos famosos anos de 1960. Percebe-se agora um panorama visual a partir de estratégias e composições de uma arte efêmera, dialógica e com metáforas em suas inscrições artísticas, além do caráter político, social e de resistência frente a uma arte hegemônica e segregacionista nos espaços da cidade. Nesta perspectiva, a arte urbana é um ato emancipatório relativamente a vozes sociais, como forma de democratizar a cultura no espaço cidadão, tendo em vista o funcionamento no formato de uma micropolítica.

A tese de doutoramento de Campos (2007), denominada “Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao *graffiti* urbano”, em antropologia, na especialidade de antropologia visual apresentada à Universidade Aberta, é uma pesquisa de caráter etnográfica, realizada na região metropolitana de Lisboa junto a jovens que se dedicam ao *graffiti* como uma manifestação visual que utiliza o espaço urbano como território para comunicação.

Em outro trabalho, Campos (2009) aborda o movimento da imagem em torno do *graffiti*, entre o paralelo do espaço da urbe aos circuitos digitais. O autor analisa o *graffiti* nos circuitos da comunicação ligados aos suportes físicos, móveis e imóveis, tendo por base a fotografia digital aliada à internet, como espaço de mobilidade entre o local e o global, frente a um panorama de fluxos, na qual permeiam identidades locais e transmissão de imagens em torno da linguagem visual contemporânea.

Araújo (2017), na área de educação, em sua tese de doutorado, investiga como a arte urbana pode atuar na formação de si e nos respectivos espaços. A autora desenvolveu a pesquisa com cinco artistas urbanos da cidade de Fortaleza, com o intuito de compreender a

ideia de “biograficidade”, termo elaborado pela pesquisadora, a fim de observar uma forma de escrita, na qual o sujeito deixa na cidade suas respectivas narrativas.

A discussão sobre pichação também foi encontrada entre produções acadêmicas, como na pesquisa de doutorado em psicologia da saúde de Taborda (2017), onde são abordados alguns modos de governo de si e dos outros reproduzidos, a partir das práticas do pixo e da pichação e a multiplicidade de afetos que essas formas de expressões produzem. Para o autor, “a pichação, o pixo, assim como o grafite, precisam ser pensados em sua complexidade; eles não estão separados nem da cidade, nem de nós” (p. 17), tendo como objetivo a articulação da governamentalidade com questão voltada à urbe, entre espaços e afetos, dentre os processos de subjetivação produzidos na vida urbana.

Em relação ao movimento do *graffiti* na cidade de São Caetano de Odivelas, não encontramos pesquisas acadêmicas. Na Amazônia, como em Belém do Pará, em campos epistemológicos na área da comunicação e antropologia, Ferreira (2013), em sua dissertação de mestrado, na área da antropologia, investiga a juventude grafiteira em Belém e sua rede de sociabilidade, em especial ao Mutirão de *Graffiti*. A autora analisa espaços como a Casa Preta, local onde são desenvolvidas oficinas com base no Movimento Negro e a Cultura Hip-Hop, além de pontuar o Cosp Tinta Crew, a assinatura coletiva de maior destaque em Belém. Desta forma, a pesquisadora focaliza o estudo em torno de conceitos como pichação, *graffiti*, rua e galeria para assim compreender a respectiva dinâmica através do *graffiti* e suas respectivas redes na metrópole.

Silva (2017), em pesquisa de mestrado em comunicação realizada no âmbito do projeto EtniCidades Amazônicas, desenvolvido no GEDAI, trabalho com o qual dialogarei de perto, analisa a presença indígena nas grafitagens da cidade de Belém, inserida no processo comunicacional, que, junto com a urbe, informa discursos e enunciados por sujeitos historicamente construídos; além de entender um quantitativo de *graffiti* produzidos com marcações étnicas e questionamentos sobre as ambíguas e fraturadas identidades indígenas na inscrição urbana, espargidas pelos grandes espaços citadinos brasileiros.

4.3 De Bombing, "pixação"¹⁰⁰ e graffiti às paredes de Odivélas

Para Adriano DK, o encantamento pela arte surgiu quando criança, entre folhas de papel A4 e o lápis de cor, traços em poesia ganhavam formas com muita criatividade e imaginação. As imagens emergiam a partir da relação com a natureza informacional, novas linguagens e reinvenções surgiam.

Desde criança ele sempre gostou de desenhar, ele ficava pintando dentro do quarto, ficava desenhando os bonecos que ele tinha e os desenhos animados que passava na televisão. Fazia os desenhos no papel, ele pegava um desenho pequeno e aumentava. Depois foi estudar para Belém. Sempre pedia para fazer um curso de *graffiti*, mas na época em Belém era difícil cursos voltados ao *graffiti*. Quando ele começou a estudar no Paes de Carvalho e foi se dando com os colegas, ele iniciou a arte da pixação. Depois ele conheceu o Mauro, artista plástico, que viu desenhando, gostou e posteriormente convidou o Adriano para pintarem juntos. Foi quando ele começou a pegar mais aptidão com o *graffiti* e aprender técnicas para manusear a lata de *spray*. Após aprender mais sobre o *graffiti*, realizaram uma exposição e a família sempre prestigiava esses momentos. Depois se organizaram para ir a São Caetano de Odivélas e iniciar a produção artística nos muros, foi assim que ele foi começando. Realizou exposição na Itália e Brasília (Sueli Gurjão, mãe do Adriano DK, 2019)¹⁰¹.

O percurso do artista se iniciou com vivências na arte Vandal, a arte sem autorização, como forma de marcar território, com nome e/ou personagem característico do grafiteiro com a inserção na União Periférica Crew (UPC), um coletivo que começou em 2007 e está até hoje na cena, formado por um grupo de amigos que se encontrava e morava em bairros da periferia de Belém.

O *graffiti* é, basicamente, uma expressão das culturas juvenis urbanas. Daí que tenhamos de pensar, igualmente, as nossas cidades, o espaço urbano enquanto território edificado habitado por pessoas com lugares e destinos distintos. São essas pessoas que estabelecem vínculos sociais, afetivos, simbólicos, usando diversos recursos para exprimir algo sobre a sua condição (CAMPOS, 2007, p. 12).

O *graffiti* a seguir (Figura 84) é deste momento de trocas juvenis e do fortalecimento de uma política comunicativa na cidade “para a afirmação de identidades, para a marcação territorial ou, simplesmente, para uma proclamação de existência” (CAMPOS, 2007, p. 13). A UPC integra o movimento hip-hop e participa dos circuitos juvenis na cidade de Belém do

¹⁰⁰ A grafia “pixação” com “x” e não com “ch” é adotada por meus interlocutores, com isso adotaremos a escrita atribuída por eles neste trabalho. Segundo Pereira (2018, p. 19), “ao se discutir, cabe logo de início, uma observação ortográfica aprendida com os próprios pixadores, pois em vez de escrever a palavra pichação com “ch”, como consta na grafia dos dicionários, eles a escrevem com “x” [...] como o modo de diferenciá-la do significado atribuído pelos dicionários [...] a pixação com “x” expressaria o modo que se apropriam da cidade, que não teria significado apontados por dicionários à palavra pichação”.

¹⁰¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Sueli Gurjão à autora.

Pará, como a batalha de São Brás¹⁰² e o projeto Matinta¹⁰³, com duelo de MCs¹⁰⁴, discotecagem de DJs¹⁰⁵, recitação de poesias, mostra de *graffiti* e apresentações de *break dance*¹⁰⁶, oficinas e murais de *graffiti*. Este movimento tem o objetivo de promover a arte urbana e o processo de sociabilidade de jovens da periferia.

Figura 84 - Tag da União Periférica Crew



Fonte: Instagram da UPC - IPC07 (2007)

As memórias do Boi de Máscara na imagem da Figura 84 partem de elementos utilizados como capacete do personagem, promovendo assim novas fraturas na imagem dos mascarados do Boi, como a inserção de fragmentos artísticos voltados ao boneco panda, que enfeita a cabeça do pierrô. O sorriso largo remonta traços do próprio grafiteiro e no lugar das meias coloridas e do tênis, a pantufa de panda se materializa, deixando o mural de *graffiti* singular e particular, próprio do processo criativo do artista e suas novas re(invenções). Essas particularidades são interpretadas também pelo coletivo diante o discurso imagético.

¹⁰² Encontro da cultura hip-hop, espaço de desenvolvimento de novos MCs.

¹⁰³ Projeto de arte urbana no bairro conhecido como matinha na cidade de Belém do Pará.

¹⁰⁴ “MC é uma abreviação do termo *master of ceremony* ou *microphone controller* e se configura no indivíduo responsável por realizar a animação de festas verbalmente e/ou cantar as letras de rap tendo o acompanhamento do DJ que lhe fornece uma base musical” (MACEDO, 2016, p. 23).

¹⁰⁵ Segundo Macedo (2016, p. 23), “o termo DJ é uma abreviação para o termo *disc jockey*, indivíduo por fazer o controle dos discos selecionando faixas a serem tocadas, realizando performances e se apresentando juntamente a MCs”.

¹⁰⁶ “Estilo de dança que apresenta os B.boys e B. girls (abreviação de Break Boy e Break Girl). Também chamado de dança de rua” (SOUSA, 2019, p. 9).

O *graffiti* pode igualmente ser entendido como produto de uma prática, sendo neste caso o produto de uma ação individual ou coletiva. O resultado da pintura a *spray* é um conjunto de elementos de natureza pictórica, que pretendem comunicar algo. O *graffiti* é, então, um artefato de comunicação (CAMPOS, 2007, p. 267).

Desta forma, Adriano DK elaborou sua própria identidade visual urbana, dando ênfase ao contexto da cultura local, assumindo assim um protagonismo ativo na cidade.

Figura 85 - Pierrô por Adriano DK



Curtido por **larosenoire_tattoostudio** e outras pessoas

dkinktattoo Bom dia...!!!

Digital art...!!



#Dktattooinkshop #inkshop #artdigital #digitalart
#pitoco #culturaodiveleses #lifestyle #ColaComNoiz
#upc

22 de agosto de 2018 • Ver tradução

Fonte: Print screen Instagram do @ drinktattoo

O início da trajetória do grafiteiro também foi marcado pela resistência em inserir o *graffiti* nos muros da cidade de São Caetano de Odivelas. Era algo novo para a comunidade, a maioria não conhecia essas intervenções urbanas: a lata de *spray* e personagens do Boi de Máscaras reelaborados.

Eu comecei a fazer minha arte em Belém, ninguém sabia que eu fazia em São Caetano. Nessa época, eu até escondia, meados de 2007, mais ou menos, pela própria discriminação das pessoas, até da minha própria família. Quando eu trouxe a arte pra cá, eu senti um impacto das pessoas. *Graffiti*, eu acho que fui o primeiro mesmo que fiz aqui, usando somente a técnica do *spray*. Com o passar do tempo que as pessoas começaram ver a minha arte de outra forma, quando eu comecei a levar a minha cultura em exposições, viajando, as pessoas começaram a olhar com outros olhos. Hoje em dia, quando eu estou pintando muro, se passar uma criança, passa olhando e fala logo do Boi, da cultura daqui. As pessoas falam comigo, param para olhar o trabalho, me agradecem por fazer isso. É como em outros lugares, tem pessoas que vão gostar e outras não. Já escutei pessoas falarem: “Tu só pintas Boi de Máscaras, só faz isso!” (Adriano DK, 2019).

Sua lojinha, onde vende telas, camisetas, máscaras e faz suas tatuagens é parada obrigatória para os moradores interessados em objetos de arte e para quem visita a cidade (Figuras 86, 87 e 888).

Figura 86 - Loja DK Artes - Fábrica de Sonhos



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Figura 87 - Tela “Cores, Imaginação e Pierrô” por Adriano DK



Fonte: Fotografia de Priscilla Brito (2018)

Figura 88 - Camiseta Personalizada por Adriano DK



Curtido por **dkadriano** e outras pessoas

dkinktattoo 😊

#fabricadesonhosinkshop #inkshop

#camisaspersonalizada #culturaamazonica

#culaturaurbana #boidemascaras #ColaComNoiz

#lifestyle

Fonte: Instagram print screen @driktattoo

Entre a cultura popular e as intervenções urbanas, encontramos pelas ruelas de São Caetano de Odivelas o estilo *bombing* “essência primitiva do *graffiti* enquanto fenômeno subcultural singular [...] o *bombing* é fundamental para o sentimento de pertença a uma

cultura reconhecida como autêntica” (CAMPOS, 2007, p. 303). A *tag* que seria uma assinatura, que geralmente o grafiteiro usa.

A *tag* é o elemento mais primitivo e fundamental daquilo que é o *graffiti* enquanto cultura juvenil urbana. Não existe writer sem *tag*, tal como não existe *graffiti* sem o *tagging* (ação de disseminação do *tag*). A *tag* é a identificação do writer na comunidade, o nome pelo qual é reconhecido e avaliado, sendo a matéria prima sob a qual qualquer writer deve trabalhar, pois qualquer iniciação neste universo parte da escolha de uma *tag* e da sua estilização (CAMPOS, 2007, p. 292).

As imagens abaixo (Figura 89) são de uma *tag* de *spray* e um *bombing* (Figura 90), ambas pelas ruas de São Caetano de Odivelas.

Figura 89 - *Tag* de *Spray*



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Para Adriano DK, o *bombing* (Figura 90) é um segmento do *graffiti*, uma arte vandal, arte sem autorização, arte rápida:

Tu joga uma tinta PVA e contorna com *spray*. Tem que ser rápido, por ser algo não autorizado (...). Tu vai e sai espalhando vários *bombing*, pode ser o nome, ou então um personagem característico do grafiteiro, é tipo uma marcação de território. Tem pessoas que gostam de escalar prédios, ônibus, lugares privados ou no outdoor, é feito de madrugada (Adriano DK, 2019).

Figura 90 - *Bombing* por Adriano DK

Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

De acordo com Franco (2009, p. 20), “a pixação surgiu na cidade nos anos 1980, mas foi nos anos 1990 que ela se consolidou, época em que as práticas de *graffiti* ganhavam novos impulsos com a emergência de uma segunda geração, a *new school* ou nova escola”. A cena da pixação foi encontrada na cidade de São Caetano de Odivelas, demonstrando-se assim esses espaços de sociabilidade dos pixadores (Figura 91). Vale ressaltar que nossa pesquisa foi demarcada pela área urbana da cidade, podendo assim ter outros muros e outros espaços com intervenções e inscrições artísticas. O pesquisador Alexandre Pereira menciona a rede de encontro e trocas pela cidade como “os rolês da pixação [...] traçados no espaço urbano por meio dessa prática” (PEREIRA, 2018, p. 25).

Figura 91 - Pixação em muro de São Caetano de Odivelas



Fonte: Fotografia de José Rodrigues (2020)

4.4 *As cores de DK e os processos de interação*

A arte do *graffiti* em diálogo com a cultura odivelense é vista nas produções do artista DK, a partir da transposição de um estilo próprio diante do universo imaginário e cheio de criatividade entre personagens da manifestação Boi de Máscaras, como pierrô, cabeçudo e a representação dos bois. O grafiteiro explica seu processo artístico no momento de sua intervenção:

Eu pego a essência do Boi de Máscaras, mas eu também transformo, eu mudo um pouco. Eu gosto de brincar com o imaginário, coisas que não existem, eu jogo. Tu vais ver cabeçudo voando, vais ver várias coisas, vais ver uma montanha de cabeçudo que eu faço. As pessoas começam a perguntar por que eu faço essas coisas. Eu gosto de brincar com o imaginário, eu não gosto de pegar uma foto e retratar na parede. Não! Eu gosto é de brincar mesmo, porque arte pra mim é isso, é livre. A gente não tem regra pra gente seguir (Adriano DK, 2019) ¹⁰⁷.

Adriano DK mergulha no mundo interativo da arte digital com elementos imbricados da manifestação cultural Boi de Máscaras. A presença do personagem pierrô dialoga com

¹⁰⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK.

diferentes momentos da vida do artista, imagens concretizadas na memória, como a árvore repleta de morcego, o cachorro da raça pitbull chamado Shogun, além de personagens da infância como o Batman. A arte realizada digitalmente e também consagrada nos muros contemporâneos da cidade odivelense, conforme se pode observar nas imagens a seguir (Figuras 92, 93 e 94):

Figura 92 - Pierrô Representando o Cachorro Shogun



Curtido por **cassia_j.s** e **outras pessoas**

dkinktattoo Nunca deixes que a chama que arde no teu coração se apague. Com ela aquece o vazio frio e ilumina o vazio escuro.

Bom dia...!!!

Yin Yang Mitiushin

Fonte: Print screen - Instagram do @drinktattoo

Figura 93 - Mascarado Arteiro



Curtido por **cassia_j.s** e outras pessoas

dkinktattoo Quando o bagulho endoida nem o batman vai pod de salvar... 😊

MascaradoArteiro...

#Dktattooinkshop

#ink #adrianodk #Dk #dkone #artdigital #arteurbana

#streetart #digitalart #ilustração #illustration

#culturaamazonica #culturaOdivelense

#boidemascaras #batman #Mascaradoarteiro

#batmanmascarado #mascaradodastrevas #upc

#1pc07 #lifestyle #ColaComNoiz

2 de novembro de 2018 • Ver tradução

Fonte: Print screen - Instagram do @drinktattoo

Figura 94 - Arte Digital por Adriano DK



Curtido por **tudoprattattoo** e outras pessoas
dkinktattoo Art Digital..!!

@dkadriano

#Dktattooinkshop #inkshop #ink #tattoo #tatuagem
 #graffiti #artederua #arteurbana #artdigital
 #digitalart #culturaamazonica #culturaOdivelense
 #streetart #StudioDktattoo #cartoon #ilustração
 #illustration #adrianodk #Dk #pitoco #drikolandia
 #lifestyle #ColaComNoiz

Ver 1 comentário

25 de agosto de 2018 • Ver tradução

Fonte: Print screen - Instagram do drinktattoo

Dos muros digitais aos muros da cidade, no bairro da Cidade Nova 4, em Ananindeua, na região metropolitana de Belém, no estado do Pará, Adriano DK coloca em prática a arte desenvolvida com ferramentas digitais e desloca-se para o espaço dos muros em momentos de

rolê¹⁰⁸ para fazer *graffiti* (Figura 95), como “uma ideia de passear ou caminhar pela cidade, deixando nos lugares por onde passou a sua marca estampada” (PEREIRA, 2018, p. 73); sem estabelecer uma arte prévia ou ideia, apenas com a mochila nas costas, com latas de *spray* e vontade de expressar a arte.

Figura 95 - *Graffiti* na Cidade Nova 4 no Município de Ananindeua – Pará



Fonte: Arquivo pessoal do grafiteiro Adriano DK

4.4. Projeto Sarará: Arte de Rua e Cultura local

Em meados de 2014, Adriano DK, Mauro Barbosa e Théo Lima elaboram um novo coletivo de artes visuais, chamado Projeto Sarará. O objetivo do grupo era ser um grito em favor da cultura local”. Unir a ancestralidade do nativo da Amazônia com a infinita liberdade da criação artística, além da mistura da arte de rua e da cultura local como linguagens artísticas em busca da defesa de uma identidade amazônica.

No início não tinha uma linguagem. Ela foi sendo construída no laboratório artístico e assim surgiu uma linguagem, uma identidade visual para o projeto Sarará. Através desse projeto foi dando consistência de linguagem, de expressão, de valorização do

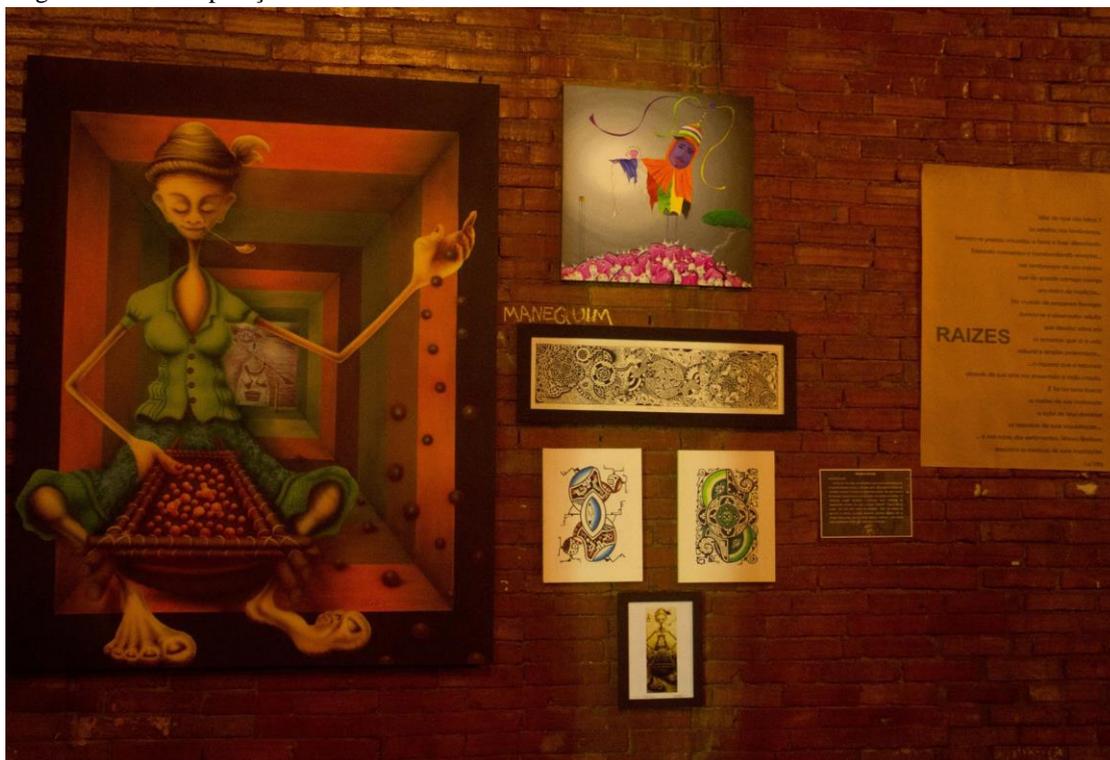
¹⁰⁸ Segundo Leal (2018, p. 47), “é o termo utilizado pelos interlocutores para se referir às saídas para pintar na rua”.

que é nosso, do que está aqui para todos nós em abundância. Essas questões patrimoniais também são extremamente importante (Mauro Barbosa, artista visual e grafiteiro, 2019).

Os caranguejos Uçá, chamados também de Sarará, deram a inspiração para o batismo do projeto. Eles são animais gregários, que se desenvolvem em grandes aglomerações no mangue e possuem rica interação com os membros da colônia. Espelhando-se nesse exemplo de existência, o Projeto Sarará chegou para expressar artisticamente a união comunitária. Dessa maneira, seus primeiros trabalhos contaram com a participação do fotógrafo João Carlos Sanches, o artista And Santtos e a poeta Crisodália Saldanha.

O grupo realizou duas exposições coletivas denominadas, respectivamente, "Raízes" e "Tradição, Cores e Almas", entre a cultura marajoara de Théo Lima, o cotidiano das raízes amazônicas de Mauro Barbosa e o colorido da cena da manifestação cultural Boi de Máscaras de Adriano DK. A imagem abaixo (Figura 96) é da pré-exposição "Raízes", no espaço Solar das Artes, na cidade de Belém do Pará.

Figura 96 - Pré-exposição Raízes



Fonte: Fotografia de João Carlos Sanches (2015)

A primeira exposição coletiva do Projeto Sarará (Figura 97) foi à reunião de vários artistas da Amazônia-Pará, com o intuito de percorrer os diversos municípios paraenses

buscando parceria com os artistas locais (poetas, músicos, artistas visuais, escritores), evidenciando a cultura local através de murais contemporâneos em grandes dimensões.

Figura 97 - Exposição Coletiva “Projeto Sarará”



*Projeto Sarará
Convida*

*Dia 30 de maio até 14 junho
às 18:00hs*

Exposição Coletiva

*Artistas:
Adriano DK
And Santos
Carlos Sanches
Lia Gomes
Mauro Barbosa
Michelle Quadros
Theo Lima*

Trav. Padre Prudêncio, nº681, entre Carlos Gomes e Gama Abreu (Referência: OAB).

Contato p/ informações: 99825 - 9947 / 98127 - 7085

maurobarbosa70@gmail.com

facebook.com/mauro.barbosa.391

Fonte: Arquivo pessoal do artista Mauro Barbosa

A família do artista Adriano DK esteve presente na exposição coletiva do Projeto Sarará, tendo assim o incentivo dos pais e família. Na Figura 98, da esquerda para a direita, estão presentes: Kaio Duarte (primo), Teodoro Gurjão (pai), Paula Gurjão (prima), Sueli Gurjão (mãe), Jadson Melo (cunhado), Natália Gurjão (irmã), Flávia Gurjão (prima) e Valéria Duarte (prima).

Figura 98 - Família do artista Adriano DK na exposição



Fonte: Arquivo pessoal do artista Adriano DK

A segunda exposição “Tradição de Cores e Almas”, ocorreu no Centro Cultural do Carmo¹⁰⁹, voltada às experiências de identidade visual de cada artista, com elementos da cultura marajoara, de São Caetano de Odivelas e do Baixo Tocantins: “A arte na sua essência juntando nossas obras numa única alma amazônica para externar a necessidade da transparência de uma linguagem universal” (Mauro Barbosa, artista visual e grafiteiro do Projeto Sarará).

Cada obra retrata o trabalho artístico e coletivo dos idealizadores do Projeto Sarará. A exposição foi o momento para apresentar todo o processo do laboratório de experimentação, a partir da singularidade de cada artista, entre traços, cores e estilos peculiares. As imagens abaixo retratam o processo de elaboração e produção dos artistas (Figuras 99 a 102).

¹⁰⁹ “Criado com a finalidade de ampliar o espaço cultural da cidade de Belém do Pará”. Disponível em: https://www.facebook.com/culturadocarmo/about/?ref=page_internal. Acesso em: 20 fev. 2020.

Figura 99 - Produção Coletiva de Théo, Mauro e Adriano DK



Fonte: Arquivo pessoal do artista Mauro Barbosa

Figura 100 - Artista Visual Théo Lima na exposição “Tradição de Cores e Almas”



Fonte: Arquivo pessoal do artista Mauro Barbosa

Figura 101 - Adriano DK na exposição “Tradição de Cores e Almas”



Fonte: Fonte: Arquivo pessoal do artista Mauro Barbosa

Figura 102 - Mauro Barbosa na exposição “Tradição de Cores e Almas”



Fonte: Arquivo pessoal do artista Mauro Barbosa

Em 2015, o grupo realizou três murais com a temática voltada ao Boi de Máscaras, além de oficinas sobre a temática socioambiental. A partir de então, ficou difícil continuar pela falta de políticas públicas de apoio ao trabalho de artistas locais.

A gente solicitou ajuda de custo para a prefeitura, para o prefeito, para ver se dava um apoio aí pra gente. Eles não quiseram apoiar. Ele falou que não dava, porque não estava no orçamento deles. Então chegamos para eles e falamos: “Bom, a gente vai fazer com o nosso próprio recurso, sem depender de vocês”. Ele viu que a gente ia fazer e depois falaram que iriam dar uma ajuda de custo para comprar material (Adriano DK, grafiteiro, 2019) ¹¹⁰.

Em fevereiro de 2015, os artistas Mauro Barbosa, Adriano DK e Théó Lima juntaram-se ao fotógrafo João Carlos Sanches, ao artista And Santos e a poeta Crisodália Saldanha, para “produzir a primeira ação do coletivo. O mural coletivo é uma forma de cada artista expor sua própria arte, diante da pluralidade estético-artística da região. “Tivemos que focar uma temática quando iniciamos o processo artístico em São Caetano de Odivelas, com a temática da cultura local” (Mauro Barbosa, artista visual e grafiteiro, Projeto Sarará) ¹¹¹.

Os murais contemporâneos eram realizados de forma coletiva. O primeiro mural, como a imagem da (Figura 103), denota o patrimônio imaterial do lugar, a partir da

¹¹⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

¹¹¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Mauro Barbosa à autora.

representação da imagem do cabeçudo, e o patrimônio ambiental, retratada pelo mangue. Além de demonstrar espaços geográficos da cidade como o coreto, prédios históricos e o fraturamento na imagem do pierrô sem máscaras, com cores roxas e o multicolorismo nas roupas. As máscaras estão dentro do mangue, fazendo alusão ao caranguejo, bem como à cabeça do boi.

Figura 103 - 1º Mural das Tradições realizado em 2015



Fonte: Arquivos pessoais do grafiteiro Adriano DK (2015)

Durante a pesquisa de campo, conheci “seu” Geraldo Soares, morador de São Caetano de Odivelas, que nos contou sobre a história do mural no momento em que estávamos fazendo registros fotográficos, tendo em vista, sobretudo a relação com arte odivelense desenvolvida nos muros. Esse encontro materializa a seguinte afirmação de Agier (2011, p. 91): “as ações, as interações e suas representações são definidas a partir de uma dupla relação: a dos cidadãos entre si e a deles com a cidade como contexto social e espacial”. Desta forma, não é apenas um mural, é um mural de histórias orais, trajetórias de vida e relatos de experiências.

Estás vendo aquela cabeça enterrada? Encontraram no Marajó e trouxeram ela e construíram esse Boi aí, que é o Boi Tinga. Esse é o retrato da cidade, são várias obras em um mesmo mural. Aqui, por exemplo, eles já estão brincando em frente ao coreto e à prefeitura (Geraldo Soares, vigilante, morador de São Caetano de Odivelas) ¹¹².

O mural do Projeto Sarará (Figura 104) ainda é encontrado na travessa Antônio Baltazar Monteiro, em São Caetano de Odivelas. A feitura do mural ainda está na memória

¹¹² Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Geraldo Soares à autora.

dos moradores que acompanharam o processo em 2015. Na (Figura 105), é a reportagem no jornal Diário do Pará sobre o Projeto Sarará.

Figura 104 - Mural das Tradições em 2020



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Figura 105 - Reportagem sobre o Projeto Sarará – Jornal Diário do Pará



Fonte: Arquivo pessoal do artista visual e grafiteiro Mauro Barbosa

O segundo mural é a fase do projeto voltado ao público infantil, realizado em 2015 e desenvolvido por Mauro Barbosa e Adriano DK, com a colaboração do fotógrafo João Carlos Sanches. A imagem (Figuras 106 e 107) retrata o mundo lúdico das brincadeiras infantis, a

vivência e o contato com o rio desde pequenos, as histórias relatadas pelos mais velhos e os brinquedos na figura do Boi de Máscaras.

Esse mural tem a mensagem de uma criança que ia todo dia lá comigo à tarde, quando eu estava pintando. Foi tenso fazer esse muro aqui, porque nós fizemos no inverno e todo dia chovia. Ela gostava de ir toda a tarde olhar a gente pintando, e no decorrer da construção do mural, recebi a notícia que ela havia falecido. Aquilo mexeu muito comigo! Cada muro tem uma história! (Mauro Barbosa, artista visual e grafiteiro, Projeto Sarará)¹¹³.

Figura 106 - 2º Mural Contemporâneo do Projeto Sarará - “Sonho de Criança” em 2015



Fonte: Arquivos pessoais do grafiteiro Adriano DK (2015)

¹¹³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Mauro Barbosa à autora.

Figura 107 - 2º Mural Contemporâneo do Projeto Sarará Sonho de Criança em 2020



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

O terceiro mural (Figura 108) foi realizado na entrada do município de São Caetano de Odivelas, pelos artistas Mauro Barbosa, Théo Lima e Adriano DK, em virtude da poética dos pescadores da região, homenagem a eles. Cores, traços, fitas coloridas de uma ancestralidade amazônica ao universo da arte contemporânea. O artista visual relatou a experiência sobre a intervenção artística na cidade: “O muro começou a despertar muitas coisas nas pessoas, como na gente também” (Mauro Barbosa, artista visual e grafiteiro do Projeto Sarará).

Os murais contemporâneos de Odivelas são a conexão com os artistas de rua, um mergulho na linguagem visual da região amazônica, que incluem o caranguejeiro e seu mundo lúdico, a cultura odivelense no colorido do Boi de Máscaras e a ancestralidade das cerâmicas marajoaras.

Os traços do artista visual Théo Lima representam um resgate arqueológico no contemporâneo. Iniciou com a incisão em cuias a partir da linguagem marajoara conectada ao distrito de Icoaraci. Somado a isso, teve como referência artística o pixo. A imersão de sua arte é voltada a fases cerâmicas, como a Ananatuba, Mangueiras, Acuanã, Formiga, Marajoara (SCHAAN, 2007). Para o artista, neste horizonte do saber se constroem técnicas e a profusão de fases da cerâmica marajoara: “Eu misturo essas fases todas as minhas obras, elas são como um quebra-cabeça, que se forem unidas formam um labirinto” (Théo Lima, artista visual, Projeto Sarará).

O artista visual e grafiteiro, Mauro Barbosa, possui uma identidade visual voltada à estética de personagens encontrados no cotidiano paraense, como canoieiros, o catador de açaí, o pequeno agricultor. As obras traduzem as raízes amazônicas e sua poética artística.

Sobre o terceiro muro do Projeto Sarará, a ideia partiu de fazermos uma boas-vindas, retrato da cidade. Como o Théo trabalha com grafismo marajoara, a gente quis interagir, fazer a interação dessa linguagem para que outras pessoas pudessem visualizar a arte marajoara, assim como outros universos regionais. Foi pensado como um mural de receptividade. Um morador, na época da construção do mural falou para desenharmos o barco do pai dele. No outro dia, ele veio com uma pescada amarela como agradecimento (Mauro Barbosa, artista visual e grafiteiro, Projeto Sarará) ¹¹⁴.

Adriano DK mergulha no colorido de Odivelas. O artista e seus processos estéticos são evolutivos e estão sempre em mudança, mas sua busca é, principalmente, em direção às suas raízes. A partir delas, ele desenvolve um estilo pessoal, que utiliza muitas cores e personagens da manifestação cultural Boi de Máscaras de São Caetano de Odivelas: “Na época os três murais viraram cartão postal. Todo odivelense passava e tirava foto. Hoje em dia já estão bastante apagados com o tempo, sol e chuva” (Adriano DK, 2019).

Figura 108 - 3º Mural do Projeto Sarará “Devanear nas Heranças Amazônicas”



Fonte: Fotografia de João Carlos Sanches (2015)

O mural expressa as pegadas da tradição (Figura 108). É um pescador carregando toda a cultura odivelense, com traços marajoaras de Théo Lima, o pescador de Mauro Barbosa e Adriano DK com a cultura local, como explicado na página 80. O mural contemporâneo

¹¹⁴ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Mauro Barbosa à autora.

abaixo (Figura 109) está localizado no restaurante o trapiche do careca, na cidade de São Caetano de Odivelas.

“Essa capa é a toalha tradicional do pierrô, na qual usa justamente para colocar o capacete em cima. A borboleta tem um significado muito subjetivo, significado de liberdade, de lutar pela sobrevivência nesse mundo e por aquilo que queremos e almejamos” (Adriano DK, 2020) ¹¹⁵.

Figura 109 - Mural Pegadas da Tradição – Projeto Sarará



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

¹¹⁵ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

4.5. Mais spray de DK

Em 2010, as cores de DK começaram a espriar-se pela atmosfera odivelense no circuito de arte pelos murais contemporâneos de cunho popular paraense. A cidade é representada nestes murais, tecida pela reelaboração de imagens que fortalecem a interação da comunidade com a arte.

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos a nossa cidade, a cidade onde nós nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos (BARTHES, 1987, p. 187).

O grafiteiro começou a espalhar murais pela cidade e vem nesta evolução até os dias de hoje: “Se olhar minha arte, tu vais ver que ela está em constante evolução. A pessoa que olha a minha arte na parede já identifica, já sabe que é minha” (Adriano DK, grafiteiro, 2019)

116

Figura 110 - Mural realizado pelos grafiteiros Adriano DK e Fábio Graf



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2019)

¹¹⁶ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

Este mural (Figura 110) foi o primeiro que Adriano DK realizou em parceria com Fábio Graf. Isso acontece, geralmente quando o artista visita outra cidade, na casa de algum amigo (a) grafiteiro (a) ou a convite. Nesses momentos, sempre ocorre uma produção em grupo, como forma de deixar a marca na cidade.

Figura 111 - Fachada de Casa por Adriano DK e Flávia Gurjão



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Nesta imagem (Figura 111), podemos ver mais uma reelaboração do pierrô, agora esverdeado com a carcaça da cabeça do boi e com uma blusa azul sem o multicolorido característico da manifestação Boi de Máscaras. O sorriso sempre em destaque refere-se ao próprio artista, uma marca registrada do autor em suas produções artísticas: “Então esse foi um que eu fiz aqui em São Caetano, no muro aqui do lado de casa e eu fiz com a participação da minha prima. Eu estava incentivando ela a desenhar e esse foi o primeiro mural que ela fez junto comigo” (Adriano DK, 2019) ¹¹⁷.

A cidade de São Caetano de Odivelas respira e inspira arte em cada esquina, em cada casa, em cada fachada, em cada estabelecimento comercial ou instituição pública (Figuras 112 e 113). O amor pela arte odivelense insiste em manter viva a cultura do município. Existe muita interação entre a produção artística e os moradores da cidade, que se sentem

¹¹⁷ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

representados nos murais de *graffiti*, como atesta o relato: “As artes nos muros representam muito a nossa cultura. É uma coisa que dá muito orgulho, conviver com os artistas aqui em São Caetano de Odivelas. É uma coisa tão interessante que agrada quem vem de fora” (Iranilton Siva, Oficial de Justiça Avaliador, morador de São Caetano de Odivelas) ¹¹⁸.

Figura 112 - Mural Contemporâneo por Adriano DK em residência particular



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

¹¹⁸ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Iranilton Silva à autora.

Figura 113 - Mural Contemporâneo “Isso é arte” por Adriano DK



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

Em 2016, Adriano DK foi convidado para participar do 2º Tarrafiada Cultural – Coletivo de Cores e Sons Vigilengos. A imagem a seguir (Figura 114) une música e intervenções artísticas no Muro das Artes, espaço cedido pela igreja matriz da cidade de Vigia de Nazaré, no nordeste do Pará.

Figura 114 - Mural Contemporâneo por Adriano DK na Tarrafiada Cultural



Fonte: Arquivos pessoais do artista Adriano DK

4.5.1. Participações internacionais de Adriano DK

A primeira experiência internacional de Adriano D aconteceu na Itália (Figura 115).

Eu fui para Itália e tive a experiência de fazer uma exposição e também fazer um mural no túnel subterrâneo. Tinham vários *graffiti* lá. O túnel era completamente cheio de *graffiti*! Então, você podia pintar por cima do outro *graffiti*. Tinha alguns que você precisava falar com um rapaz que trabalhava lá e ele indicava qual *graffiti* você podia pintar. Então eu acabei fazendo essa intervenção lá e foi uma experiência muito boa, apesar de eu não falar muito a língua deles. Mas as pessoas quando passavam, olhavam a minha arte. Eu jogo bem cor, é algo bem colorida, então quando as pessoas passavam, elas ficavam impressionadas com aquele estilo de *graffiti* que eu estava desenvolvendo ali naquele túnel. Foi uma experiência muito boa! Eu tive como levar minha cultura um pouco para eles conhecerem, como também para eu conhecer um pouco da cultura deles de lá (Adriano DK, 2019) ¹¹⁹.

¹¹⁹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Adriano DK à autora.

Figura 115 - Adriano DK na Itália



Fonte: Arquivo pessoal do grafiteiro Adriano DK

Adriano DK participou do Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI), um evento dedicado à cultura tradicional e ao tema da máscara em particular. Na visita que fez a Portugal, o artista recebeu o convite junto com o Boi Tinga de São Caetano de Odivelas e as Bandas Rodrigues dos Santos e Milícia Odivelense, para a realização do intercâmbio cultural. Durante a participação no festival, Adriano DK brincou no boi e deixou um mural em uma das vias de Portugal, cheio de cores e traços odivelenses (Figura 116).

Figura 116 - Mural Contemporâneo Raízes Odivelenses em Portugal



Fonte: Arquivo pessoal do grafiteiro Adriano DK

Eu fui para Portugal, fui fazer um trabalho de intercâmbio em Odivelas de Portugal, cidades irmãs. O Adriano foi neste mesmo período e eu fiquei muito emocionado, quando eu vi ele grafitando. Sabe o And Santtos? Ele já foi também depois! Então, quando a gente vê um odivelense mostrar lá em Odivelas de Portugal, em outro país, um artista da tua terra mostrando todo um talento e mostrando algo que é da cidade deles, que é do lugar deles, isso pra mim é o mais importante! Outro dia fui a Belém na época do carnaval, estava tocando em um bar e quando cheguei lá, eu vi um *graffiti* do Adriano. Já vi do And Santtos também. É de lá de São Caetano de Odivelas! Tá entendendo? Deixa a gente assim com mais vontade de fazer o que a gente faz, porque acaba uma coisa puxando a outra. (Márcio Rodrigues, maestro e professor da Escola Rodrigues dos Santos, morador de São Caetano de Odivelas)¹²⁰.

Adriano DK, ao retornar para o Brasil, foi convidado para realizar uma exposição em Brasília com a temática da manifestação cultural Boi de Máscaras em telas repletas de cores, criatividade e poesia (Figura 117).

¹²⁰ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Márcio Rodrigues à autora.

Figura 117 - Exposição em Brasília



Fonte: Arquivo pessoal do artista Adriano DK

Adriano DK e And Santtos são dois artistas de São Caetano de Odivelas que escrevem histórias singulares. As ruas da cidade, como apresentamos na cartografia de suas obras, ainda na introdução desta dissertação, compõem uma paisagem urbana, colorida, por onde circulam moradoras e moradores orgulhosos de verem a cultura local tão valorizada. As obras desses dois artistas fazem a história do presente da cidade mais colorida e mais local.

*Considerações finais: Das
megalópoles a cidade
pequena na Região do
Salgado: Entre viadutos e rios*



Figura 118 - Mémoria Odivilense
Fonte: Adriano DK (2015)

Por que está se desenvolvendo a arte urbana em São Caetano de Odivelas? Quem está consumindo? Como isso se desenvolveu em São Caetano em que o estilo de vida é outro, por quê? Por que os murais se desenvolveram em um ambiente que não é próprio da arte urbana? São perguntas que traçamos ao longo do trabalho de campo e tivemos respostas a partir da observação participante.

Appadurai (2004) exemplifica a conexão entre fronteiras a partir do conceito de Tecnopaisagem, quando diz que a: “[...] configuração global, sempre tão fluída, da tecnologia e ao fato de a tecnologia, tanto com alta como a baixa, a mecânica e informacional, transpor agora velocidades diversos tipos de fronteiras antes impenetráveis” (APPADURAI, 2004, p. 52).

O artista se identificou com o *odivelismo* e a partir dele, operacionalizou a arte urbana; pode-se se dizer que ele personificou, ele tornou concreto a partir dos murais na cidade. Além disso, Adriano DK também possui uma linguagem artística, como a montanha de cabeçudos que é sempre presente em suas obras.

Sinto-me muito representado nesses murais, primeiro os artistas são de lá, são pessoas que cresceram junto com a gente, como o Adriano DK, o próprio And Santos representam muito essa arte do *graffiti* e de retratar o nosso dia a dia, vê ali um *graffiti*, algo que você faz e que alguém foi lá e te retratou, tem música ali, tem uma figura musical, tem alguém tocando ,tem a orquestra do boi ,desde de criança você acaba se envolvendo. Cada artista tem um olhar diferente, um *graffiti* diferente ,mas todos voltados para essa cultura da cidade ,eles acabam envolvendo tudo lá, o boi de máscaras que é o que realmente representa e a música que você vê no *graffiti* deles, eles falam que se misturam as coisas lá, se mistura como a história da cidade, eu vejo-me na arte representada por eles dois (Márcio Rodrigues, professor e maestro da Banda Rodrigues, morador da cidade de São Caetano de Odivelas) ¹²¹.

Eu sinto-me muito representado, eles são grandes artistas que procuram retratar as imagens, na qual temos a visão de que fazemos parte do mural. A gente que promove a cultura odivelense, nos sentimos satisfeitos, se sente feliz, eles são os nossos artistas, são nossos irmãos, sempre trocamos ideias tentando fazer com que as autoridades tenham um olhar diferenciado para nos quanto artistas, que estamos sempre fazendo a arte na cidade, além de outros artistas espalhados pela cidade como os nossos artesãos, os que constroem os bois e cabeçudos, pierrô, das máscaras (Claudenildo Zeferino, regente e professor da Escola de Milícia Odivelense, morador de São Caetano de Odivelas) ¹²².

O mural na Praça dos Pescadores (Figura 119) foi elaborado pelos dois artistas, And Santos e Adriano DK, trabalho coletivo de restauração da praça feita pelos moradores de São Caetano de Odivelas.

¹²¹ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Márcio Rodrigues à autora.

¹²² Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por Claudenildo Zeferino à autora.

Figura 119 - Mural por And Santtos e Adriano DK na Praça do Pescadores



Fonte: Fotografia de Denise Sá (2020)

O consumo de murais na cidade é visto com muita propriedade, fachadas de casas ganham um estilo peculiar do lugar, uma imagem ampliada da cultural local ou a lembrança de um ente querido, se mesclam com personagens do Boi de Máscaras, tornando-se uma cena própria deste espaço. A vontade e o desejo em ter um mural com os traços culturais, torna-se frequente no cotidiano deste espaço.

A fisionomia da cidade é dada pela dinâmica dos sujeitos que a ocupam. A cidade é plural, coletiva, caleidoscópica, polifônica. O estímulo a uma cidade culturalmente diversa, que permite a criação de espaços confortáveis para a diversidade dos que a habitam a fim de que possam reconhecer-se, a constituição de espaços públicos onde é possível construir o nós comum é um enorme desafio que se coloca na contemporaneidade. Uma outra simbiose íntima entre cultura e cidade precisa ser formulada num processo de reinvenção do cotidiano a fim de encontrar soluções culturais criativas para a vida em comum na cidade, defende Teixeira Coelho (OLIVEIRA, 2011, p. 2).

A cena da estética urbana das grandes cidades, trânsitos caóticos, pixação em grandes prédios, a verticalização e ilhas de calor em transe, murais de *graffiti* expansivos em viadutos e grandes avenidas. As cores de tintas e *spray* são encontradas também em outros circuitos urbanos, como uma cidade pequena do interior do estado do Pará. São Caetano de Odivelas possui essa peculiaridade expansiva da arte urbana em diálogo a cultura Boi de Máscaras (Figura 120).

O *graffiti* da cidade do interior tem uma expressão muito válida também em comparação às cidades metropolitanas, as grandes cidades, por exemplo, a cidade de Belém tem muitos *graffiti* espalhados pelas ruas, mas na cidade do interior como São Caetano de Odivelas, elas começam a se apropriar dentro desse contexto da arte urbana, começam a personalizar os muros da cidade com a temática da manifestação Boi de Máscaras. O *graffiti* começa a se expandir dentro da cidade e ele partiu do muro da cidade e foi para dentro das casas, com a temática da cultura popular que é uma expressão muito forte, por conta das pessoas terem a idéia do pertencimento, do que é meu e do que eu posso valorizar (And Santtos, 2019)¹²³.

Figura 120 - Mural contemporâneo em fachada de casa por Adriano DK



Fonte: Fotografia de Priscilla Brito (2018)

Desta forma, O processo de globalização faz os fluxos humanos, sociais, culturais atingirem lugares distantes jamais imaginados de serem atingidos pela cena tecida pelos grandes centros urbanos.

¹²³ Trecho retirado da entrevista, gravada em áudio, concedida por And Santtos à autora.

Fizemos um apanhado teórico que, por sua vez, contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho e a necessidade de compreender outras interfaces, como entre antropologia e comunicação, favorecendo a compreensão dos processos de sociabilidade sobre a cena cultural e artística, em uma pequena cidade do nordeste paraense.

Realizar uma pesquisa com tonalidades etnográficas, em diálogo interdisciplinar entre comunicação e antropologia remete a uma dimensão da urbe como palco de interação e mediações entre os sujeitos sociais e na relação de práticas culturais, “um olhar antropológico sobre a cidade” (AGIER, 2015), sobre o mundo citadino de São Caetano de Odivelas. Os interlocutores da pesquisa ajudaram-me a entender esse processo, além de observar fortemente um consumo da cultura local, como também vendas de camisetas, biscuit, máscara de papel machê e o consumo de murais contemporâneos em diversos espaços da cidade, sendo a temática voltada ao colorido de Odivelas, com figuras centrais do pierrô, o buchudo dentre personagens reais, como os próprios pescadores, o mangue e a paisagem central do rio Mojuim.

A experiência de campo proporcionou-me novas percepções, novos olhares sobre um mundo às margens do rio Mojuim, arraigado de uma alma poética e histórias orais, diante dos relatos da cidade em artes, em que os moradores deixam evidente em suas falas a importância da valorização cultural e de como se sentem representados pelos murais da cidade. Relatos como “essas imagens representam muito aqui a cidade, a cidade possui o Boi de Máscaras, todo mundo tem essas imagens na casa”, “O muro começou a despertar muitas coisas nas pessoas, como na gente também”. Interessante notar que, durante a conversa, o conceito odivelismo é explicado com muita propriedade e pertencimento pelos moradores, além de mencionarem And Santtos e Adriano DK, como grandes artistas e com orgulho de eles propagarem a cultura odivelense em outros circuitos, como exposições de artes tanto na capital paraense quanto na Europa, como Portugal e Itália.

A conversa fluía, no início costumava perguntar sobre o que representava a cidade e os murais espalhados e se realmente a comunidade sentia-se representada. A fala era carregada de afeto e memória, em torno de histórias à beira do mar, sobre o pai pescador, a mãe que elabora as máscaras de pierrô em papel machê, o filho e a filha que são “tripas” do boi e adoram dançar no cortejo Boi de Máscaras.

Interessante notar que uma cidade com menos de 20.000 habitantes possui um cenário repleto de murais extensivos. Neste sentido, consideramos uma desconstrução, além do processo de reelaboração com o toque do contemporâneo, com estudos, conceitos e linguagens construídas pelos artistas locais.

Os murais contemporâneos, representam a arte urbana presente na visualidade da cidade com técnicas variáveis, com diferentes materiais, como rolo, pincel, pigmentos, o pincel de mato, elaborado por And Santtos para novos efeitos e o uso do *spray* na produção, tanto para a construção total de um muro e/ou para dar um efeito tridimensional. Carregamos esse conceito como forma de mostrar tudo que está na rua, como uma intervenção, a arte de rua em cena na cidade de São Caetano de Odivelas, com uma peculiaridade e particularidade, em relação à permanência da arte odivelense nos muros.

O diálogo entre a cultura popular e a arte urbana se fortalece na cidade a partir de práticas artísticas, expressões da diversidade na contemporaneidade, diante de uma cena que vem das grandes capitais e viadutos, que invadem o cenário da cidade com Rio, Mangue e Boi de Máscaras.

O que está longe está perto e se reconstitui.

Referências Bibliográficas

- ABALOS JÚNIOR, José Luís. A arte de rua enquanto experiência geracional. **Cadernos de Arte Pública**, Lisboa, v. 1, n. 1, dez. 2019. Disponível em: <https://sauc.website/index.php/CAP/issue/view/8>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- ADERALDO, Guilherme André. **Reinventando a cidade**: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas “periferias” de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2017. 278 p.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, dez. 2015.
- ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim; SANTOS, Jorge Luiz Oliveira dos. É dia de folia: o folgado do Boi de Máscara em São Caetano de Odivelas/PA. **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 2, p. 117-136, jul./dez. 2012. Disponível em: http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v43n2/rcs_v43n2a9.pdf. Acesso em: 24 nov. 2019.
- AMARAL FILHO, Otacílo; ALVES, Regina de Fátima Mendonça. **Espetáculos culturais na Amazônia**. Curitiba: CVR, 2018.
- ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **Biograficidade**: a arte urbana na formação de si e do espaço. 2017. 296 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultura global. In: ARJUN, Appadurai. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BESSA FREIRE, José Ribamar. **Rio Babel**: a história das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: EDURJ, 2004.
- CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. Movimentos da imagem no *graffiti*: das ruas da cidade para os circuitos digitais. In: SIMÕES, José Alberto; CARMO, Ricardo Miguel do (org.). **A Produção das mobilidades**: redes, espacialidades e trajectos. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2009. p. 91-112.
- CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. **Pintando a cidade**: uma abordagem antropológica ao *graffiti* urbano. 2007. 510 f. Tese (Doutorado em Antropologia Visual) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

CAMPOS, Ricardo. **Pintando a cidade**: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia – Especialidade Antropologia Visual) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Tradução de Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASTRO, Fabio Fonseca de; FREITAS, Aline Meriane do Carmo de. De que periferia estás falando? Da representação artística à representação social da periferia em escolas periféricas de Belém. **Conexão – Comunicação e Cultura (UCS)**, Caxias do Sul, v. 12, n. 23, jan./jun. 2013.

COLÉGIO SÃO JOSÉ. **Máscaras venezianas**. Disponível em: <http://www.csj.g12.br/mascaras-venezianas-2/>. Acesso em: 20 maio 2019.

COSME, Priscilla Brito. **O Audiovisual e o grafite como linguagens pedagógicas**: uma discussão sócio-histórica em contextos educativos. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

COURTINE, Jean Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COWPARADE. Disponível em: <https://www.cowparade.com.br/belem-2016>. Acesso em: 10 mar. 2019.

DIÓGENES, Glória; CAMPOS, Ricardo; ECKERT, Cornélia. As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas (apresentação). **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2016.

DIÓGENES, Glória. Projetos, experiências, intervenções: a arte de fazer Enxame: experiências de ressignificação juvenil na cidade. **Política & Sociedade**, v. 5, n. 8, p. 191-222, 2006.

ESTRELLA, Charbelly. A poética do grafite e a visualidade do ambiente urbano. **Logos: Comunicação & Universidade**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1, p. 128-149, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos Tupinambá**. São Paulo: Instituto Progresso Oriental, 1969.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **O boi de máscaras**: festa, trabalho e memória na cultura popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas. Belém, Pará: EDUFPA, 2007.

FERRARA, Lucrécia. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Paulus, 2015.

FERREIRA, Leila Cristina Leite. **"E aí, vai ficar de toca? Cola em nós"**: lata na mão, grafiteiros na rua, arte nas paredes: a juventude grafiteira em Belém. 2013. Dissertação

(Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: a história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FRANCO, Sérgio Miguel. **Iconografias da metrópole**: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

FREEIMAGENS. **Máscara Veneziana**. Disponível em: <https://pt.freeimages.com/photo/my-venetian-mask-s-1421857>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos, 312).

IBGE. **Censo Demográfico**, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-caetano-de-odivelas/panorama>. Acesso em: 12 set. 2019.

ICMBio. **Estudo socioambiental referente à proposta de criação de Reserva Extrativista Marinha no município de São Caetano de Odivelas, estado do Pará**. [Brasília], 2014. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas_publicas/Estudo_Socioambiental_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Resex_em_S%C3%A3o_Caetano_de_Odivelas_PA_2.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.

IDEB. **Resultados e metas**. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

INEP. **Censo escolar**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 15 abr. 2019.

JUNG, Carl G. *et al.* **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing**. 14. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

LEAL, Gabriela Pereira de Oliveira. **Cidade**: modos de ler, usar e se apropriar – uma etnografia das práticas de graffiti de São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LUA DE CRISTAL FANTANSIAS Máscara V de Vingança – plástico. Disponível em: <https://www.luadecristalfantacias.com.br/mascara-v-de-vinganca-plastico>. Acesso em: 20 set. 2019.

MACEDO, Márcio. Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). In: KOWARICK, L.; FRÚGOLI JR., H. **Pluralidade urbana em São Paulo**: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Editora 34: Fapesp, 2016. p. 23-54.

MAESTRI, Mário. **Os senhores do litoral**: conquista portuguesa e agonia tupinambá no litoral brasileiro (século 16). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na Metrópole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. *In*: NAVARRO, Pedro (org.). **Estudos do Texto e do Discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 153-179.

MONTI, Franco. **As Máscaras africanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MUSEU NACIONAL (Brasil). **Máscara Tikuna**. Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/etnologia/brasil_indigena/etn019.html. Acesso em: 20 maio 2019.

NEVES, Ivânia dos Santos. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. 2009. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

NEVES, Ivânia dos Santos. EtniCidades: os 400 anos de Belém e a presença indígena. **Moara**, Belém, n. 43, p. 27-44, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2634>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NEVES, Ivânia dos Santos; SILVA, Camille Nascimento; SODRÉ, Roberta. Mulheres indígenas nas tintas das grafiteiras Ka e Cely Feliz. **Revista Eletrônica Visagem**, Belém, v. 2, n. 2, p. 285-306, 2016. Disponível em: <http://www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE SÃO CAETANO DE ODIVELAS. Disponível em: <https://m.facebook.com/profile.php?id=100027487472490>. Acesso em: 26 jan. 2020.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. A cidade tecida pela cultura: a cultura tecida pela cidade. **PontoUrbe**, São Paulo, n. 9, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1806>. Acesso em: 1 maio 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma diversidade diversa. Belém: Edufpa, 2005.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Um rolê pela cidade de riscos**: leituras da pixação em São Paulo. São Carlos: EDUFSCar, 2018. 191 p.

PORTAL Geledés. **Máscara Geledés**. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-gelede/>. Acesso em: 20 set. 2019.

ROCHA, Marlúcia Mendes da. Jean-Michel Basquiat (1960-1986). **Revista Kâwê**, n. 2, p. 37-39, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua**: estudo de antropologia urbana. *Revista Rua*, vol. 9(1), p. 101-127, 2003.

SAMPAIO-SILVA, Orlando. Máscaras de dança Tükúna. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo**, n. 10, p. 271-288, 2000.

SCHAAN, Denise Pahl. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222007000100006>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SILVA, Armando. **Atmosferas urbanas**: grafite, arte pública, nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

SILVA, Camille Nascimento da. **A presença indígena nos grafites de Belém**: entre fraturas e resistências. 2017. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2017.

SILVA, Silvia Sueli Santos da. **Boi Tinga**: um cortejo de caricaturas em São Caetano de Odivelas. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SILVA, Silvia Sueli Santos da. **O Boi e a máscara**: imaginário, contemporaneidade e espetacularidade nas brincadeiras de boi de São Caetano de Odivelas - Pará. 2011. 244 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUSA, Érica de; OLIVEIRA, Paula Karoline da Silva de. **A arte como construto gerador de sentidos na cultura do Boi de Máscaras de São Caetano de Odivelas** – Pará. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

SOUSA, Natália Gonçalves. **O break dance no Brasil e na França**: uma proposta de definição e tradução de seus principais elementos. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Língua Francesa e respectivas Literaturas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SPINELLI, João J. **Alex Vallauri**: Graffiti: fundamentos estéticos do pioneiro do grafite no Brasil. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.

SUAREZ, Victor. **Free A minha máscara veneziana Stock Photo**. Disponível em: <https://pt.freeimages.com/photo/my-venetian-mask-s-1421857>. Acesso em: 20 set. 2019.

TABORDA, Jeferson Camargo. **Uso dos espaços e uso dos afetos**: cartografias da prática da pichação para pensar as relações entre a cidade e a governamentalidade. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017.

TAVARES, Marcelo. **Pela lente eu vejo**: visualidades na Resex Macapajuba em São Caetano de Odivelas-Pa. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

VELHO, Gilberto. **A Utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VENDRAMINI, José Eduardo. A commedia dell'arte e a sua reoperacionalização. **Transformação**, Marília, v. 24, n. 1, 2001.

ZORZO, Francisco Antônio. A visualidade urbana contemporânea como campo de estudos interdisciplinares. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 13, n. 1, 2012.



Belém - Pará
2020